



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**BRUNO DE MENEZES SANTOS**

**MOBILIDADE INTERNACIONAL E ASSOCIATIVISMO DE  
ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL: O CASO DA UNILAB**

São Cristóvão/SE

Fevereiro, 2025

**BRUNO DE MENEZES SANTOS**

**MOBILIDADE INTERNACIONAL E ASSOCIATIVISMO DE  
ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL: O CASO DA UNILAB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Orientador:**

Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes

**Co-orientador**

Prof. Dr. Luis Bonilla-Molina.

São Cristóvão/SE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237m Santos, Bruno de Menezes  
Mobilidade internacional e associativismo de estudantes africanos no Brasil : o caso da UNILAB / Bruno de Menezes Santos ; orientador Marcelo Alario Ennes. – São Cristóvão, SE, 2025.  
107 f.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Sociologia. 2. Emigração e imigração. 3. Estudantes africanos – São Francisco do Conde (BA). 4. Associações e instituições, etc.... 5. Estudantes estrangeiros. 6. Estudantes africanos – Migrações. 7. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. I. Ennes, Marcelo Alario, orient. II. Título.

CDU 316.75:314.15-057.87

## **Agradecimentos**

A minha avó, Valda Meneses Carvalho, em memória. Por nunca ter medido esforços para me apoiar nos estudos, por não julgar as minhas escolhas e por nunca me comparar com ninguém. Perco-te em vida, mas nunca em memória. Deixo o seu nome nos agradecimentos iniciais desta dissertação como forma de manifestar e materializar seus conselhos e o imenso amor que sinto por ela. Eu te amo, e sou eternamente grato por teres sido parte da minha vida.

Aos meus pais, José e Elisângela, e à minha irmã, Byanka, pelo apoio incondicional em meus projetos. Aos meus sogros, Ana e José, pelo carinho e confiança durante minha vivência em Aracaju.

Ao amor da minha vida, minha esposa, Ana Flávia, agradeço por me acompanhar e ser minha grande companheira nessa jornada acadêmica. Agradeço pelos cuidados, carinho e atenção, pelas horas em que se tornou ouvinte dos meus insights e ideias, pelas trocas de leituras e pelos comentários e críticas construtivas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes, agradeço primeiro pelo voto de confiança durante a graduação, agora no mestrado e, futuramente, no doutorado. Sei que não sou de expressar verbalmente minha imensa gratidão, mas considero a seriedade com que trabalho com o senhor uma forma de demonstrar o quanto me sinto confortável e grato por compartilhar minhas ideias com você. Aprecio profundamente o seu papel nas contribuições para o meu desenvolvimento intelectual.

Aos meus amigos do "Correrias UFS" – André, Carlos, Larissa, Luciana e Lucimar –, pessoas por quem nutro um imenso carinho e admiração, especialmente por termos construído uma amizade que vai além da vida acadêmica. Agradeço pelas trocas, pelas discussões e espero que possamos compartilhar muitos outros momentos juntos, incluindo churrascos.

Aos colegas do GEPPIP e do Projeto de Solidariedade Acadêmica, cujas reuniões, viagens de campo e sugestões contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento e para o avanço desta dissertação. Agradeço especialmente a Alisson, Izabela, Luís, Fabien, Daniel, Melissa e à Prof. Dr<sup>a</sup> Flávia de Ávila.

Por fim, quero agradecer aos estudantes internacionais da UNILAB, alguns dos quais, após as visitas ao campus dos Malês, tornaram-se grandes amigos, especialmente Osman e Hulda. Agradeço também ao DICAC, por contribuir na continuidade da minha jornada acadêmica e por último, agradeço a CAPES pela bolsa de estudos, que me permitiu dedicar-me integralmente ao desenvolvimento deste projeto.

Em momentos de agradecimento como este, é possível que alguns nomes sejam esquecidos devido à grande quantidade de pessoas que marcaram minha trajetória. No entanto, aos que não foram citados, deixo meus sinceros agradecimentos e afirmo que, sem o apoio de todos, minha jornada teria sido muito mais difícil.

## **Resumo**

Esta dissertação apresenta os resultados de um estudo da mobilidade e a integração de estudantes africanos provenientes de Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O problema de pesquisa foca na compreensão das estratégias de atuação e resolução de problemas desses estudantes no Campus dos Malês da UNILAB/BA, localizada no Nordeste brasileiro por meio de abordagens qualitativas. Criada em 2010, com base na cooperação Sul-Sul, a UNILAB destaca-se como um espaço que reflete as políticas educacionais internacionais e as relações entre Brasil e África. Apesar de seu propósito acolhedor, os estudantes africanos enfrentam desafios como preconceito racial, xenofobia e precariedade nos serviços públicos. Em resposta a essas adversidades, criam redes de solidariedade organizadas em associações, fóruns e coletivos. Essas organizações promovem eventos culturais e acadêmicos, com o objetivo de reeducar a população local e valorizar suas identidades. O estudo destaca que essas redes constituem os principais mecanismos de resistência e atuação coletiva, desempenhando papel importante na mitigação e resolver os problemas enfrentados tanto na universidade quanto na cidade de São Francisco do Conde.

**Palavras-chave:** Migrações Qualificadas; Estudantes Internacionais; Africanos; São Francisco do Conde; Associativismo.

## **Abstract**

This dissertation investigates the mobility and integration of African students from Portuguese-speaking African countries (PALOP) at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). The research problem focuses on understanding the strategies of action and conflict resolution employed by these students within the context of UNILAB/BA, located in Northeastern Brazil. Through qualitative and quantitative approaches, the study analyzes mobility policies aimed at professional qualification or training, the students' profiles, and their strategies for addressing conflicts. Established in 2010, based on South-South cooperation, UNILAB stands out as a space that reflects international educational policies and the relations between Brazil and Africa. Despite its welcoming purpose, African students face challenges such as racial prejudice, xenophobia, and inadequacy in public services. In response to these adversities, they create solidarity networks organized into associations, forums, and collectives. These organizations promote cultural and academic events, aiming to educate the local population and value their identities. The study highlights that these networks constitute the main mechanisms of resistance and collective action, playing a crucial role in mitigating conflicts faced both at the university and in the city of São Francisco do Conde.

**Keywords:** Qualified Migration; International Students; Africans; São Francisco do Conde

**LISTA DE FIGURAS**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Selecionados - África (2000-2017).....                              | 42 |
| Figura 2 - Vista aérea do Campus da Liberdade em Rendeção (CE).....            | 47 |
| Figura 3 - CAMPUS DA LIBERDADE .....   | 47 |
| Figura 4 CAMPUS AURORA .....   | 48 |
| Figura 5 - UNIDADE ACADÊMICA DOS PALMARES.....                                 | 49 |
| Figura 6 - CAMPUS DOS MALÊS .....  | 57 |
| Figura 7 - Construção do CAMPUS DO MALÊS .....                                 | 57 |
| Figura 8 - Redes de estudantes africanos da UNILAB/BA.....                     | 63 |
| Figura 9 - Organograma da estrutura organizacional geral das associações ..... | 69 |

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 - Nacionalidades Campus DOS MALÊS (2022.2).....   | 59 |
| Gráfico 2 - Classificação Racial - CAMPUS DOS MALÊS (2022.2) .....                                  | 59 |
| Gráfico 3 - Gênero Dos Estudantes Internacionais- CAMPUS DOS MALÊS. ....                            | 60 |
| <br>  |    |
| Tabela 1 - Dado Gerais Da Unilab Do Ceará E Bahia Por Ano/Semestre. ....                            | 50 |
| Tabela 2 - Percentual de Estudantes Brasileiros e Internacionais na UNILAB por Semestre. ....       | 52 |
| Tabela 3 - Estudantes PALOP na UNILAB CE/BA por nacionalidade de acordo com o semestre 2022.2 ..... | 54 |
| Tabela 4 - Comunidade Palop E Sua Raça De Acordo Com o Semestre 2022.2.....                         | 55 |
| Tabela 5 - A Comunidade Palop E Seu Mercado Social De Gênero (2022.2).....                          | 55 |
| Tabela 6 - Oferta De Cursos e Alunos Matriculados Nos Cursos Do CAMPUS DOS MALÊS. ....              | 58 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AESA:** Associação dos Estudantes Angolanos
- ASEA:** Associação de Estudantes e Amigos da África
- ASSEMU:** Associação dos Estudantes Moçambicanos
- CMA:** Coletivo de Mulheres Africanas
- CPLP:** Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
- CTPD:** Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
- ELAM:** Escola Latino-Americana de Medicina
- END:** Estratégia Nacional de Defesa
- ERASMUS:** European Action Scheme for the Mobility of University Students;
- FEGUI:** Fórum dos Estudantes Guineenses
- GEPPIP:** Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder
- IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IES:** Instituições de Ensino Superior
- MRE:** Ministério das Relações Exteriores
- NAIR:** Núcleo de Acolhimento ao Imigrante/Refugiado
- OMC:** Organização Mundial do Comércio
- PAES:** Programa de Assistência ao Estudante
- PALOP:** Países de Língua Oficial Portuguesa
- PDPG:** Pós-Graduação dos Projetos Solidariedade Acadêmica
- PEC-G:** Programa de Estudantes-Convênio Graduação
- PISEEI:** Processo Seletivo de Estudantes Internacionais
- PND:** Plano Nacional de Defesa
- PT:** Partido dos Trabalhadores
- RU:** Restaurante Universitário
- SECITECE:** Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Governo do Estado do Ceará
- UNILA:** Universidade Federal da Integração Latino Americana
- UNILAB:** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## **Sumário**

|   |            |
|---|------------|
| <b>Introdução</b> .....   | <b>8</b>   |
| <b>CAPÍTULO I: TEORIAS MIGRATÓRIAS</b> .....  | <b>16</b>  |
| 1.2. TRANSMIGRANTES.....  | 19         |
| 1.3. REDES SOCIAIS E MIGRATÓRIAS .....  | 21         |
| 1.4. ASSOCIATIVISMO IMIGRANTE .....   | 26         |
| <b>CAPÍTULO II: ESTADO DA ARTE SOBRE A MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL</b> .....  | <b>31</b>  |
| 2.1. ESTADO DA ARTE SOBRE A MOBILIDADE DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS .....   | 31         |
| <b>CAPÍTULO III: O BRASIL E A ÁFRICA: POLÍTICAS EXTERNAS, MOBILIDADE LUSÓFONA E O CASO DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)</b> . .... | <b>40</b>  |
| 3.1 O BRASIL E A ÁFRICA: ENTRE AS POLÍTICAS EXTERNAS E AS MOBILIDADES PARA FINS DE EDUCAÇÃO. ....   | 40         |
| 3.2 A UNILAB DO CEARÁ.....  | 45         |
| 3.3 A COMUNIDADE AFRICANA NA UNILAB CE/BA.....  | 53         |
| 3.4. O CAMPUS DOS MALÊS .....   | 56         |
| 3.5. OS PROGRAMAS ASSISTÊNCIA DA UNILAB.....  | 60         |
| <b>CAPÍTULO IV: AS VIVÊNCIAS DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UNILAB E NA BAHIA</b> .....   | <b>63</b>  |
| 4. 1. A EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE PALOP NA UNILAB E NA BAHIA E AS ASSOCIAÇÕES INTERNACIONAIS .....   | 63         |
| 4.2. ESTUDANTES INTERNACIONAIS: ENTRE A PERCEPÇÃO DO FENÔMENO DE RAÇA E O RACISMO. ....   | 72         |
| 4.3. O ESTUDANTE É AFRICANO E INTERNACIONAL.....  | 78         |
| 4.4. AS ESTUDANTES INTERNACIONAIS E OS OLHARES HIPERSEXUALIZADORES .....  | 81         |
| 4.5. O ASSOCIATIVISMO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO.....   | 86         |
| 4.6. OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS E AS QUESTÕES ECONÔMICAS .....  | 92         |
| 4.7. O ASSOCIATIVISMO COMO REDE MIGRATÓRIA. ....  | 99         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | <b>103</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....   | <b>107</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir da necessidade de compreender os mecanismos de mobilidade e integração dos estudantes africanos, em específico daqueles oriundos de Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e que estão inseridos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

As motivações que me fizeram estudar a referida mobilidade estudantil internacional refletem, inicialmente, na minha inserção ao Grupo de Estudos e Pesquisa “Processos Identitários e Poder” (GEPPIP). No período da graduação, participei do projeto de extensão Núcleo de Acolhimento ao Imigrante/Refugiado em Sergipe (NAIR/UFS/SE); ocasião em que tive contato com a bibliografia sobre a temática das mobilidades humanas, isto é, das migrações.

A aproximação com a temática possibilitou a compreensão de que os migrantes enfrentam resistências com a sua chegada, e são percebidos como potenciais ameaças econômicas, políticas e culturais, ao mesmo tempo em que, em alguns casos, são invisibilizados, e outros ainda são encarados como convenientes ou necessários (Truzzi; Monsma, 2018).

Além dos sentimentos de ansiedade e desconforto, a presença destes indivíduos pode ser vista como perigosa devido ao seu caráter desconhecido (Bauman, 1999). Essas condições os sujeitam a serem vistos como o “estranho” e o “outro”, além de estar sob leis específicas e restritivas, desprovidos de plenos direitos de cidadania e associados a riscos imprevisíveis por meio de discursos nacionais (Sayad, 1998; Seyferth, 2008).

Durante minha participação no NAIR/GEPPIP, a literatura que explorei destacou os desafios enfrentados pelos migrantes no Brasil. No entanto, ao conduzir projetos de iniciação científica e o meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2021 sobre Associativismo Imigrante em Sergipe e Redes de Solidariedade Étnicas de Estudantes Africanos no Brasil, respectivamente, a pesquisa empírica não apenas validou os problemas enfrentados pelos imigrantes, mas também revelou as estratégias e mecanismos desenvolvidos para atenuar os impactos da mobilidade, integração, permanência e retorno.

Assim, as migrações internacionais demandam abordagens que evitam simplificações e preconceitos. Diante desse cenário, com o surgimento de novas formas de migração na era da globalização, destaca-se a necessidade de reexaminar paradigmas na Sociologia das Migrações para uma compreensão mais abrangente (Patarra, 2006; Truzzi; Monsma, 2018).

Este estudo aborda os fluxos migratórios no Brasil, em foco as movimentações do "Sul Global" (Truzzi, Taniguti, 2020). Destacam-se migrações significativas de países latino-

americanos, dos PALOP e não PALOP, e de nações asiáticas, representando uma inversão na tradicional lógica de migração para o hemisfério norte (Truzzi e Taniguti, 2020). Nesse contexto, as migrações contemporâneas não apenas invertem a direção dos fluxos, passando do norte para o sul, mas também se reorientam por meio de novas categorias de análise.

Nessa abordagem, a temática da mobilidade estudantil está em diálogo com as migrações qualificadas, contrastando com a perspectiva tradicional que focava nas análises de "fugas de cérebros". Esta última concentrava-se principalmente nas perdas econômicas resultantes da saída de recursos humanos qualificados (Pedone e Alfaro, 2018).

Considerando as contribuições do professor Luis Bonilla-Molina, desenvolvo esta pesquisa sob a perspectiva da internacionalização do ensino superior. A mobilidade internacional de estudantes para obter qualificações em instituições de ensino superior não se limita apenas aos temas de imigração, mas envolve também os aspectos nacional e institucional do país receptor.

Assim, o foco não se restringe à compreensão das causas da mobilidade, mas também à identificação dos mecanismos relacionais com a sociedade brasileira, entre estudantes africanos e suas estratégias de atuação. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo geral explorar para além dos mecanismos de mobilidade institucionais e sociais que regem a UNILAB, as estratégias de estudantes africanos na resolução de problemas no Campus do Malês e na cidade de São Francisco do Conde.

Destaca-se que a mobilidade e ingresso de estudantes internacionais que ocorrem na UNILAB, envolvendo estudantes do Ceará e da Bahia, fundamentada em princípios cooperativos (Unilab, 2010). Na análise do mecanismo de mobilidade, examinam-se as políticas da UNILAB enquanto uma instituição constituída por sistemas e redes migratórias. Quanto à resolução de problemas, o foco está nas estratégias que os estudantes africanos desenvolvem a partir das redes de solidariedade nacionais, os coletivos e o fórum.

Para atingir o objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos que orientarão o desenvolvimento da dissertação: 1) Examinar as políticas brasileiras de mobilidade internacional no eixo educacional, com foco na recepção de estudantes internacionais no Brasil; 2) Identificar o perfil dos estudantes participantes nessa mobilidade internacional, incluindo dados sobre nacionalidades, raça, gênero e classe social; 3) Investigar as estratégias de atuação e resolução de problemas dos estudantes africanos na UNILAB e em São Francisco do Conde.

O primeiro objetivo visa examinar as políticas e programas que influenciam esse fluxo. O segundo tem como propósito identificar o perfil dos que realizam o deslocamento,

incluindo fatores como raça, gênero e classe. No terceiro objetivo serão examinadas as estratégias elaboradas pelos estudantes mediante o associativismo, visando entender sua integração e mitigação de problemas na sociedade de destino.

Há duas justificativas para o desenvolvimento deste trabalho. Uma de caráter pessoal e outra, empírica. A razão pessoal está ligada ao desejo de compreender o fenômeno da mobilidade internacional, especialmente da mobilidade de estudantes do continente africano. Quanto à empírica, reflete a ausência de estudos sobre a presença dos estudantes africanos no Nordeste, sobretudo o que estão ingressos na UNILAB da Bahia. A partir disso, busco compreender os processos que são incorporados na vida desses estudantes durante e após o ato migratório e suas experiências de vida durante o período da sua formação sem dissociar estes indivíduos de sua vida dentro e fora do contexto acadêmico.

Minha hipótese é que a mobilidade de estudantes africanos é influenciada por políticas e programas educacionais, no caso em específico a UNILAB torna-se uma instituição que influencia diretamente o ingresso dos estudantes africanos devido a sua política de integração internacional. Tanto as políticas do país emissor quanto do país receptor desempenham um papel na configuração dos sistemas migratórios, moldando os motivos, condições e a integração dos imigrantes na sociedade de destino. Contudo, a presença dos estudantes internacionais não ocorre sobre a ausência de disputas e conflitos. Na universidade e na cidade onde esses estudantes estão inseridos, sua presença frequentemente provoca estranhamento e exclusões. No entanto, destacamos que são os próprios estudantes internacionais que, por meio de associações e outros mecanismos criados por eles, desenvolvem estratégias para mitigar os impactos do isolamento social, do racismo, da xenofobia, do assédio e dos problemas de moradia, promovendo resoluções tanto no ambiente acadêmico quanto na cidade de São Francisco do Conde.

Na abordagem metodológica deste trabalho, integram-se elementos qualitativos. Os métodos adotados englobam a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, coleta de dados secundários e entrevistas. Por causa disso, dividimos o desenvolvimento do trabalho em três etapas.

Na primeira etapa do trabalho foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica focada nas migrações internacionais, especialmente nas qualificadas, com ênfase na mobilidade de estudantes africanos no Brasil. Com o objetivo de criar um banco de dados e posteriormente um Estado da Arte sobre as pesquisas sobre a presença de estudantes internacionais nas universidades, explorei os seguintes portais eletrônicos: Scielo, Google Scholar e o Portal Capes de Periódicos. Para nos auxiliar na busca utilizei palavras-chaves como "Migrações

Qualificadas", "Mobilidade Estudantil de Africanos" e "Estudantes PALOP no Nordeste", "Estudantes estrangeiros no Mundo".

Após as buscas, construí uma grelha de leitura e posteriormente um banco de dados pessoal, visando identificar as principais contribuições, eixos analíticos usados e as lacunas acerca o fenômeno da mobilidade estudantil. A partir da pesquisa bibliográfica foi possível ampliar e construir um referencial bibliográfico que forneceu suporte para a fundamentação teórica da pesquisa.

Na segunda etapa do trabalho, a pesquisa documental, juntamente com a coleta de dados secundários. Foi correspondente a construção da sócio-história da dissertação, por sua vez, a primeira parte empírica sobre a pesquisa. Para isso, utilizei fontes como livros sobre as relações entre o Brasil e África a fim de identificar como as relações externas entre o Brasil e o continente africano permitiram a construção de políticas educacionais que proporcionaram a mobilidade estudantil.

Coletei dados secundários sobre a presença da migração internacional acadêmica a partir de programas de convênios como o Programa de Estudantes-Convênio Graduação (PEC-G) de forma geral, apresentando os principais países participantes dessa mobilidade.

A coleta secundária consiste em direcionar a atenção aos indicadores quantitativos que abrangem o ano de ingresso, país de origem, gênero, cor e classe social dos estudantes. Essas informações fornecerão um olhar mais amplo sobre o universo investigado, permitindo a compreensão do fenômeno a partir de suas próprias nuances (FRANCO, 2000).

De forma específica em torno ao nosso recorte que são os estudantes internacionais na UNILAB, utilizei o site da UNILAB, para obter os principais indicadores dessa mobilidade como o país de origem, cor, gênero. Além do uso de fontes como as leis de criação da Instituição para identificar suas principais motivações de criação e seus objetivos.

Na terceira etapa, foram feitas as entrevistas durante o trabalho de campo. Este, por sua vez, ocorreu entre duas viagens para São Francisco do Conde, Bahia. Foram a partir dos contatos iniciais da primeira visita exploratória que conheci pessoalmente os estudantes PALOP's da UNILAB.

Fui ao campo de forma exploratória em São Francisco do Conde com dois colegas que faziam parte Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação dos Projetos Solidariedade Acadêmica (PDPG Solidariedade Acadêmica Capes/2022) e um docente que ainda faz parte do mesmo. Após o convite de um professor internacional de Moçambique para participar de uma Mesa Redonda no Colóquio de Mobilidade Internacional tive a oportunidade de conhecer os estudantes que prestigiaram a mesa e o evento como todo.

Após algumas conversas com estudantes, fui apresentado aos dirigentes das associações de estudantes internacionais existentes campus. Dessa forma, pude, a partir, do breve contato com os dirigentes identificar como se organizavam os estudantes internacionais na UNILAB.

Com o objetivo de compreender as vivências dos estudantes internacionais dentro e fora da Universidade, na segunda viagem tive a oportunidade de passar oito dias hospedado na casa de um estudante de Guiné-Bissau. Essa experiência facilitou a condução de entrevistas com os dirigentes e presidentes das associações nacionais. O propósito das entrevistas era compreender a atuação dos estudantes internacionais africanos no contexto unilabiano e na cidade de São Francisco do Conde. Seus relatos foram utilizados como fontes primárias para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Essa abordagem permitiu acessar as experiências dos entrevistados, abrangendo desde a mobilidade acadêmica até o processo de integração na sociedade receptora e no meio acadêmico.

Na segunda visita, o contato inicial permitiu agendar, via WhatsApp, as entrevistas com os dirigentes das associações, do fórum e do coletivo, definindo dia, local e horário. A maioria das entrevistas foi realizada na própria UNILAB, pois o espaço acadêmico, utilizado pelos estudantes para almoçar de segunda a sábado, oferecia maior conveniência e tranquilidade para o deslocamento. Algumas entrevistas ocorreram antes do almoço, a partir das 10h, enquanto outras foram realizadas no período da tarde, por volta das 14h ou 15h.

Meu deslocamento para a UNILAB foi realizado por meio de transporte particular, utilizando moto-táxi. Os locais das entrevistas variaram, conforme a preferência dos participantes: um escolheu um espaço próximo à quadra, outros preferiram os corredores, enquanto uma participante optou por uma das salas vazias.

Não enfrentei dificuldades quanto ao uso dos espaços mencionados, já que optei por realizar as entrevistas durante o período de matrícula dos estudantes recém-chegados. As interrupções foram mínimas. Embora a maioria dos participantes tenha escolhido conduzir as entrevistas no espaço acadêmico, uma participante optou por realizá-la em um espaço público na própria cidade de São Francisco do Conde.

Antes de iniciar as entrevistas e utilizar os instrumentos de pesquisa, como o roteiro semiestruturado, apresentei os termos de consentimento, solicitando autorização para gravar as discussões. O uso das gravações ocorreram pelo celular, sendo este essencial para registrar integralmente as informações. Reforcei aos estudantes que suas falas seriam preservadas sem alterações, e que nomes ou imagens não seriam divulgados, garantindo sua integridade e esclarecendo que a finalidade era exclusivamente científica.

As entrevistas, com duração média de uma hora cada, abordaram aspectos da integração dos estudantes africanos no contexto do Nordeste brasileiro. Entre os temas explorados, destacaram-se seus espaços de atuação, estratégias de resolução de conflitos, mecanismos de mobilidade e integração, além de suas experiências dentro e fora da Universidade.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, busca-se compreender as mobilidades de estudantes internacionais a partir dos conceitos do campo da Sociologia das migrações, com destaque para o de sistemas migratórios, que explicita as interconexões entre países de origem e destino. Analisam-se as dinâmicas desses fluxos migratórios a partir das políticas brasileiras de mobilidade internacional, com ênfase na recepção de estudantes africanos no Brasil. Nesse contexto, a criação da UNILAB é apresentada como uma rede institucional que apoia a mobilidade estudantil, oferecendo informações, vagas e cursos, consolidando-se como um ponto-chave de uma rede migratória.

O conceito de associativismo contribui para o fortalecimento das redes migratórias e sociais, pois serve como um recurso para facilitar a mobilidade e integração dos estudantes internacionais, fornecendo informações sobre a vida na UNILAB e em São Francisco do Conde, além de funcionar como uma rede social que previne o isolamento e resolve conflitos acadêmicos e sociais.

Por fim, o conceito de transmigrante é auxiliar a dissertação ao destacar que o imigrante não se vê desenraizado, uma vez que os estudantes mantêm vínculos com suas tradições e culturas. Nesse processo, eles se inserem em associações que, com base em suas identidades nacional, étnica-racial e de gênero, desenvolvem estratégias e resoluções de conflitos tanto no ambiente acadêmico quanto social.

No segundo capítulo, apresenta-se um Estado da Arte sobre a mobilidade de estudantes internacionais. O Estado da Arte abrange o período de 1970 a 2010, destacando os principais destinos iniciais, como América do Norte, Europa Ocidental e, em menor escala, Japão. Também são mencionados os principais países emissores, como China, Índia e Alemanha. Embora a América Latina e a África também estivessem presentes nesse contexto, a emissão de estudantes para os principais destinos ocorreu em menor escala (Lima, 2009).

Inicialmente, a mobilidade acadêmica foi associada ao conceito de “fuga de cérebros” (brain drain). Contudo, ao longo do tempo, conforme apontam Pedone e Alfaro (2018), os estudos sobre o tema passaram a reconhecê-la como um fenômeno multifacetado, influenciado por fatores em diferentes níveis: macro (políticos e econômicos), meso (institucionais) e micro (gênero, raça e redes familiares) (Padilla e França, 2015).

No terceiro capítulo, investigamos a relação entre o Brasil e a África no contexto da mobilidade estudantil internacional, com foco nos estudantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). A análise aborda o desenvolvimento histórico e social dessas relações, começando na década de 1960, com a política externa brasileira, que marcou os primeiros indícios de estreitamento de laços com as nações africanas recém-independentes. Em 1974, é apresentado o primeiro programa baseado nas relações de cooperação e educação entre o Brasil e a África, o Programa de Estudantes Convênios de Graduação (PEC-G).

A baixa demanda inicial desses países foi limitada por guerras civis e instabilidade. No entanto, o número de estudantes africanos no Brasil aumentou significativamente a partir da década de 2000, com destaque para Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, e Moçambique.

Foi durante o governo Lula (2003–2011) que houve uma intensificação das relações com países em desenvolvimento, especialmente na África, por meio de políticas de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD) e da promoção da cooperação Sul-Sul. Essas ações tinham como objetivo fortalecer a presença geopolítica brasileira e compartilhar conhecimentos técnicos e acadêmicos, promovendo o desenvolvimento de capital humano nos países parceiros.

É dentro dessas cooperações internacionais Sul-Sul que surge a instituição foco desta dissertação: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Criada como um instrumento de integração educacional e cultural, a UNILAB reforça o compromisso do Brasil com a cooperação acadêmica e a internacionalização do ensino superior.

A criação da UNILAB é um dos pontos que também é trabalhado no terceiro capítulo da dissertação. Como mencionado, a UNILAB é uma universidade pública federal focada na cooperação solidária com países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com ênfase nas nações africanas. A instituição integra as diretrizes de interiorização e internacionalização do ensino superior no Brasil, promovendo a mobilidade acadêmica e a inclusão de estudantes nacionais e internacionais.

Desde sua criação em 2010, a UNILAB tem operado como uma rede migratória no Brasil, especialmente no contexto de solidariedade e cooperação Sul-Sul. Também no terceiro capítulo também apresentamos a história da sua criação, as principais nacionalidades, gêneros e raças dos estudantes internacionais, além de discutir seus programas de acolhimento e assistência estudantil. Também são destacados os principais aspectos dos campi localizados no Ceará e na Bahia.

Por fim, o quarto capítulo aborda a experiência dos estudantes africanos na UNILAB e na cidade de São Francisco do Conde. Nele, destacamos as principais estratégias desenvolvidas pelos estudantes para lidar com um ambiente hostil à sua existência. Seja pela condição de imigrantes, ou pela percepção de que são vistos como invasores ou ocupadores de posições que deveriam ser destinadas aos nacionais, os estudantes africanos enfrentam desafios significativos. Além disso, sua presença na cidade é frequentemente associada ao aumento dos aluguéis, enquanto os serviços públicos destinados a eles são precários.

Por serem africanos, seus países são frequentemente reduzidos a um único continente, que é estigmatizado pela imagem de pobreza e miséria. Além disso, os estudantes passam a vivenciar o fenômeno da raça através da forma como são tratados. Sendo negros e africanos, são alvo de zombarias estéticas e, muitas vezes, associados de maneira pejorativa a questões como odor e criminalidade.

As mulheres africanas enfrentam constantes conflitos com os nacionais, que frequentemente as hipersexualizam, assediam e desrespeitam. O medo e a insegurança tornam-se sentimentos recorrentes em seu cotidiano. Diante dessas adversidades, tanto na sociedade local quanto no ambiente acadêmico, onde também encontram hostilidade devido à atitude de alguns nacionais, as principais alternativas para lidar com essas situações ou mitigar os danos são as associações, os coletivos e os fóruns.

Os estudantes internacionais reconhecem a necessidade de resistir ao preconceito por meio desses mecanismos. As associações, por sua vez, promovem atividades no ambiente acadêmico, como mesas-redondas, exposições, peças teatrais e apresentações de dança, com o objetivo de reeducar a população local.

Apesar dos desafios em transmitir esse aprendizado à população, as parcerias municipais oferecem aos estudantes internacionais a oportunidade de compartilhar suas nacionalidades, culturas e valores. Por meio de seus hinos, músicas, vestimentas, comidas e festas, eles têm a chance de apresentar suas tradições e identidades de forma mais abrangente.

## CAPÍTULO I: TEORIAS MIGRATÓRIAS

### 1.1. SISTEMAS MIGRATÓRIOS

A análise de sistemas migratórios é um dos principais eixos analíticos que será utilizado para desenvolver uma análise macro-social das mobilidades de estudantes africanos no Brasil. Para isso, nos apoiaremos nos seguintes autores Mabogunje, (1970), Salt (1989), Kritz e Zlotnik (1992) e Kritz (et al., 1992).

A definição dos sistemas migratórios é proposta por Mabogunje (1970), quando refletiu sobre a migração rural-urbana. Contudo, mais tarde, esta definição foi ampliada para abranger parte da migração internacional. A migração seria observada de forma completa se essa pudesse ser compreendida por meio da aplicação de uma teoria geral de sistemas.

A abordagem da teoria geral de sistemas ou sistemas migratórios tem como uma de suas finalidades a identificação dos conjuntos específicos de variáveis de um sistema, que compartilha certas propriedades comuns com muitos outros sistemas. Sendo o sistema migratório aquele que é colocado em questão, dentro da perspectiva macrossocial, na existência deles são identificadas a importância da presença de diversas instituições provedoras de sub-sistemas que desempenham um papel fundamental na transformação do migrante (Mabogunje, 1970).

Dois pontos são cruciais para entender o eixo analítico, o primeiro é advertido sobre os sistemas migratórios que existem na comunidade de origem. Encoraja-se ou desencoraja a mobilidade de indivíduos. E aqueles no local de destino, que podem influenciar a aceitação, rejeição e possível retorno do migrante (Mabogunje, 1970).

A dualidade do sistema coloca então que existam as condições de encorajamento entre a comunidade de origem que pretende exercer a mobilidade e que o local de destino possui vínculos sistemáticos para aceitá-lo ou não. Dessa forma, a energia que impulsiona a mobilidade é referente aos estímulos que o influenciam os indivíduos a se deslocarem. A explicação para a motivação das pessoas em migrar está condicionada em termos de sistemas de reação diferencial aos estímulos, sem eles provenientes do ambiente externo ou interno do sistema (Mabogunje, 1970).

Salt (1989) aponta que uma configuração de sistema não apenas facilita a compreensão da origem dos fenômenos - e, por conseguinte, na criação de efeitos - mas também pode contribuir para antecipar as consequências do deslocamento. Dentro dessa vertente, a mobilidade torna uma ação que as suas causas e motivações são preventivas para os países receptor e emissor (Salt, 1989). Dentro dessa visão, a movimentação de migrantes

de um país emissor para um país receptor é influenciada por contextos históricos específicos e assume uma dinâmica interna que a torna semelhante a um sistema. Isso ocorre devido à interação de vários elementos, que incluirá diferentes tipos de movimentos a um processo de interdependência mais amplo (Salt, 1989).

As contribuições de Salt (1989) avançam acerca do conceito de Sistemas Migratórios ao propor que os fluxos migratórios ocorrem devido ao conjunto de áreas que contribuem significativamente para os fluxos migratórios entre elas (frequentemente em ambas as direções e envolvendo diversos tipos de migrantes).

No contexto das migrações internacionais, a situação mais comum do sistema migratório é desenvolver, ou melhor, conceber “redes macro-regionais” que conectam uma região central (composto por um ou mais países) a vários países que irão efetuar a imigração internacional (Salt, 1989).

Contudo, Kritz e Zlotink (1992) sinalizam que a natureza de cada “sistema migratório” é específico e único, sendo moldado por um contexto histórico distinto, que inclui fatores econômicos, sociais, políticos e tecnológicos, bem como pela conexão entre os movimentos de migração e outros tipos de interações, como aqueles de natureza política, comercial e financeira.

Dessa forma, indica-se que não existe uma natureza de fluxo uniforme, mas sim singular e particular. Esse caráter exclusivo é esse caráter singular é influenciado por diversos fatores, sendo necessário analisar de forma abrangente todas as conexões que envolveram as regiões a desenvolver um sistema embrionário que influenciasse o deslocamento humano. Isso sugere que os indivíduos que realizam migrações não o fazem predominantemente de maneira isolada. A presença de relações específicas, incluindo aquelas associadas à migração, entre diferentes regiões ou conjuntos de nações cria as circunstâncias para certa persistência. As decisões individuais de migrar são influenciadas por essas conexões entre as regiões. Ao mesmo tempo, essas migrações contribuem para fortalecer as relações entre os países envolvidos. Essas ligações, por sua vez, constituem vínculos que resultaram da partilha de elementos culturais durante contextos históricos específicos. O que confere à relação de troca entre países. Normalmente os fluxos migratórios têm mais probabilidade de ocorrer na presença de conexões pré-existentes entre as nações de partida e as nações de chegada.

Por causa disso, os sistemas migratórios reforçam que a mobilidade humana é visualizada ocorrendo dentro de um quadro estrutural e age de forma para alterar ou reforçar a estrutura (Salt, 1989). É a partir disso, que os fluxos, as cadeias ou redes migratórias podem ser considerados como a expressão de uma operação de sistema. Ainda que existam

características gerais entre as redes, as variáveis de um sistema particular em um determinado momento podem ser distintas entre os outros. O que lhe confere a singularidade.

Devido a isso, as redes migratórias devem ser consideradas como componentes de um sistema interdependente, influenciado por influentes forças econômicas e fatores sociais muito dos quais tem alcance global, e que estabelecem o ambiente no qual cada fluxo evolui (Salt, 1989).

Zlotnik (1992) propõe uma abordagem sistêmica para entender a migração internacional. Para ser consistente, essa abordagem deve considerar: 1) a interação entre nações como ponto focal, concentrando-se na interação gerada pela migração; 2) estabelecer limites específicos para dados de estoque ou fluxo, reconhecendo a criação de vínculos significativos entre Estados-nação; 3) identificar sistemas de migração considerando as perspectivas tanto dos países receptores quanto dos países de origem, especialmente se compartilham padrões de migração, níveis de desenvolvimento e afinidade cultural; 4) os países receptores devem apresentar consistência em suas políticas de controle de migração e estar conectados por vínculos econômicos ou políticos substanciais; 5) para formar um sistema coeso de migração, os países de origem também devem ter coerência nas políticas de migração, embora os laços econômicos e políticos possam ser menos robustos (Zlotnik, 1992, p. 20).

Em uma situação ideal, se fosse possível medir a migração internacional de forma precisa, seria possível identificar sistemas em potencial analisando as matrizes que representam as entradas, saídas e fluxos líquidos entre todos os países à medida que esses padrões evoluem ao longo do tempo. Qualquer sub-matriz na qual as informações permanecem acima desse limite por um período de cinco a dez anos indicaria a possível existência de um sistema (Zlotnik, 1992).

Em síntese, a presença de laços econômicos e políticos sólidos, frequentemente de natureza interdependente, com países de destino específicos são mais prováveis e serviria como conformação da existência desse sistema (Zlotnik, 1992, p. 20).

A partir disso, o conceito auxilia este objeto de pesquisa ao evidenciar que o Brasil e os países africanos de língua oficial portuguesa compartilham fatores históricos, culturais, linguísticos e políticos que desempenham um papel central na formação dos fluxos migratórios. Essas conexões são frequentemente mediadas por acordos de cooperação, como o PEC-G, que promove a entrada de estudantes africanos no Brasil, ou por iniciativas institucionais, como a criação da UNILAB, concebida especificamente para fortalecer os laços educacionais entre o Brasil e os países parceiros africanos.

Além disso, esses fluxos são sustentados por redes institucionais e sociais que facilitam a integração dos estudantes, promovendo não apenas o acesso à formação acadêmica, mas também a troca cultural e o desenvolvimento de vínculos mais profundos entre as nações envolvidas. Nesse contexto, o Brasil se posiciona como um destino central que atrai a mobilidade de diversos países africanos, ao mesmo tempo em que reafirma seu papel nas dinâmicas de cooperação Sul-Sul.

Esses fatores, somados às especificidades do contexto migratório, como as questões de temporalidade, pertencimento e os desafios enfrentados pelos estudantes, revelam a complexidade desse processo e a importância de analisar a mobilidade acadêmica como parte de um sistema mais amplo de relações internacionais e culturais.

## 1.2. TRANSMIGRANTES

Nós utilizaremos as autoras Schiller, Basch e Blanc (2019) para fundamentar o eixo analítico sobre o conceito de transmigrante. Ao optar por uma grelha teórica para analisar meu objeto a partir do estado da arte, observei que a categoria de transmigrantes é uma das que aparece com menor evidência.

Mas o que significa ser um transmigrante? O transmigrante é um imigrante contemporâneo que não pode ser descrito como "desenraizado". Como afirmam Schiller, Basch e Blanc (2019, p. 349), muitos transmigrantes se estabelecem de maneira sólida em seu novo país, ao mesmo tempo em que preservam múltiplos laços com sua terra natal.

Ao optar por um objeto que aborda a mobilidade por meio das redes inter-regionais estabelecidas pelos sistemas migratórios, o estudante internacional PALOP no Brasil é, além de um imigrante, um transmigrante. Embora tenha herdado a língua portuguesa após a colonização, sendo ela um fator essencial para sua mobilidade dentro da CPLP, esse idioma se mistura aos vínculos com sua terra natal. O transmigrante, portanto, carrega consigo sua pátria e o processo doloroso de se ver distante da inserção em uma sociedade e cultura diferentes.

Os transmigrantes são imigrantes cujas vidas diárias dependem de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais e cujas identidades públicas estão configuradas em relação a mais do que um Estado-Nação (Glick Schiller et al, 1992a, Basch et al, 1994)

De acordo com Glick Schiller et al. (1994), os transmigrantes não são simples hóspedes temporários ou residentes de curta duração, pois se estabelecem e se integram à economia, às instituições políticas, às localidades e aos padrões de vida do país em que vivem. No entanto, ao mesmo tempo, mantêm um vínculo com seus países de origem,

mantendo conexões, criando instituições, realizando transações e influenciando eventos locais e nacionais nos locais de onde emigraram.

A migração transnacional é o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas de unem sua sociedade de origem e de adoção. Ao identificar um novo processo de migração, os estudiosos da migração transnacional enfatizam os modos correntes e contínuos pelos quais os imigrantes dos dias atuais constroem e reconstituem sua incorporação simultânea em mais de uma sociedade (Schiller, Basch e Blanc, 2019, p. 351).

As interconexões transnacionais entre imigrantes, facilitadas pelas transformações nas tecnologias de transporte e comunicação, permitem a manutenção de vínculos estreitos e imediatos com o país de origem (Glick Schiller et al, 2019, p. 363). No entanto, é uma tendência que os transmigrantes não apenas preservem os laços com sua terra natal, mas também construam e fortaleçam múltiplas conexões com seus países de origem.

Assim, o estudante internacional PALOP carrega consigo os vínculos e a memória de seu Estado-nação após a mobilidade, e durante o processo migratório, fortalecem esses laços devido à possibilidade de o encurtamento tecnológico do tempo e do espaço.

Um dos fatores que impulsiona o desejo de reforçar os laços é a diferença nas condições em que os estudantes podem estar inseridos, já que não há garantias de total integração e aceitação na sociedade receptora. Reivindicar a preservação de suas tradições é uma maneira de delimitar, revitalizar, reconstruir ou reinventar não apenas suas tradições, mas também suas reivindicações políticas relacionadas aos territórios e histórias de onde foram deslocados. Sendo assim, a mobilidade do transmigrante constitui redes transnacionais enquanto estratégia para assegurar que um ou mais migrante sejam capazes de manter posições sociais e obter recursos na sociedade de destino.

As práticas transnacionais ultrapassam os lares e as redes familiares, envolvendo também organizações que conectam o país de origem a uma ou mais sociedades onde os imigrantes se estabelecem. As "associações voluntárias" de imigrantes têm sido frequentemente estudadas como instituições que auxiliam na adaptação dos recém-chegados a uma nova localidade (Schiller et al, 2019. Por outro lado, a criação dessas organizações visa preservar suas práticas e valores (Schiller et al, 2019).

As organizações de imigrantes são vistas como representações de comunidades étnicas que enriquecem a diversidade cultural da nação. Elas formam uma rede densa de interconexões transnacionais, não apenas alimentando os imaginários nostálgicos do país de origem, mas também mantendo relações ativas com ele. Essas atividades organizacionais oferecem uma base sobre a qual os líderes podem validar ou construir capital social e político em ambas as sociedades.

### 1.3. REDES SOCIAIS E MIGRATÓRIAS

O conceito de redes abrange uma vasta perspectiva das análises macro e micro sociológico. No presente trabalho, elucidamos o papel das redes migratórias no âmbito das migrações internacionais e das redes sociais que possa intimamente se interligar durante o processo de mobilidade. Apoiamo-nos em Kelly (1995), Massey (et al. 1998), Portes, (1999), Tilly (1990), Truzzi (2008), Fazito (2002, 2010) e Oliveira e Kulaitis (2017), para compreender os aspectos macro e micro sociais do conceito.

O conceito de redes foi introduzido por Barnes (Brumes, 2010, Apud Staevie, 2012) em 1954. A abordagem era empregada como “rede social” para descrever os padrões de conexões e vínculos sociais, fazendo uso de conceitos tradicionalmente utilizados por pesquisadores das Ciências Sociais. Tais como grupos sociais (como famílias e tribos) e categorias sociais (como gênero e etnia). A ideia central desse eixo analítico era agregar a ideia de pertencimento de indivíduos ou grupos sociais dentro de um contexto de redes. Dessa forma, as redes sociais se constituíam enquanto um mecanismo para partilha de laços que conectam todos os membros de uma sociedade, ou de uma parte deles, que compartilham objetivos comuns.

No âmbito das mobilidades de estudantes internacionais, as redes são visualizadas enquanto um mecanismo gerador de relações entre um grupo delimitado de indivíduos e diversos são os motivos que os unem, desde laços familiares, amizade, confiança, solidariedades, conexões geográficas, objetivos em comuns, entre outros.

De acordo com Peixoto (2004) o papel das redes é de servir intimamente como uma teoria que explique as migrações seja ela a partir das perspectivas macro e micro. Tendo em vista isso, ressalta-se mais uma vez que os imigrantes não agem de forma isolada, seja ao ponderar sua decisão inicial, ao percorrer as trajetórias reais ou ao buscar formas de se integrar no novo local de imigração (Staevie, 2012; Peixoto, 2004).

Para que as probabilidades sejam altamente executáveis, alguns indivíduos desenvolvem grupos que incluem compatriotas, famílias e até mesmo aqueles que incentivam a mobilidade seja ela nacional ou internacional. As redes passam a fornecer aos membros desse grupo, informações, opções disponíveis, suporte e orientação para uma estadia temporária ou “permanente”.

Por um lado, Portes e Böröcs (1989) destacam que as redes são formadas pelo movimento e interação de pessoas através do espaço, desempenhando um papel fundamental nas micro-estruturas que sustentam a migração ao longo do tempo. Elas representam mais do

que simples cálculos individuais de ganho; é a integração das pessoas nessas redes que contribui para explicar as variações nas tendências de migração e a contínua natureza dos fluxos migratórios.

Por outro, Soares (2002) afirma que as redes sociais não são exclusivamente um agrupamento de indivíduos, mas também organizações ou instituições sociais interligadas por meio de relações de diversos tipos. Contudo, há uma diferença nas chamadas redes migratórias das redes pessoais, pelo fato da primeira já estarem estabelecidas antes do processo de migração e, como resultado, elas exercem influências nas decisões de iniciar a mobilidade (Soares, 2002).

Uma rede migratória é uma variante particular de uma rede social (Soares, 2002). Possuindo características únicas, e é determinada pelos ambientes sociais que conecta, é de fato, uma variante por reunir várias redes sociais ou mecanismos de mobilidades internacionais existentes ao seu redor, e essas agregações de outras redes criam complexas teias de conexões (Soares, 2002).

No processo migratório, as redes sociais surgem enquanto a formação de laços de solidariedade locais ou mesmo por ser uma facilitadora da mobilidade, seja por recrutadores ou outros migrantes. (Soares, 2002). Dessa forma, na participação dela, pode haver grupos homogêneos bem como heterogêneos.

O conceito se apoia em ser fundamental na formação de fluxos e ritmos migratórios, bem como na trajetória da mobilidade social dos migrantes no novo local, visto que podem ser cruciais para prover a mobilidade, a adaptação ou a interação com outros conterrâneos na região de destino.

De acordo com Marteleto (2000), as redes sociais se congregam devido aos valores e interesses compartilhados de um grupo, exercendo trocas de recursos. Porém, a detecção das redes pode ser realizada ao serem analisadas nos arranjos de conexões entre pessoas, entidades, organizações e instituições, independentemente de serem públicas ou privadas.

As redes sociais não são uma variante isolada apenas das análises micro sociológica, mas agrega-se a ela um conjunto de elementos, que por sua vez abrange estratificações das relações sociais. Seja ela emoldurada de indivíduo a um grupo, de profissionais, instituições ou políticos. Ou seja, as redes podem ser compreendidas dentro das suas diversas formas de relacionamento.

Como aponta Tilly (1990), as entidades reais da migração não se resumem a indivíduos isolados, nem se limitam estritamente a família, mas também a grupos de pessoas

conectadas por laços de amizade, relações de conhecimento, parentescos e entre as mais diversas atividades, seja profissional, educacional etc, ou seja, as redes sociais.

Outro ponto que merece a atenção é que a presença de redes não assegura uma transição tranquila para o novo imigrante, mas elas servem como canais para o compartilhamento de informações cruciais que influenciam a decisão de migrar (Tilly, 1990). Por causa disso, é importante observar os efeitos das redes migratórias antes e depois da mobilidade internacional. Essas redes facilitam a mobilidade dos aspirantes a imigrantes e sua integração social, profissional e/ou acadêmica na região de destino. Além disso, desempenham um papel na estabilização dos recém-chegados em seu novo local de residência. Portanto, as redes possuem um papel essencial na mitigação dos riscos associados à migração (Tilly, 1990).

As circunstâncias que dão início a um determinado fluxo migratório podem diferir significativamente daquelas que sustentam esse movimento ao longo do tempo. Nesse sentido, Fazito (2002) considera as interações e envolvimento dos atores dentro de suas respectivas estruturas sociais ao abordar redes sociais de migração. Compreender as dinâmicas sociais subjacentes torna-se essencial para uma análise abrangente e coesa desse fenômeno complexo.

Para compreender a rede, é necessário considerar tanto o âmbito micro quanto o macro. As estruturas, políticas externas e programas institucionais que viabilizam o ingresso desses indivíduos desempenham um papel crucial. A abordagem das redes sociais segue um caminho que explora as razões subjacentes às migrações, investigando os fatores que contribuem para a expulsão ou atração. Essa perspectiva integrada permite uma análise abrangente das dinâmicas envolvidas nos movimentos migratórios (Fazito, 2002).

Ao abordar esse ponto, é relevante ir além, pois, mesmo diante de deslocamentos simultâneos motivados por diversos fatores, a composição das instituições emerge como uma variável na promoção de fluxos migratórios e redes migratórias. Nesse aspecto, Peixoto (2004) sinaliza a importância ao considerar o Estado, empresas privadas e públicas, agências de emprego e associações de apoio como integrantes desse conjunto de entidades conectadas por laços específicos. Essa ampliação de perspectiva permite uma análise mais abrangente das dinâmicas envolvidas na complexidade dos movimentos migratórios (Peixoto, 2004).

Considerando isso, é relevante destacar que o Estado desempenha papéis indispensáveis na jornada migratória, podendo atuar como um sistema promotor do fluxo ou como regulador, variando em grau de abertura. Isso abrange questões como controle de entradas, estadias e concessão de vistos de residência (Peixoto, 2004). A base subjacente a

essa abordagem é a compreensão de que as pessoas estão interligadas por intrincadas redes sociais, manifestando-se em diversas situações e de várias maneiras. Entretanto, é fundamental considerar que as nações que adotam diferentes fluxos e mobilidades específicas também estão interligadas por laços pré-existentes entre os países. Esses laços podem ser de natureza colonial, política, militar, comercial, cultural, entre outros. Assim, as redes migratórias não se limitam a simples conexões, mas configuram sistemas migratórios complexos e interdependentes (Peixoto, 2004).

De modo geral, pode-se afirmar que um sistema de migração é caracterizado pela conexão e interseção de várias “redes migratórias”, ou nomeadas como “redes de fluxos” e “redes sociais” (Fazito, 2010). Enquanto a primeira representa a estrutura fundamental e conceitual de um sistema, a segunda reflete a configuração mais contextual e relacionada ao contexto histórico e social em que se insere. Portanto, é necessário analisar as migrações sob a perspectiva da teoria das redes sociais, defendendo que essas redes desempenham um papel crucial na análise dos sistemas migratórios. Isso ocorre porque de acordo com Portes (1999), as redes atuam como meios para adquirir recursos valiosos, como capitais e informações, ao mesmo tempo em que impõem limites eficazes à busca desenfreada de interesses individuais.

A compreensão das migrações, tanto históricas quanto contemporâneas, como fenômenos sociais, demanda uma apreciação fundamental do conceito de redes. Em relação a certas formas de deslocamento na atualidade, é possível observar um padrão de movimento que exhibe características circulares. Nessas migrações ao longo do tempo, uma das características notáveis é a fixação de alguns indivíduos no destino escolhido (Truzzi, 2008). Conforme aponta o autor aqueles que conseguem estabelecer-se com sucesso nesse destino podem, por conseguinte, gerar fatores de atratividade que influenciam outros a se deslocarem para o mesmo local no futuro. Não apenas isso, ao longo de um período de anos, as migrações, que inicialmente tinham um caráter circular, tem a possibilidade de evoluir para assumir uma natureza em forma de redes ou cadeias.

A utilização dos termos “cadeias” e “redes”, tanto em interpretações mais específicas quanto amplas, visa destacar o fenômeno em que muitas pessoas decidem emigrar após obter informações prévias sobre oportunidades e desafios fornecidos por imigrantes anteriores. Essas informações podem ser transmitidas por correspondência ou quando esses imigrantes retornam (Truzzi, 2008).

Os indivíduos inseridos nas redes possuíam a habilidade de fornecer não apenas informações sobre oportunidades iniciais de emprego e habitação, mas também recursos financeiros, viabilizando o financiamento da viagem (Truzzi, 2008).

Nesse contexto, não apenas as políticas externas, instituições, agentes e informações se convertem em uma rede para formar um fluxo migratório, mas também a presença dos emigrados, tanto no retorno à sociedade de origem quanto na sociedade de destino, exerce influência sobre o comportamento de potenciais novos migrantes.

Um aspecto crucial a ser enfatizado é que a influência sobre o comportamento de novos movimentos migratórios ocorrerá conforme a credibilidade atribuída a essas informações. A motivação de alguns indivíduos em busca de deslocamento pode estar diretamente relacionada à relevância das denominadas relações social primária.

A pessoa ou a família que pensava em emigrar tendia a confiar mais nas informações fornecidas, ao vivo ou por carta, por um parente, vizinho ou amigo, por exemplo, do que nos folhetos de propaganda distribuídos por um agente recrutador, cujos lucros dependiam apenas do número de indivíduos que conseguisse colocar a bordo de um vapor. Assim, os contatos pessoais tornavam-se mais importantes, porque eram mais confiáveis do que as informações não pessoais (Truzzi, 2008, p. 206).

A relevância das estratégias de conexão perdura ao longo do processo de integração na nova sociedade. A avaliação dessa integração é frequentemente realizada por meio de diversos indicadores, abrangendo aspectos como arranjos habitacionais, emprego, estado civil e a robustez das organizações étnicas, sendo as associações de ajuda mútua de origem particularmente prevalente (Truzzi, 2008).

Em todas essas situações, o propósito é avaliar em que medida as redes que estavam presentes antes da emigração continuam desempenhando um papel significativo no novo país. Isso abrange desde a influência na formação de comunidades até padrões específicos de interação social.

A migração, como um processo social, implica que esse fenômeno migratório é dinâmico e interativo. A abordagem das redes migratórias se concentra nos intrincados laços interpessoais que conectam migrantes, aqueles que emigraram anteriormente e os residentes na região de origem (Massey et al., 1998).

Esse aspecto relacional, portanto, estabelece conexões espaciais e sociais entre as comunidades de origem e destino. Nesse contexto, as decisões dos migrantes são influenciadas por fatores culturais e históricos que orientam os padrões de migração. Essas conexões também podem estar associadas a políticas externas ou acordos cooperativos entre as regiões, ampliando assim as oportunidades para aqueles que desejam migrar internacionalmente devido aos vínculos exteriores.

Ao visualizar as redes sociais através do conceito de capital social, Kelly (1995) observa que a formação desse capital depende de acordos comuns sobre períodos de tempo que variam entre grupos. No entanto, a aplicabilidade do capital social apresenta limitações,

pois muitas vezes implica na criação de obrigações e deveres para o beneficiário, cujo descumprimento pode ter custos. A partir dessa perspectiva, esses mecanismos são frequentemente descritos como um "banco de favores" (Kelly, 1995, p. 216).

A adesão a uma rede social baseia-se em critérios diversos, como etnia, raça, gênero, origem nacional e classe social. Como consequência, as redes frequentemente desenvolvem capital social por meio de transações particularistas em vez de universalistas. Essa dinâmica indica que as redes migratórias podem apresentar restrições ou ampliações, variando conforme os interesses de quem propõe a formação dessas redes (Kelly, 1995).

Diante disso, as redes são consideradas grupos de pessoas que mantêm comunicação regular entre si por meio de vínculos relacionados à suas ocupações, relações familiares, afinidades culturais ou conexões emocionais. Além disso, essas redes representam sistemas complexos que guiam, filtram e interpretam dados, coordenam significados, alocam recursos e influenciam comportamentos (Kelly, 1995)

As escolhas individuais não são apenas influenciadas pela disponibilidade de recursos tangíveis e intangíveis na sociedade em geral, mas também pela maneira como os contatos pessoais moldam informações e se relacionam com oportunidades estruturais (Kelly, 1995). Nessa perspectiva, Oliveira e Kulaitis (2017) sugerem a noção de *habitus* imigrante “enquanto um princípio gerador de representações e práticas migratórias” (p. 42). As redes sociais e migratórias proporcionam a formação de experiências durante as migrações. Os agentes a partir das experiências vividas e informações acumuladas aumentam suas possibilidades de migrar. Em consequência, a decisão de migrar é compreendida como um fruto desse sistema de disposições que foi lentamente gerado e inculcado o que inclui a inserção e atuação em redes migratórias.

O capital de mobilidade, como apresentado pelos autores Oliveira e Kulaitis, (2017), está intrinsecamente ligado ao fenômeno das redes sociais e migratórias. A inserção dos agentes em contato com comunidades que já passaram pela mobilidade internacional, seja familiar desse sujeito, ou esteja inserido no mesmo grupo étnico, fornece um conjunto de conhecimentos migratórios, sejam eles simbólicos ou materiais. Isso se manifesta para o imigrante em diversos aspectos, como formalidades administrativas, procedimentos de viagem, língua, costumes e documentos como cartas de estágio, passaporte ou contratos de trabalho.

#### **1.4. ASSOCIATIVISMO IMIGRANTE**

No âmbito do associativismo imigrante, a proposta deste eixo analítico visa compreender o papel dessas organizações desde a migração internacional até a integração local, embasando-se nas obras de Rossi (2012), Rocha (2010), Lüchmann (2014) e Albuquerque (2008).

De acordo com Rocha (2010), as comunidades em trânsito interno ou internacional, após certa duração de permanência em terras estrangeiras, podem desenvolver formas de relacionamentos organizados. Essas formas de relacionamento podem vir a assumir características de um associativismo instituído que dá lugar à criação de estruturas permanentes dotadas de estatutos, direção e programas de atuação em prol dos associados (Rocha, 2020, p. 44).

Albuquerque (2008) acrescenta que o desenvolvimento do associativismo evolui a par das mudanças da sociedade, das etapas dos fluxos migratórios e de acordo com a necessidade de cada grupo.

Após a fase de instalação, a permanência dos imigrantes na sociedade de acolhimento, a médio e a longo prazo, cria condições para a emergência do associativismo como forma organizada de responder às necessidades sentidas pelos indivíduos, sejam elas de ordem material ou de ordem simbólica (Albuquerque, 2008, p. 100).

Pode-se afirmar que as associações de imigrantes, em suas fases iniciais, constituem uma “forma emotiva” de exercer solidariedade entre seus conterrâneos, traduzidas em ações de caráter informal e evoluindo de forma progressiva para algo mais estruturado (Albuquerque, 2008).

Rossi (2012) afirma que as associações são historicamente importantes no percurso migratório, quer do ponto de vista diacrônico, quer do sincrônico.

A necessidade de “fazer grupo”, de encontrar um lugar no qual se sentir em casa, a possibilidade de criar um espaço social e de sociabilidade são os fatores principais que desde sempre têm caracterizado a força associativa das minorias ou de um grupo qualquer de pessoas que se sentem unidas devido a uma peculiaridade étnica, seja essa cultural, territorial ou religiosa. As associações têm acompanhado, e continuam a fazê-lo, a história dos movimentos migratórios tentando responder de cada vez: à necessidade de ajudar o migrante a ultrapassar o isolamento social; a afirmar os valores e as tradições do grupo ao qual pertence; à vontade de oferecer assistência aos seus membros; e agir na defesa dos interesses deles no caso de terem situações complexas com a sociedade de chegada (Rossi, 2012, p. 37-8).

As associações de migrantes internacionais têm se constituído como um instrumento para fortalecer as identidades das comunidades estrangeiras que vivem fora dos seus países. Elas também superam o isolamento que esses imigrantes podem enfrentar, além da ação na defesa de interesses desses sujeitos (Rocha, 2010).

Além disso, o associativismo imigrante tem como dinâmica nas relações entre os membros a manifestação concreta de ajuda mútua entre o grupo. Aderindo, assim, aspectos de solidariedade que, por sua vez, tornam-se uma espécie de obrigação moral que os une. Rossi (2012) afirma que essa união pode ser considerada “como fruto exclusivo de redes de relações familiares e amigas, rapidamente ultrapassando tais limites para se alargar aos elementos de uma comunidade de referência mais vasta, étnica, nacional ou até desterritorializada” (Rossi, 2012, p. 38).

A análise das diversidades de associações criadas no contexto migratório permite a criação de quadros que tipificam suas diferentes estruturas e vocações. Dessa forma, as associações podem ser configuradas enquanto:

Instituições orientadas para a promoção e manutenção das ligações afectivas às regiões de origem, cujas características procuravam evocar e manter, pela constituição de acervos de objectos e de marcas simbólicas de pertença regional identitária, bem como pela realização de iniciativas diversificadas de idêntico cariz; [...] Instituições culturais, incluindo bibliotecas e organizações de vocação educacional e de difusão cultural; instituições de vocação desportiva e recreativa (Rocha, 2010, p. 47-48).

Algumas associações combinam essas características e podem evocar eventos históricos ou símbolos culturais para promover a conexão entre os membros e do país receptor. Logo, a vida associativa é manifestada dentro de camadas internas e externas ao próprio grupo. As festas organizadas pelas associações são um dos exemplos apresentados por Rocha (2012) como estratégias ativas dos imigrantes para reunir a comunidade local e estrangeira, reviver os locais de origem e difundir a imagem, cultura e os valores dos imigrantes durante a preparação e realização.

Lüchmann (2014) complementa ao destacar que as associações são meios adicionais para estender os princípios democráticos a várias áreas da sociedade, proporcionando uma voz aos marginalizados em contextos de desigualdade.

[...] o papel e os impactos das associações se desdobram em diversas – e não necessariamente cumulativas possibilidades, com destaque para três conjuntos de contribuições: no desenvolvimento individual, contribuindo para a formação, o aumento e o suporte na formação de cidadãos mais democráticos, especialmente em sua capacidade de produzir julgamentos autônomos; na formação da opinião pública construindo, ampliando e problematizando as opiniões e políticas; no fortalecimento das instituições de representação, além da criação de canais institucionais que produzam, via participação dos cidadãos, decisões políticas legítimas. (Lüchmann, 2014, p. 160).

Dessa forma, as práticas associativas atribuem sua importância aos efeitos democráticos por manifestar a capacidade de defender as demandas de grupos mais vulneráveis; promover virtudes cívicas, de confiança e cooperação, e por reduzir os

comportamentos oportunistas, desenvolvendo um senso de pertencimento coletivo (Lüchmann, 2014).

A experiência associativa é concebida enquanto redes de conexões. Lüchmann (2014), afirma que essas redes são recursos sociais que permitem a conexão entre os indivíduos baseadas na confiança e transcendem da esfera estritamente individual. Nessa perspectiva, a existência dessas redes e conexões se desenvolve na direção das virtudes cívicas, estimulando a construção e obtenção de capitais sociais (Lüchmann, 2014, p. 163).

Diante do exposto, a abordagem sobre associativismo também passa a ser empregada para se referir à fontes ou instrumentos de capital social. No âmbito da mobilidade, o fortalecimento dos laços deste grupo desempenham funções positivas, na medida em que há a flexibilidade de manter esses indivíduos entrelaçados, íntimos e sob demandas coletivas, nessa perspectiva as associações oferecem propostas para combater o isolamento, mas, também, mitigar danos e dificuldades dos imigrantes na sociedade receptora. Para muitos, ela representa aos imigrantes uma forma de vínculo concreto nas relações interétnicas e nacionais.

Como mencionado anteriormente, buscamos os conceitos discutidos no campo das migrações para compreender o fenômeno das mobilidades de estudantes internacionais. Nesse sentido, o conceito de sistemas migratórios nos auxilia a entender as interconexões entre países de origem e destino, permitindo analisar as dinâmicas dos fluxos migratórios a partir das políticas brasileiras de mobilidade internacional, com foco na recepção de estudantes africanos no Brasil. Para isso, inicialmente destacamos o programa de convênios e, de forma mais específica, a criação da UNILAB como uma rede institucional que sustenta a mobilidade estudantil. A UNILAB é vista como uma instituição que consolida uma rede migratória, oferecendo informações, vagas e cursos que contribuem para um novo tipo de fluxo. Assim, primeiro, tratamos da universidade como uma rede migratória e, em seguida, destacamos a ação dos estudantes internacionais como desenvolvedores de redes migratórias, por meio do associativismo.

O associativismo é um mecanismo importante, pois proporciona informações sobre a experiência na UNILAB e na cidade de São Francisco do Conde, além de atuar como uma rede social que evita o isolamento dos estudantes internacionais e resolve conflitos no contexto acadêmico e extraclasse.

Identificando as nacionalidades, raça e gênero dos estudantes, destacamos que essa mobilidade é qualificada e também transmigrante, pois os estudantes não se desligam completamente de suas tradições e culturas. A partir dessa perspectiva transmigrante,

mostramos como os estudantes, por meio de sua identidade nacional, étnica-racial e de gênero, inserem-se em associações que desenvolvem estratégias e resoluções de conflitos tanto no ambiente acadêmico quanto no social.

## **CAPÍTULO II: ESTADO DA ARTE SOBRE A MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL.**

### **2.1. ESTADO DA ARTE SOBRE A MOBILIDADE DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS**

A mobilidade internacional acadêmica, seja de profissionais qualificados ou de estudantes em busca de qualificação em diversas Instituições de Ensino Superior ao redor do mundo, não é um fenômeno recente e tem recebido considerável atenção nos últimos anos. Segundo Luchilo (2013), a quantidade de estudantes que escolhem realizar parte de sua formação ou sua primeira formação em um país estrangeiro tem experimentado um notável crescimento nas últimas décadas. Desde da década de 1970, a mobilidade mundial de estudantes sinalizava uma curva de crescimento. De acordo com Lima (2009), em 1975, o número era de 600.000 estudantes; em 1985, aumentou para 900.000; em 1995, chegou a 1.300.000; e, em 2006, atingiu a marca de 2.754.373 estudantes (UNESCO, 2008 Apud Lima, 2009), que estavam fora de seus países de origem. Segundo informações fornecidas pela UNESCO e pela OCDE, em 2010, o número total de estudantes internacionais ultrapassa um pouco mais de quatro milhões (Luchilo, 2013);

A maior parte dos estudantes internacionais concentrava-se primariamente em duas grandes regiões: a América do Norte, representada pelos Estados Unidos e Canadá, e a Europa Ocidental, com destaque para o Reino Unido, Alemanha e França (Lima, 2009; Luchilo, 2013). Ao se afastar dessas regiões, observa-se que o Japão também surge como um destino significativo para a mobilidade de estudantes internacionais (Lima, 2009).

Os principais países emissores de estudantes internacionais, conforme destacado por Lima (2009), incluem nações como China, Índia, República da Coreia, Japão, Alemanha, França, Turquia e Marrocos. Embora a mobilidade acadêmica da América Latina seja mínima em comparação com esses países, ela abrange nações como Brasil, México, Colômbia, Peru, Venezuela, Bolívia, Argentina e Chile, como observado por Luchilo (2013) e Pedone e Alfaro (2018). Além disso, há participação de países do continente africano, sejam eles lusófonos e/ou não lusófonos.

Com o aumento significativo na mobilidade de estudantes, passou a ser importante desenvolver tipologias que abordam para entender melhor os padrões e dinâmicas dessa movimentação acadêmica.

Pedone e Alfaro (2018) contextualizam que a mobilidade de profissionais e acadêmicos científicos, considerada um fluxo migratório específico e massivo, teve início no período pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, a mobilidade internacional é denominada migração qualificada, uma vez que envolve o deslocamento de pessoas com altos níveis educacionais.

As migrações qualificadas foram reconhecidas como importantes por alguns motivos. O primeiro motivo refere-se à sua importância na reestruturação da economia mundial dos "países desenvolvidos". O segundo motivo está relacionado às sinalizações das nações desenvolvidas ao programarem as primeiras políticas de atração de profissionais e cientistas (Pedone e Alfaro, 2018).

As pesquisas evidenciaram que a saída de um profissional altamente qualificado representava benefícios aos países receptores e perdas econômicas aos países de origem. Diante desse cenário, a categoria de análise “fuga de cérebros” (Brain Drain) também foi adotada pelos pesquisadores para abordar os deslocamentos populacionais com altos níveis educativos, com ênfase em metodologias quantitativas (Pedone e Alfaro, 2018; Padilla e França, 2015).

Contudo, o paradigma da “fuga de cérebros” provoca o entendimento que países do centro teriam mais condições para atrair para o seu mercado laboral, devido às propostas econômicas, oportunidades de avanço na carreira e infraestruturas superiores (Padilla e França, 2015). Se por um lado, o dilema apresentado por esse conceito agregava aos países emissores a falta de capacidade para competir de igual para igual com os países do centro, por outro, como apontam Padilla e França (2015), os países centrais eram os grandes controladores das produções científicas e acadêmicas e, por conseguinte a produções fora desse eixo regional não eram reconhecidas.

Outro ponto a ser mencionado em torno do debate sobre as mobilidades qualificadas reflete a ausência da subjetividade sobre as trajetórias de vida, migratórias, transnacionais e acadêmicas (Pedone e Alfaro, 2018). “As pesquisas definiam sujeitos qualificados a partir de uma perspectiva individualista e masculina, onde a análise atravessada por variáveis de gênero e pertencimento à classe social não eram relevantes” (Pedone e Alfaro, 2018, p.8).

No entanto, indo contra as perspectivas tradicionais, as migrações qualificadas constituem-se como um fenômeno multifacetado atravessado por diversas escalas de estruturação, que se manifestam em três níveis, sendo o macro como aquele que abrange os aspectos políticos, econômicos e sociais (Padilla e França, 2015). Já o nível meso está relacionado a políticas institucionais, acordos de cooperação e interesses locais (idem). Por

fim, o micro, que inclui fatores como gênero, raça, etnia, religião, orientação sexual, e o papel de familiares e redes no papel das pessoas altamente qualificadas ou que querem se qualificar (Pedone e Alfaro, 2018, Padilla e França, 2015).

É das propostas de revitalização das agendas dos estudos sobre migrações qualificadas que autoras como Pedone e Alfaro, (2018) e Padilla e França (2015) sugerem como pontos necessários considerar as hierarquias e assimetrias geopolíticas, relações pós-coloniais, conexões históricas, interesses institucionais, racismo, sexismo ou discriminações étnicas nos estudos sobre mobilidade acadêmica, visando destacar as questões que geralmente são subestimadas pelo discurso hegemônico (Padilla e França, 2015, p. 8).

Na mesma direção de reconfigurar os debates sobre os fluxos de mobilidade estudantil, Luchilo (2013) apresenta quatro categorias: a mobilidade internacional de estudantes universitários como componente das políticas de cooperação; como uma modalidade para capacitação em pesquisa; como fonte de captação de recursos para universidades e regiões participantes e como uma faceta da internacionalização do currículo (Luchilo, 2013, p. 63).

A perspectiva de cooperação a partir da mobilidade estudantil é guiada por considerações político-culturais, promoção de intercâmbio acadêmico e ajuda ao desenvolvimento, além de ser um instrumento de política internacional (Luchilo, 2013). O uso da mobilidade estudantil como instrumento de política internacional, em proporções variáveis e com estilos diferentes, foi implementado por países como Estados Unidos, União Soviética, as antigas potências coloniais para receberem contingentes das suas ex-colônias (Luchilo, 2013).

Essas políticas cooperacionais constituem programas que continuam significativos nos dias atuais, com diversos governos oferecendo bolsas a estudantes estrangeiros para promover objetivos culturais e científicos em países e regiões considerados estratégicos por diversas razões particulares.

Nas últimas décadas, uma iniciativa de impacto global desenvolvida pela União Europeia ganhou destaque, sendo reconhecida como o programa ERASMUS - European Action Scheme for the Mobility of University Students (Luchilo, 2013). As ações do ERASMUS envolveram mais de 2.300.000 estudantes de 1987 a 2012 (idem).

Nessa lógica, a mobilidade estudantil foi concebida como uma peça do complexo mecanismo institucional e político-cultural envolvido no fortalecimento geral da cidadania europeia quanto na criação do Espaço Europeu de Educação Superior (Luchilo, 2013).

As considerações de ordem político-cultural também estão presentes nos fluxos de estudantes provenientes de antigas colônias em direção às universidades de sua metrópole. Na pesquisa de Iorio e Fonseca (2018) sobre estudantes brasileiros em instituições de ensino superior portuguêsas, as autoras indicam três fatores fundamentais para a mobilidade estudantil: políticas que incentivam a mobilidade internacional; estratégias de captação de estudantes estrangeiros por parte das instituições de ensino superior em Portugal; e, por último, a influência da língua portuguesa compartilhada entre os dois países.

A preservação e o fortalecimento dessa comunidade linguística têm sido estratégias adotadas por alguns países europeus para sustentar relações com suas ex-colônias. No exemplo acima observamos a relação entre Portugal e Brasil.

Fusco et al. (2018), evidencia-se que a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) participa de fluxos migratórios internos. Isso representa uma expansão para além da dinâmica tradicional entre a Europa e suas ex-colônias, envolvendo migrações diretas entre o Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que são Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Na América Latina, os esforços para oferecer programas de formação acadêmica estão em estágios iniciais ou são limitados, embora existam, os processos de integração dentro da região são incipientes. Apesar dessa consideração geral, alguns casos de interesse podem ser explorados (Luchilo, 2013). Um deles é a mobilidade estudantil para Cuba. A maioria dos estudantes se concentra em cursos de ciências médicas, sendo a Escola Latino-Americana de Medicina, fundada em 1999 (ELAM), o principal destino (Idem).

Outro exemplo interessante são alguns programas de bolsa de cooperação internacional da CAPES brasileira, que privilegiam os aspectos da cooperação cultural. Por exemplo, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Langa (2016) afirma que a maioria dos estudos feitos no Brasil que envolvem a mobilidade de estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) está fortemente ligada à vida de estudantes em situação de migração temporária, no contexto do PEC-G.

Isso evidencia que a mobilidade internacional de estudantes africanos ocorre predominantemente por vias cooperativas, como programas institucionais, em vez de iniciativas individuais, o que também reforça a temporalidade característica dessa experiência acadêmica no contexto migratório. A partir disso, Có (2011) sugere que esses programas de cooperação podem ser interpretados como uma política afirmativa, pois é por meio desses convênios que muitos estudantes têm a oportunidade de acessar sua primeira formação acadêmica.

Djaló (2014), por outro lado, identifica as cooperações entre o Brasil e os PALOP a partir das relações Sul-Sul. Com a reconfiguração dos fluxos do Sul para o Sul, a política internacional emerge enquanto uma alternativa para disseminar a formação superior e profissional dos estudantes africanos e da América Latina.

A partir de uma perspectiva geral, Baganha (2009) destaca que as políticas externas facilitadoras da mobilidade originam-se de países com características comuns, resultando não apenas em movimentos humanos, mas também no fluxo de capitais, cultura, matéria-prima e outros elementos. Nessa abordagem, as políticas internacionais, acordos e programas de cooperação são integrados à perspectiva dos sistemas migratórios.

Esses sistemas desempenham um papel na formação de cadeias migratórias entre os países lusófonos, promovendo uma interdependência notável em aspectos culturais e políticos. A história dos países receptores e emissores, exemplificada pela relação entre Brasil, Portugal e os PALOPs, destaca a criação de acordos de cooperação e de mobilidade macro interdependentes, como apontado por Baganha (2009).

Luchilo (2013) também agrega a mobilidade estudantil enquanto um fenômeno de internacionalização. E embora a internacionalização não se reduza a mobilidade de estudantes, esta tem sido uma das formas mais visíveis e impactantes (Pinto e Larrechea, 2018). Ela pode ser analisada a partir das perspectivas para a criação de capacidade de pesquisas e sendo um componente essencial das políticas de ciência e tecnologia dos países e das estratégias de internacionalização das universidades. (Luchilo, 2013).

A formação no exterior é uma estratégia para fortalecer as capacidades de pesquisa em níveis nacionais, individuais ou institucionais. A admissão de estudantes estrangeiros em programas de graduação e pós-graduação é vista como uma tática para impulsionar a acumulação de capital científico e tecnológico por países, instituições acadêmicas e estudantes.

Contudo, esse tipo de mobilidade também impulsiona o acúmulo de receitas econômicas. Se na primeira medida a internacionalização tem como foco a atração dos melhores e mais qualificados, e o intuito de fortalecer a posição internacional entre as melhores universidades, na segunda, a atração de estudantes universitários torna-se um negócio para universidades e para um conjunto de empresas e indivíduos (Luchilo, 2013). Como observa Altbach (2003), é do interesse de algumas instituições acadêmicas, agências governamentais, corporações privadas e até mesmo empresas individuais a busca por dinheiro no crescente comércio do ensino superior.

Na busca por ganhos financeiros, os "melhores e mais talentosos" não são o único alvo, mas é parte de uma estratégia ativa de marketing e recrutamento internacional, predominantemente motivada por questões monetárias (Luchillo, 2013), visto que o estudante pode pagar por maiores mensalidades que os estudantes locais os gastos derivados ao viverem no exterior (Luchillo, 2013; Aboites, 2010).

Além das topologias acima apresentadas, enfatizamos a importância de abordar as diversas dimensões das mobilidades estudantis. Visto que a análise da fuga de cérebros ou o debate sobre mobilidade e cooperação e internacionalização não configura o seu fim.

Dessa forma, partimos para as provocações a respeito de mobilidade científica e imigração qualificada. Padilla e França (2015) destacam que as discussões hegemônicas (Creswell, 2006; Sheller e Urry, 2006) legitimam o seu distanciamento das questões relacionadas à migração. Nessa perspectiva, o sujeito da mobilidade científica e acadêmica não são visto como imigrantes.

Pois, cientistas internacionais, expatriados/as, professores/as e investigadores/as internacionais a quem não cabem vivências de imigrantes. Cria-se, portanto, uma categoria especial para referir a mão-de-obra qualificada que tem direito de circular, quase que livremente, pelas fronteiras dos Estados. Assim, ao diferenciar os/as investigadores/as, acadêmicos/as e cientistas dos demais trabalhadores/as imigrantes (indesejados/ as) é possível oferecer aos primeiros uma série de privilégios e regalias (vistos, contratos de trabalho, acesso à saúde, programas de reunificação familiar) a que os membros do segundo grupo não têm acesso. Ou seja, a existência de duas categorias distintas para sujeitos em situações semelhantes permite a aplicação de políticas igualmente distintas. Neste sentido, enquanto a mobilidade científica é regida por políticas e programas de atração e incentivo, a imigração é controlada por severas políticas restritivas e de criminalização. Assim, enquanto, os/as participantes dos programas de mobilidade serão bem-vindos/as por contribuírem para o desenvolvimento e crescimento econômico da nação, os/as imigrantes serão cada vez mais perseguidos/as e estigmatizados/as como um grupo problemático, difícil de integrar e oneroso para os cofres públicos (Padilla; França, 2015, p. 10).

Contudo, reforçamos a necessidade de pensar a mobilidade estudantil como uma dinâmica migratória. Mesmo que “a migração qualificada se distancie econômica e socialmente da imigração laboral e principalmente de imigrantes indocumentados que se encontra em condições ainda mais vulneráveis” (Ennes; Olmedo; Vaz; Menezes, 2023, p. 16). E ainda que seu percurso migratório, por serem estudantes, possua passaporte, visto e/ou documentações regularizadas (idem). Ademais, Ennes et al (2023) em seu trabalho sobre mobilidade estudantil internacional ao pensar as considerações sobre o corpo migrante, é chama a atenção a partir de narrativas estudantes internacionais, sobre seu reconhecimento pelos nacionais como indivíduo imigrante, seja pelos traços físicos, seja pelas técnicas corporais. Desse modo, entendemos que não podemos excluir o estudante internacional da categoria de imigrante, pois no processo da mobilidade ele não carrega somente o seu cérebro

e seu currículo qualificado, mas também o corpo, raça, gênero, religião, nacionalidade e a cultura.

Carneiro (2018) discorre que apesar das condições de “imigrantes qualificados”, os estudantes oriundos do sul hemisférico enfrentam discriminação devido às restrições históricas estabelecidas pelas leis migratórias brasileiras e pelas práticas dos serviços de imigração. Algumas dessas discriminações ocorrem em serviços consulares e na Polícia Federal, além do racismo e da violência em abordagens feita pela Polícia Militar (Carneiro, 2018, p.19).

Uma parcela dos estudos sobre mobilidade de estudantes no Brasil é sobre a presença PALOP. Além disso, uma parte da literatura explora as categorias identitárias, abordando a intersecção entre a identidade de imigrante, racial e a estudantil, as redes migratórias e as associações de estudantes/imigrantes.

Na abordagem identitária, Fonseca (2009) destaca que a presença dos estudantes africanos é marcada por um diálogo permeado por preconceito, estigmatização e estereótipos. Esses indivíduos são inseridos em diversos imaginários sociais distorcidos, sendo vistos como produtos da imagem de um continente em conflito, enquanto miseráveis e primitivos. Além disso, os estudantes africanos são responsáveis pela tarefa de reconstruir uma dupla imagem – uma sobre sua nação e outra sobre sua própria identidade (Fonseca, 2009).

Mungoi (2006) introduz três dimensões identitárias – nacional, continental e racial - ao descrever as experiências únicas de mobilidade dos estudantes africanos. A estadia do grupo no país anfitrião, sendo estrangeiro, africano e negro, é caracterizada por conflitos, paradoxos e ambiguidades.

Ser estrangeiro e estudante no Brasil implicam em lidar com legislações que reforçam o lugar de temporalidade do imigrante, e, por sua vez, isso implica em uma vivência de não pertencimento (Mungoi, 2006). Por ser africano e negro, o estudante sofre com o estereótipo em relação ao continente, e a sua cor de pele.

Para superar o preconceito racial e desafiar estereótipos negativos, Langa (2016) destaca que estudantes africanos passam por um processo de reconhecimento e afirmação de sua identidade negra e africana. Essa afirmação se traduz em manifestações diversas, como comportamentos, atitudes, estilo de vida, vestimenta, calçado e tranças, que simbolizam a resistência ao preconceito enfrentado.

Os estudantes lidam com o preconceito e o não pertencimento de outras formas tais como, as redes entre os próprios estudantes, conforme aponta (Ngomane, 2010; Hirsch, 2007). As redes entre estudantes não apenas se constituem como recursos informacionais étnicos e

familiares, mas também operam como mecanismos de mobilidade conforme menciona Hirsch (2007). Além disso, as redes são vistas como oportunidades para a criação de laços de sociabilidade e amizades. Para os estudantes africanos, essas redes se baseiam nos princípios de estabelecer suas primeiras relações sociais e evitar o isolamento no país de acolhimento (Ngomane, 2010).

Além disso, como menciona Lavor (2022), para os estudantes africanos, as redes sociais são desenvolvidas como uma forma de os conectarem com sua nação de origem, e ao mesmo tempo, com seu país de residência, ajudando-os na sua composição identitária de seus membros.

Autores como Langa (2022), Santos (2021) e Rossi (2012) abordam o fenômeno associativo nas mobilidades estudantis a partir da análise da topologia de redes. Diante desse contexto, Rossi (2012) destaca o papel social das associações como um mecanismo derivado da necessidade de formar grupos, encontrar um sentido de pertencimento, e a oportunidade de estabelecer espaços sociais e de sociabilidade.

De maneira geral, as associações de imigrantes têm como propósito atender às necessidades de superar o isolamento social, reafirmar os valores e tradições do grupo ao qual pertencem oferecer assistência aos membros e agir em defesa de seus interesses em situações complexas com a sociedade de chegada (Rossi, 2012).

Santos (2021), ao abordar as associações de estudantes africanos no Brasil, destaca o associativismo como um mecanismo de solidariedade étnica que coexiste com as demandas dos estudantes na sociedade receptora. Nesse contexto, o papel das associações é fornecer representação para a solução de problemas, abrangendo questões como documentação, isolamento, preservação de valores, além de acompanhar as políticas de incentivo à mobilidade e retorno, e na tentativa de dissolução de conflitos entre a própria comunidade estrangeira.

No âmbito acadêmico, as associações desempenham o papel na disseminação de conhecimento sobre os países, englobando tanto aspectos históricos quanto culturais. As festas promovidas por essas associações e os espaços que ocupam na vida acadêmica proporcionam aos estudantes meios para tal divulgação (Santos, 2021).

Sob esse prisma, conforme destacado por Langa (2022), as associações de estudantes africanos têm como objetivo desmistificar as representações da África como um lugar marcado por guerras, secas, fome e pobreza. Segundo as observações de Langa (2022), é por meio dessas associações ou agremiações que a vida associativa é moldada para oferecer uma perspectiva política aos estudantes africanos no Brasil.

Assim, compreendemos que o fenômeno da mobilidade estudantil transcende as esferas da internacionalização. Contudo é necessário agregar a categoria de imigrante, mesmo considerando sua condição de acadêmico. Mesmo com trânsito livre e documentos regularizados nos países receptores, os estudantes podem enfrentar desafios relacionados a características físicas ou corporais, além de um eventual isolamento social. Além disso, destaca-se que quando entendida como migração qualificada, a vida do estudante internacional é marcada por uma série de preconceitos e discriminações sócia estruturada (Carneiro, 2018).

Apesar dos fluxos de migrações qualificadas envolverem acordos cooperacionais, internacionalização ou meios de obtenção de renda econômica tal como propõe Luchilo (2013), a garantia de integração, permanência e do retorno nem sempre é assegurada. Para melhor compreender as contradições que envolvem estes fluxos, é preciso analisar as relações entre os países de origem e de destino, as formas e motivos dessa mobilidade e, sem excluir o caráter subjetivo da vida cotidiana do imigrante/estudante no país receptor.

Diante dos aspectos apresentados, o estado da arte sobre o tema orienta nossa análise em torno de quatro eixos analíticos para compreender a mobilidade de estudantes africanos no Brasil: os sistemas migratórios, as redes sociais/migratórias, associativismo e internacionalização. Nos próximos tópicos, exploraremos os conceitos fundamentais de sistemas migratórios, redes e internacionalização. Essas abordagens oferecem uma perspectiva para a compreensão das dinâmicas migratórias e das interconexões que influenciam a experiência dos estudantes africanos em território brasileiro.

### **CAPÍTULO III: O BRASIL E A ÁFRICA: POLÍTICAS EXTERNAS, MOBILIDADE LUSÓFONA E O CASO DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB).**

#### **3.1 O BRASIL E A ÁFRICA: ENTRE AS POLÍTICAS EXTERNAS E AS MOBILIDADES PARA FINS DE EDUCAÇÃO.**

O presente capítulo reforça alguns dos pontos principais para análise do fenômeno da mobilidade de estudantes africanos no Brasil. Com isso, retomamos com a apresentação das políticas brasileiras e programa que corroboram para a mobilidade para fins de qualificação.

Nesta etapa, busca-se apresentar uma análise sócio-histórica do movimento de estudantes provenientes de nações africanas que vêm para o Brasil. O enfoque principal recai sobre os estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a saber: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, que estabeleceram vínculos com o Brasil através da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

No entanto, antes de abordar diretamente a mobilidade estudantil africana, é relevante mencionar os sujeitos que conduziram relações de políticas externas com o continente em questão e as razões que os levaram a se aproximarem, bem como o contexto histórico desses acontecimentos. Além disso, é importante ressaltar que as mobilidades africanas não se limitam apenas à busca de qualificação acadêmica, mas, para fins deste trabalho, nos concentramos exclusivamente na mobilidade estudantil internacional.

De acordo com Malomalo e Vargem (2015) o surgimento de uma nova abordagem da política externa brasileira em relação à África teve origem na década de 1960. Foi a partir dessa década que se iniciou a mobilidade de jovens africanos provenientes de nações recentemente emancipadas.

Em 1961, Jânio Quadros introduziu a “política independente” marcando o começo da ruptura com a influência dos Estados Unidos. O Presidente da República desejava uma diplomacia desvinculada dos interesses e direcionamentos norte-americanos.

A nova orientação da diplomacia brasileira resultou na inauguração de embaixadas, além da celebração de acordos de colaboração cultural e técnica com as nações recém-independentes da África.

Atualmente, há um significativo número de imigrantes africanos provenientes dos PALOPs. É importante informar que nem todos têm o status de estudantes, e a presença de outros africanos em diferentes condições também contribui para a mobilidade contemporânea

do continente africano para o Brasil. Em relação às categorias de imigrantes, Tcham (2016) Malomalo e Vargem (2015) informam que diversos são seus status: refugiados, exilados, políticos, estudantes, professores, líderes religiosos, agentes culturais, bem como homens e mulheres de negócios.

No entanto, como mencionado anteriormente, optou-se por retomar e focar a categoria da mobilidade internacional estudantil. Isso nos leva a avançar mais uma década, explorando um período de reaproximação entre os países africanos e o Brasil.

O estabelecimento das relações entre o Brasil e os PALOPs é retomado durante o processo de independência destes países, que ocorreu na década de 1970. O reconhecimento das independências marcou o início de uma influência mais substancial do Brasil sobre o destino desses países. Essa influência resultou no desejo dos PALOPs de se desvincularem da influência portuguesa e da necessidade do Brasil de retomar seus planos anteriores, os quais visavam fortalecer seus laços para além das relações com os Estados Unidos (Laier e Lamas, 2020).

Foi durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985), uma época em que a política externa do Brasil foi notavelmente moldada pela influência dos Estados Unidos devido à Guerra Fria, que o Brasil reconheceu as independências de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Todos esses países estavam sendo liderados por figuras marxistas e estabeleciam nações com sistemas de partido único, à semelhança da União Soviética. Nesse contexto, o governo brasileiro evitou discursos ideológicos e adotou uma abordagem pragmática em relação às relações Sul-Sul, com o objetivo específico de expandir sua esfera de influência nesse cenário (Laier e Lamas, 2020).

Entretanto, é importante destacar que durante essa época, o governo brasileiro não estabeleceu uma política específica para estudantes desses países, mas permitiu que eles participassem dos programas existentes, que foram criados para atender estudantes de outras partes da América Latina.

A partir de 1965, o acesso de jovens de nações latino-americanas e caribenhas às Instituições de Ensino Superior - IES- brasileiras foi oficializado por meio do Programa Estudante de Convênio de Graduação - PEC-G, estabelecendo-se como a principal via de admissão de estudantes estrangeiros nessas instituições.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores - MRE - (2021), os estudantes latino-americanos matriculados em universidades brasileiras em 1965 eram dos seguintes países: Bolívia, Paraguai, Panamá, Peru, Nicarágua, Rep. Dominicana, Venezuela, Equador, Colômbia, Honduras, Guatemala, Chile, Costa Rica. Argentina, Haiti, Uruguai e El Salvador.

Em 1974, o PEC-G foi expandido para incluir países fora da América Latina, especialmente na África, notadamente os países que fazem parte da CPLP, incluindo assim os PALOP. O objetivo do programa é manifestado a partir da oferta de vagas em universidades brasileiras a estudantes africanos (Heleno, 2018; Laier e Lamas, 2020; Gusmão 2012).

Contudo, devido a uma variedade de fatores, incluindo as guerras civis que ocorreram após os processos de independência, no início houve uma demanda limitada por estudantes desses países (Heleno, 2018). Até o final da década de 1980, eram poucos os estudantes provenientes dessas regiões. Dos mais de 12.000 estudantes estrangeiros que frequentavam cursos em IES no Brasil, mais de 10.000 eram provenientes da América Latina e da África. Contudo, a maioria esmagadora ainda consistia em alunos de outras partes da América Latina. (MRE, 2021).

A presença de estudantes africanos, especialmente aqueles dos PALOPs, começou a crescer gradualmente, atingindo um número significativo a partir da década de 2000 (Laier e Lamas, 2020). De acordo com figura 1:

**Figura 1 - Selecionados - África (2000-2017)**

| PAÍS          | 2000       | 2001       | 2002       | 2003       | 2004       | 2005       | 2006       | 2007       | 2008       | 2009       | 2010       | 2011       | 2012       | 2013       | 2014       | 2015       | 2016       | 2017       | TOTAL       |
|---------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|
| África do Sul |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 1          | 1           |
| Angola        | 3          | 21         | 29         | 23         | 33         | 11         | 31         | 28         | 91         | 68         | 48         | 83         | 63         | 53         | 59         | 77         | 7          | 11         | 739         |
| Argélia       |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 2          |            |            | 2           |
| Benin         |            |            |            |            |            |            |            |            | 11         | 5          | 7          | 19         | 39         | 37         | 73         | 48         | 40         | 71         | 350         |
| Cabo Verde    | 117        | 65         | 227        | 263        | 192        | 230        | 314        | 265        | 381        | 206        | 133        | 74         | 155        | 88         | 104        | 119        | 64         | 62         | 3059        |
| Camarões      |            |            | 1          |            |            |            |            | 2          | 1          |            | 3          | 6          | 3          | 9          | 7          | 3          | 5          | 7          | 47          |
| C. do Marfim  |            |            |            | 1          | 1          |            |            | 3          | 1          |            |            |            | 1          | 4          | 9          | 4          | 5          | 5          | 34          |
| Gabão         |            | 11         |            | 2          | 1          | 1          | 3          | 4          |            |            |            |            |            |            | 3          | 4          | 3          | 2          | 34          |
| Gana          | 2          | 3          | 7          | 9          | 11         | 6          | 3          | 3          | 6          |            | 1          | 1          |            | 7          | 26         | 23         | 36         | 65         | 209         |
| Guiné-Bissau  | 36         | 88         | 111        | 97         | 58         | 186        | 159        | 19         | 133        | 181        | 95         | 55         | 118        |            |            |            | 7          | 15         | 1358        |
| Marrocos      |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 1          | 1           |
| Mali          |            |            |            |            |            |            | 2          |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 2           |
| Moçambique    | 12         | 13         | 27         | 21         | 26         | 27         | 13         | 9          | 4          | 4          | 9          | 7          | 8          | 13         | 13         | 9          | 1          | 3          | 219         |
| Namíbia       | 1          | 1          |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 6          | 65         |            | 73          |
| Nigéria       | 9          | 6          | 7          | 11         | 14         | 27         | 19         | 22         | 32         |            |            | 12         | 1          | 2          | 6          | 2          |            | 2          | 172         |
| Quênia        |            | 4          | 14         | 14         | 11         | 12         | 5          |            | 6          | 3          | 3          | 3          |            | 2          |            | 4          | 3          | 4          | 88          |
| R. D. Congo   |            |            |            |            |            |            |            | 9          | 106        | 46         | 78         | 92         | 28         | 19         | 12         | 25         | 29         | 46         | 490         |
| Rep. Congo    |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 4          | 6          | 4          | 2          | 4          | 6          | 26          |
| S. Tomé e P.  |            |            | 24         |            | 47         | 147        | 35         | 13         | 12         | 4          | 6          | 19         | 12         | 3          | 19         | 17         | 9          | 12         | 379         |
| Senegal       | 7          | 2          | 4          | 1          | 1          | 3          | 5          | 1          |            |            |            | 1          | 1          | 4          | 1          | 6          | 3          | 10         | 50          |
| Togo          |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            | 4          | 11         | 8          | 3          | 6          | 6          | 2          | 40          |
| <b>TOTAL</b>  | <b>187</b> | <b>214</b> | <b>451</b> | <b>442</b> | <b>395</b> | <b>650</b> | <b>589</b> | <b>378</b> | <b>784</b> | <b>517</b> | <b>383</b> | <b>376</b> | <b>444</b> | <b>255</b> | <b>339</b> | <b>357</b> | <b>287</b> | <b>325</b> | <b>7373</b> |

Fonte: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (LAIER; LAMAS, 2020).

Conforme informações do Ministério das Relações Exteriores e dos autores mencionados anteriormente, no período de 2000 a 2017, os estrangeiros que foram selecionados para ingressar em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil eram de 21 nacionalidades diferentes do continente africano. É evidente que essa mobilidade incluiu países tanto do grupo dos PALOPs quanto de fora desse grupo.

A análise dos dados revela uma marcante presença de estudantes estrangeiros provenientes dos PALOPs selecionados para estudar no Brasil entre os anos de 2000 e 2017. Cabo Verde emerge como o país com a maior representação, alcançando significativos 41,48% do total. Guiné-Bissau é o segundo país em posição de mobilidade internacional de estudantes africanos, representando 18,44%, o que destaca a relevância desses dois países no contexto educacional bilateral. A presença considerável de Angola, com cerca de 10%, e a participação de São Tomé e Príncipe e Moçambique, com 5,14% e 2,97%, respectivamente, reforçam a representatividade coletiva dos PALOPs. Em conjunto, esses dados sublinham a forte presença e influência dessa comunidade na dinâmica dos estudantes estrangeiros que optam pelo Brasil como destino acadêmico durante o período analisado.

Além disso, 78,06% dos estudantes africanos no Brasil que vieram pelo PEC-G são provenientes de países PALOP, enquanto os demais, de países não PALOP, representaram 21,94% da mobilidade.

A partir disso, afirma-se que a comunidade estrangeira africana que não possui a língua portuguesa como oficial, torna-se também beneficiada com a presença dessas políticas de educação e mobilidade empreendidas através das cooperações e acordos entre os países. Dessa forma, enquanto recurso para a mobilidade internacional, o PEC-G passou a abranger diversas comunidades estrangeiras.

Destaca-se também que o crescimento dessa mobilidade não se limita aos ingressos de estudantes africanos pelo PEC-G. Conforme apontado por Heleno (2018) e Reis (2020), durante o governo Lula houve uma intensificação significativa nas relações com países em desenvolvimento, incluindo nações africanas, ainda que em menor escala quando comparadas aos PALOPs. Este impulso foi manifestado através de uma diversificação na estratégia global da política externa brasileira, estabelecendo acordos de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD) e fomentando a cooperação Sul-Sul (Reis, 2020, p. 44).

Um dos primeiros passos significativos da diplomacia brasileira durante o governo Lula foi à formação de uma aliança entre nações em desenvolvimento que exportavam matérias-primas (conhecida como G-20), durante a reunião preparatória para a conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Cancun. O objetivo dessa iniciativa era combater o protecionismo praticado pelas nações mais ricas e diminuir as barreiras comerciais que afetam a agricultura (Heleno, 2018).

A abertura desse setor tem sido e permanece como um dos principais objetivos da política externa do país (Visentini, 2013), em alinhamento com os interesses do setor

agropecuário. Essa ação desempenhou um papel importante na estreita relação entre o Brasil e as nações africanas.

Um ponto fundamental na estratégia da política externa brasileira foi a introdução do Plano Nacional de Defesa (PND) e da Estratégia Nacional de Defesa (END), que foram aprovados pelo Congresso Nacional em 2005 e 2008, respectivamente. Esses planos preveem a integração das ações diplomáticas, de defesa e de desenvolvimento econômico, com foco no conceito de 'entorno estratégico'. Esta área engloba as regiões nas quais o Brasil busca principalmente expandir sua influência e liderança, abrangendo a América do Sul, a Antártida, a Bacia do Atlântico Sul e a África Subsaariana. Dentro desta última, há uma ênfase específica na África do Sul, Nigéria, Namíbia e nos países da Comunidade de Língua Portuguesa (FIORI, 2013). Essa informação nos ajuda a compreender como a expansão brasileira em direção à África foi planejada em diversas áreas, incluindo a educação.

Durante a gestão do Partido dos Trabalhadores - PT, o Brasil adicionou vários programas de colaboração internacional à sua lista de prioridades, transformando-se de um país que historicamente recebia ajuda externa para uma nação que atuava como fornecedora de assistência (Heleno, 2018).

O principal êxito da estratégia de cooperação do Brasil com as nações africanas está relacionado ao compartilhamento de conhecimento. “A cooperação acadêmica com os países africanos têm contribuído para a formação de técnicos capacitados para atuar no mercado e tem favorecido a geopolítica brasileira<sup>1</sup>” (Reis, 2020, p. 36).

A partir de 2013, o PEC-G é regido pelo Decreto Presidencial n. 7.948/2013, que revisou regulamentos anteriores e fortaleceu a base jurídica do programa. Conforme estipulado por essa norma, um dos objetivos do programa não era só de facilitar a mobilidade, mas também o retorno dos estudantes a seus países de origem, contribuindo assim para o desenvolvimento do capital humano.

Dessa forma o modelo de cooperação brasileiro se comparado aos modelos tradicionais de ajuda internacional contém suas particularidades. Conforme aponta Heleno

O Brasil oferece assistência técnica, mediante capacitação e transferência de conhecimentos, sem impor condições aos países receptores. De acordo com o MRE, as características fundamentais da cooperação Sul-Sul são as incondicionalidades, o

---

<sup>1</sup> Visto que, ainda que (PEC-G), oficialmente estabelecido em 1965, proporciona a estudantes estrangeiros a chance de completar seus estudos de graduação em IES no Brasil. Isso tem o efeito de promover a internacionalização das instituições envolvidas e de difundir a perspectiva brasileira pelo mundo. A ideia de criar um programa governamental para apoiar estudantes de outros países surgiu devido ao aumento no número de estrangeiros no Brasil na década de 1960 e às implicações que isso teve na regulamentação do status desses estudantes no país. Era necessário estabelecer condições unificadas para o intercâmbio estudantil e assegurar que as universidades tratassem os estudantes de maneira semelhante

uso de recursos locais e a ausência de fins lucrativos. Essas seriam marcas distintas entre as velhas e as novas formas de cooperação (Heleno, 2018, p. 127).

O que se destaca no modelo brasileiro é a integração de políticas sociais e econômicas, uma vez que esse modelo envolve a doação ou o fornecimento de recursos locais sem fins lucrativos. Por essa razão, essas combinações são as principais causas da mobilidade internacional estudantil para os Estados brasileiros.

Assim, o Brasil optou por “especializar-se” em políticas de cooperação na área de transferência de conhecimentos (obrigação de “dar, baseada em dívidas históricas que reivindicavam reparação”), calcando-se numa imagem de país pacífico e acolhedor, visando se apresentar como um parceiro solidário e interessado no desenvolvimento de seus parceiros (Heleno, 2018, p. 133).

Além disso, toda a perspectiva de “dar” e fornecer cooperação com países aliados era “retribuída” na forma de apoio ao Brasil nos fóruns internacionais e na adesão de influência brasileira nas relações internacionais com a finalidade de alçá-lo enquanto um país ator global na ênfase de promover políticas de cooperação e combate à fome e à pobreza, num cenário de forte competição pelo acesso às riquezas e às parceiras dos países africanos (Heleno, 2018).

No contexto das políticas públicas e da internacionalização do ensino superior, surgiram instituições que refletem o compromisso do Brasil com a cooperação acadêmica global. Destacam-se, nesse cenário, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). Estas instituições foram concebidas como parte de uma estratégia mais ampla para promover a integração entre diferentes comunidades linguísticas e culturais, estendendo-se além das fronteiras nacionais. A UNILAB, por exemplo, enfatiza a integração com países de língua portuguesa e africanos, enquanto a UNILA busca estreitar os laços com nações latino-americanas. A criação dessas universidades evidencia o papel significativo das políticas educacionais na construção de pontes e parcerias internacionais no âmbito acadêmico.

### **3.2 A UNILAB DO CEARÁ**

A UNILAB, concebida por Luiz Inácio Lula da Silva - LULA- e sua administração, foram oficialmente estabelecidas como uma instituição de ensino superior pública federal durante seu segundo mandato, por meio da Lei N° 12.289, promulgada em 20 de junho de 2010. Um dos principais objetivos dessa universidade é promover a cooperação solidária entre o Brasil e as nações pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com um foco particular nos países africanos. De acordo com o Art, 2º:

Art. 2º A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir

com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (Brasil, 2010).

Sendo assim, a instituição é criada com a finalidade da formação de recursos humanos entre as nações. Os cursos que foram ofertados de acordo com § 2º do referido artigo, teriam que estar de acordo com os interesses mútuos do Brasil e dos demais países membros da CPLP, com ênfase na formação de docentes, desenvolvimento agrário, saúde pública e demais áreas consideradas estratégicas.

Essa aproximação e solidariedade entre os países parceiros não ocorreram de forma gratuita. De maneira mais ampla, a diplomacia brasileira em relação à África apresenta-se sob dois aspectos: um pautado pela cooperação, exemplificado por iniciativas como a UNILAB e programas de compartilhamento de conhecimento; e outro, marcado pelo interesse do Brasil em ampliar sua influência em sua "zona estratégica", associado à conduta predatória de empresas brasileiras em nações africanas (Heleno, 2018).

Dessa forma, surge a UNILAB como uma instituição que possibilitava o desenvolvimento de capital humano a partir da cooperação entre o Brasil e a África. Simbolizada por uma modalidade de colaboração solidária e sem despesas financeiras imediatas (Silva, 2019; Malomalo, 2015).

Sob essas condições, “o nascimento da UNILAB se encontra associado a duas tendências da educação superior brasileira presentes no governo Lula: a internacionalização e a interiorização” (Heleno, 2018, p. 148). Também acrescenta Silva

A UNILAB nasceu no contexto de redefinição da política externa brasileira pelos governos Lula (2003-2010), com ênfase na cooperação Sul-Sul fundamentada no princípio da solidariedade. Esse é, ao mesmo tempo, o contexto do crescimento econômico do continente africano, visto que Lula buscou aproximar-se, cada vez mais, não somente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), mas do continente na sua totalidade, visando satisfazer os interesses do seu governo e do seu país (Silva, 2019, p. 91-2).

No marco da internacionalização da UNILAB foram agregadas<sup>2</sup> as seguintes prioridades: Promover a excelência das formações disponíveis dentro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e o reconhecimento recíproco a nível internacional; fomentar a circulação internacional de estudantes, professores, pesquisadores e profissionais (CPLP, 2004, p. 1 Apud Heleno, 2018).

---

<sup>2</sup> Na 5ª Reunião de Ministros da Educação da CPLP, 2004. Na ocasião, foi elaborada a Declaração de Fortaleza em torno da construção de um Espaço de Ensino Superior da CPLP.

A internacionalização e as funções das diretrizes que são impostas à UNILAB, traçam o papel desta instituição enquanto colaboradora para facilitar a disseminação do conhecimento e mitigar os efeitos prejudiciais da fuga de cérebros (Heleno, 2018).

Vale ressaltar que a criação da UNILAB, no âmbito da sua interiorização corresponde às estratégias de inclusão da população negra e indígena, historicamente marginalizada na sociedade (Malomalo, 2015). Além disso, sob essa ótica da interiorização do ensino superior, a UNILAB busca construir vínculos estreitos com a realidade específica das regiões onde está localizada: Maciço de Baturité (Ceará) e Recôncavo Baiano (Bahia) (Unilab, 2011).

Como apontam Gomes e Vieira (2013), a escolha do local e o processo de nomeação do primeiro campus não são feitos ao acaso. O Ceará foi o primeiro Estado em que foi implantada a IES, escolhido pelo fato de Redenção ter sido a primeira cidade brasileira a promover a abolição da escravatura, em 1883 (Diógenes et al, 2013). Em reconhecimento a esse marco histórico, o campus recebeu o nome de Campus da Liberdade (Gomes e Vieira, 2013).

**Figura 2 - Vista aérea do Campus da Liberdade em Redenção (CE)**



**FONTE:** Caminhos e Desafios Acadêmicos Da Cooperação Sul-Sul (Diógenes et al 2013).

**Figura 3 - CAMPUS DA LIBERDADE**



**FONTE:** Campus da Liberdade – Nossos Campi (Unilab, 2011). –

Foi no campus da Liberdade que as atividades letivas tiveram início, no dia 25 de maio de 2011, dia de/da/ África. Com a missão de construir a ponte histórica entre o Brasil e os países de língua portuguesa.

De acordo com a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Governo do Estado do Ceará (SECITECE), os primeiros cursos a serem ofertados foram Agronomia, Administração Pública, Ciências da Natureza, Enfermagem e Engenharia de Energias (SECITECE, 2011).

Juntamente com o Campus Liberdade, A instituição, no Ceará possui outros campi para o seu funcionamento, sendo um deles o Campus Aurora (figura 4) que está localizado entre os municípios de Redenção e Acarape.

**Figura 4 CAMPUS AURORA**



**FONTE:** CAMPUS AURORA - Nossos Campi (Unilab., 2011).

Além disso, a UNILAB também conta com uma Unidade Acadêmica – Unidade Acadêmica dos Palmares que está no município de Acarape/CE, distante quatro quilômetros do Campus Liberdade. A instituição foi inaugurada em 20 de novembro de 2012, em homenagem ao dia da Consciência Negra e em homenagem ao líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi.

**Figura 5 - UNIDADE ACADÊMICA DOS PALMARES**



**Fonte:** Nossos Campi (Unilab, 2011).

A Unidade Acadêmica iniciou suas atividades em quatro de janeiro de 2013 para os cursos de Enfermagem, Engenharia e Ciências da Natureza e Matemática. Por último, a UNILAB do Ceará também possui a Fazenda Experimental Piroás como uma extensão ao apoio didático às disciplinas, com foco no trabalho agroecológico (UNILAB, 2011).

De acordo com as informações da Universidade, a região do Maciço de Baturité apresentava uma carência de instituições científicas acadêmicas e da oferta de formação em nível de pós-graduação. Esse cenário foi convidativo para a criação de uma nova universidade, principalmente quando a finalidade desta era de contribuir para atualizar a dinamização do plano de desenvolvimento da região (Unilab, 2013).

Diante disso, é relevante destacar que a universidade, como um todo, desempenha um papel fundamental como um dos mecanismos de mobilidade internacional para estudantes estrangeiros no Brasil, bem como valoriza a população da região oferecendo-os a oportunidade de crescimento tanto na perspectiva acadêmica e profissional.

[...] o primeiro vestibular da Unilab teve 40% das vagas destinadas aos estudantes que tivesse cursado o ensino médio no Maciço. Essa iniciativa resultou em uma expressiva quantidade de inscritos da região, e conseqüentemente muitos deles foram aprovados. Desse modo, a maioria dos alunos no primeiro ano da universidade foi advinda do Maciço de Baturité. Essa foi a primeira atitude formal, no sentido da integração da universidade com a região, sendo também o ponto de partida para a Unilab criar uma identidade com características peculiares do Maciço, assim como proporcionar que as pessoas se identificassem com a proposta, apesar de seu caráter também internacional. (Unilab, 2013, p. 21)

É a partir desse processo de interiorização e internacionalização que a UNILAB é desenvolvida, a região que por sua vez apresentava um déficit em educação superior e a carência de políticas públicas passou por intermédio da universidade a ter indivíduos capacitados e que poderiam vir a contribuir com o crescimento do Maciço.

Sob essa ótica, apresentamos as primeiras nacionalidades que ingressaram na instituição nos primeiros anos de inauguração; o aumento das matrículas ao longo dos anos de existência; bem como, agregamos com ênfase seus marcadores sociais, como faixa etária, gênero e raça conforme indicado na tabela 1.

**Tabela 1 - DADO GERAIS DA UNILAB DO CEARÁ E BAHIA POR ANO/SEMESTRE.**

| UNILAB em Números |        |        |        |             |              |      |          |           |          |
|-------------------|--------|--------|--------|-------------|--------------|------|----------|-----------|----------|
| Semestre          | Estado | Alunos | Cursos | Países      |              |      | Média de |           |          |
|                   |        |        |        | Brasileiros | Estrangeiros |      | Idade    | Masculino | Feminino |
| 2011.1            | CE     | 169    | 5      | 7           | 132          | 37   | 24,73    | 49,12%    | 50,88%   |
| 2012.1            | CE     | 321    | 5      | 7           | 285          | 36   | 26,14    | 45,49%    | 54,51%   |
| 2013.1            | CE     | 1160   | 7      | 8           | 865          | 295  | 22,73    | 49,76%    | 50,24%   |
| 2014.1            | CE/BA  | 1875   | 9      | 10          | 1269         | 606  | 23,01    | 52,15%    | 47,85%   |
| 2015.1            | CE/BA  | 2659   | 17     | 10          | 1939         | 720  | 23,81    | 51,19%    | 48,81%   |
| 2016.1            | CE/BA  | 3200   | 17     | 10          | 2333         | 867  | 24,31    | 49,93%    | 50,07%   |
| 2017.1            | CE/BA  | 3817   | 21     | 10          | 2801         | 1016 | 24,68    | 49,12%    | 50,88%   |
| 2018.1            | CE/BA  | 4185   | 21     | 9           | 3087         | 1098 | 24,96    | 48,29%    | 51,71%   |
| 2019.1            | CE/BA  | 4588   | 24     | 9           | 3454         | 1134 | 25,29    | 47,00%    | 53,00%   |
| 2020.1            | CE/BA  | 4762   | 24     | 8           | 3590         | 1172 | 25,37    | 48,02%    | 51,98%   |
| 2021.1            | CE/BA  | 4381   | 23     | 7           | 3123         | 1258 | 25,66    | 48,25%    | 51,75%   |
| 2022.1            | CE/BA  | 4218   | 25     | 8           | 2.895        | 1323 | 25,59    | 48,84%    | 51,16%   |

FONTE: Produzido pelo autor - Unilab (2023) – UNILAB em Números 2011.1 -2022.2

Entre os migrantes, encontram-se indivíduos de nacionalidades diversas, da África, Ásia e Europa, todos eles sendo membros dos países da CPLP. Por outro lado, entre os não migrantes, observa-se a presença de brasileiros. Isso ocorre porque, embora a instituição seja uma promotora de mobilidade e integração, o processo seletivo de alunos destina 50% das vagas para brasileiros e 50% para estrangeiros.

No primeiro ano/semestre da UNILAB/CE (2011.1), o número inicial de estudantes era de 169, dos quais 132 eram brasileiros, correspondendo a 78,11%, e 37 eram estrangeiros, representando aproximadamente 21,89%. Esses estudantes internacionais originavam-se de

seis nações: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Timor-Leste. A média de idade dos alunos era de 24,73 anos, com a maioria sendo mulheres, totalizando 50,88%, enquanto os homens representavam 49,12% do corpo discente.

No segundo ano da instituição (2012), a presença brasileira tornou-se ainda mais predominante, com 285 alunos matriculados, representando agora 88,79% do total. Por outro lado, a presença estrangeira decrescia, totalizando 36 estudantes, o que equivale a aproximadamente 11,21%.

Em 2013, observou-se um crescimento tanto na presença de brasileiros quanto na de estudantes estrangeiros nos campi, totalizando 1.160 alunos. Dos quais, 865 eram brasileiros, representando 74,57%, enquanto os alunos estrangeiros compunham aproximadamente 25,43%, totalizando 295 estudantes. Vale ressaltar que nesse ano, São Tomé e Príncipe passou a integrar a lista de países estrangeiros representados na instituição. Quanto à distribuição por gênero, as mulheres representavam 50,24%, enquanto os homens compunham 49,76% do corpo discente.

No quarto ano, em 2014, e no primeiro semestre desse ano, a UNILAB contou com a inauguração do Campus do Malês. Pela primeira vez, a quantidade de estudantes estrangeiros passou a ser contabilizada em conjunto com os estados da Bahia e do Ceará. O número total de estudantes era de 1.875, sendo que os brasileiros somavam 1.269, aproximadamente 67,68%, e a comunidade estrangeira era composta por 606 alunos, totalizando cerca de 32,32%. Além disso, destaca-se a presença europeia na instituição, com o registro do primeiro aluno de Portugal.

Em 2015, a UNILAB registrava um total de 2.659 estudantes, dos quais 1.939 eram nacionais, representando aproximadamente 72,92%. A presença estrangeira, que anteriormente era de 606 estudantes, aumentou para 720, correspondendo a cerca de 27,08% da comunidade acadêmica. A média de idade dos alunos era de 23,81 anos, sendo os homens a maioria, compreendendo 51,19%, enquanto as mulheres representavam aproximadamente 48,81%.

No ano de 2016, a instituição alcançou a marca de 3.200 estudantes. O número de brasileiros, que anteriormente era de 1.939, aumentou para 2.333, representando 72,91% da maioria dos alunos. Por outro lado, a comunidade estrangeira teve um aumento significativo de 20,42%, passando de 720 para 867 estudantes.

Em 2017, ambas as comunidades testemunharam um aumento no número de estudantes ingressos. Os brasileiros passaram de 2.333 para 2.801, representando aproximadamente 73,38% da população estudantil. Os alunos em mobilidade internacional

também aumentaram, totalizando 1.067, ainda correspondendo à minoria, com 26,62% dos estudantes. A UNILAB registrava, ao todo, 3.817 alunos, com uma média de idade de 24,68 anos, sendo 49,12% homens e 50,88% mulheres.

Em 2018, observou-se um acréscimo de 10,21% na presença brasileira na instituição, com o número de brasileiros aumentando de 2.801 para 3.087. A comunidade estrangeira também teve um crescimento de 2,91%, passando de 1.067 para 1.098.

No ano de 2019, a UNILAB contava com 4.588 alunos matriculados, sendo a maioria esmagadora de brasileiros, com 3.454 estudantes, e 1.134 estrangeiros. A presença feminina predominava, representando 53%, enquanto a masculina consistia em 43%.

Em 2020, o número total de estudantes atingiu 4.762, com 3.590 brasileiros e 1.172 estrangeiros. Apesar do crescimento tanto na presença nacional quanto internacional, é importante destacar a ausência da nacionalidade portuguesa e o acréscimo de um estudante estrangeiro da Itália.

Entretanto, ao atingir uma década de existência, a UNILAB presenciou a ausência da presença internacional italiana. No ano de 2021, a instituição contou com a representação de 7 nacionalidades, totalizando 4.381 alunos, dos quais 3.123 eram brasileiros, correspondendo a 71,29%, e 1.258 eram estrangeiros, representando 28,71%. Notavelmente, este foi o primeiro ano em que a presença brasileira diminuiu, enquanto a presença estrangeira registrou um aumento de aproximadamente 7,33%.

Por fim, o website da instituição disponibiliza dados atualizados até o ano de 2022, com foco nos dois primeiros semestres acadêmicos. No primeiro semestre, observa-se uma redução no número de brasileiros, que era de 3.123 no ano/semestre anterior. No semestre subsequente, em 2022.1, a presença brasileira diminuiu para 2.895, representando aproximadamente 68,63%. Ao mesmo tempo, a presença de estrangeiros aumenta: no ano/semestre de 2021.1, eram 1.258, e no semestre de 2022.1, passam a ser 1.323, representando 31,37%.

De acordo com a Tabela 2, destacamos as informações sobre a presença de estudantes brasileiros e internacionais na UNILAB.

**Tabela 2 - Percentual de Estudantes Brasileiros e Internacionais na UNILAB por Semestre.**

| Semestre | Brasileiros | %.  | Estudantes Internacionais | %   | Total/Semestre |
|----------|-------------|-----|---------------------------|-----|----------------|
| 2011.1   | 132         | 78% | 37                        | 22% | 169            |
| 2012.1   | 285         | 89% | 36                        | 11% | 321            |
| 2013.1   | 865         | 75% | 295                       | 25% | 1160           |
| 2014.1   | 1269        | 68% | 606                       | 32% | 1875           |

|        |       |     |      |     |       |
|--------|-------|-----|------|-----|-------|
| 2015.1 | 1939  | 73% | 720  | 27% | 2659  |
| 2016.1 | 2333  | 61% | 867  | 23% | 3817  |
| 2017.1 | 2801  | 67% | 1016 | 24% | 4185  |
| 2018.1 | 3087  | 74% | 1098 | 26% | 4185  |
| 2019.1 | 3454  | 75% | 1134 | 25% | 4588  |
| 2020.1 | 3590  | 75% | 1172 | 25% | 4762  |
| 2021.1 | 3123  | 71% | 1258 | 29% | 4381  |
| 2022.1 | 2.895 | 69% | 1323 | 31% | 4.218 |

FONTE: Produzido pelo autor - Unilab (2023) – UNILAB em Números 2011.1 -2022.2

A análise dos dados da UNILAB revela uma trajetória de crescimento constante e uma clara intenção de internacionalização ao longo dos anos. Desde o início, a predominância de estudantes brasileiros, mantendo-se entre 60% e 80%, sugere a atratividade contínua da instituição no cenário educacional nacional. A internacionalização é evidente pelo aumento gradual da presença de estudantes estrangeiros, provenientes de países africanos, asiáticos e europeus, refletindo uma busca ativa por diversidade e experiência multicultural.

O crescimento da presença de estudantes internacionais na UNILAB sugere que, apesar de o Nordeste ser conhecido por receber menos migrantes internacionais (Ennes, Morato, Santos, 2020), o Ceará e a Bahia emergiram como rotas significativas desse trânsito internacional. A constante expansão da comunidade estrangeira ao longo dos anos reforça a efetividade da proposta da UNILAB e do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PISEEI) como mecanismo de mobilidade.

### 3.3 A COMUNIDADE AFRICANA NA UNILAB CE/BA

Como mencionado anteriormente, o foco da dissertação está na comunidade internacional africana, os PALOP's. A partir disso, nesse tópico direcionamos nossa discussão de forma geral em apresentados o perfil dos estudantes internacionais. Para isso, foram utilizados dados exclusivamente do semestre (2022.2)<sup>3</sup>, buscando identificar o número de estudantes por nacionalidade e seus marcadores sociais como raça e gênero que são fornecidos pela intuição. De acordo com a tabela 3, as nacionalidades dos estudantes PALOPS são:

<sup>3</sup> Disponível até o momento da pesquisa.

**Tabela 3 - Estudantes PALOP na UNILAB CE/BA por nacionalidade de acordo com o semestre 2022.2**

| PAÍSES              | N.          | %              |
|---------------------|-------------|----------------|
| Angola              | 463         | 39,81%         |
| Guiné Bissau        | 570         | 49,01%         |
| Moçambique          | 90          | 7,74%          |
| São Tomé e Príncipe | 27          | 2,32%          |
| Cabo Verde          | 13          | 1,12%          |
| -                   | -           |                |
| <b>TOTAL</b>        | <b>1163</b> | <b>100,00%</b> |

**FONTE:** Produzido pelo autor - Unilab (2023) – UNILAB em Números 2022.2.

Conforme mencionado anteriormente, a comunidade PALOPs na UNILAB abrange cinco países: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. A partir do primeiro semestre de 2014, a instituição começou a integrar estudantes estrangeiros em dois Campi, localizados nos Estados do Ceará e da Bahia.

A expansão para dois campi possibilitou o aumento numérico da comunidade internacional acadêmica. Entretanto, é importante notar que a presença estrangeira no Estado da Bahia não inclui todos os cinco países. Em ambos os estados brasileiros, ou seja, nos Estados do Ceará e da Bahia, apenas Angola, Guiné Bissau e Moçambique têm representação estudantil. Não há alunos das nacionalidades de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe no Campus Malês.

Na UNILAB (CE/BA), as nações predominantes entre os estudantes africanos são Guiné Bissau, Angola e Moçambique, representando conjuntamente a expressiva maioria de 96,56% da comunidade dos PALOPs, totalizando 1.123 alunos. Guiné Bissau lidera com 570 alunos, correspondendo a aproximadamente 49,01%, seguido por Angola, com 463 estudantes, representando 39,81%, e Moçambique, com 90 alunos, equivalendo a 7,74%. Destaca-se que, embora em menor número e proporção, 40 (3,44%), os estudantes originários de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde ajudam a compor o quadro de diversidade demonstrando a relevância dessas nações na UNILAB.

Agora, voltando nosso olhar para a Tabela 4, a composição racial da comunidade PALOP ao longo do semestre 2022.2.

**Tabela 4 - COMUNIDADE PALOP E SUA RAÇA DE ACORDO COM O SEMESTRE 2022.2**

| <b>Raça</b>    | <b>N,</b>   | <b>%</b>       |
|----------------|-------------|----------------|
| Negros         | 1147        | 98,62%         |
| Branco         | 0           | 0,00%          |
| Pardos         | 3           | 0,26%          |
| Amarelos       | 0           | 0,00%          |
| Indígenas      | 1           | 0,09%          |
| Não Declarados | 12          | 1,03%          |
| <b>TOTAL</b>   | <b>1163</b> | <b>100,00%</b> |

**FONTE:** Produzido pelo autor - Unilab (2023) – UNILAB em Números 2022.2.

Ao olharmos para os marcadores de raça da comunidade internacional da UNILAB, observa-se que a maioria dos estudantes é predominantemente negra. No primeiro marcador social, o racial, 98,62% dos alunos se declaram como pertencentes a essa categoria. E ainda que existam estudantes pardos e indígenas ou não declarados. Estes estão abaixo dos 2% de toda a comunidade internacional PALOP.

A seguir, a Tabela 5 apresenta uma análise da comunidade internacional, destacando a distribuição dos marcadores sociais de gênero no semestre 2022.2.

**Tabela 5 - A COMUNIDADE PALOP E SEU MARCADO SOCIAL DE GÊNERO (2022.2)**

| <b>Gênero</b> | <b>N.</b>   | <b>%</b>    |
|---------------|-------------|-------------|
| Masculino     | 770         | 66,21%      |
| Feminino      | 393         | 33,79%      |
| <b>Total</b>  | <b>1163</b> | <b>100%</b> |

**FONTE:** Produzido pelo autor - Unilab (2023) – UNILAB em Números 2022.2

O segundo marcador social da comunidade PALOP apresentada pela instituição (Unilab, 2023), é referente ao gênero. A mobilidade estudantil internacional dessa Universidade engloba homens (66,21%) e mulheres (33,79%) de cinco nações distintas de um continente.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é composta por nações que compartilham o uso do português como idioma oficial. No entanto, apesar dessa ligação linguística, os países membros possuem diferenças significativas em aspectos culturais, históricos, sociais, econômicos e políticos. Essas divergências mostram que a CPLP não é

uma unidade homogênea, mas sim um agrupamento de países diversos conectados por um elemento em comum: a língua portuguesa.

A UNILAB promove uma mobilidade mista entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), sendo a maioria dos estudantes internacionais negros e homens. Embora a presença feminina seja significativa, ela ainda é significativamente menor, especialmente entre os dois campi. Além disso, a comunidade estrangeira, em comparação com a nacional, não ocupa 50% das vagas destinadas aos estudantes da CPLP, o que evidencia que a UNILAB é predominantemente composta por alunos nacionais.

Além disso, a mobilidade à qual me refiro pode ser considerada qualificada, uma vez que envolve sujeitos com formação acadêmica e técnica avançada, compondo novos perfis e contextos de deslocamento. Se antes esse tipo de mobilidade era frequentemente interpretado como uma “fuga de cérebros” — caracterizada pela saída de profissionais altamente qualificados, majoritariamente homens brancos (Pedone e Alfaro, 2018) —, hoje, com a renovação das agendas migratórias, é possível observar mudanças significativas. As migrações direcionadas ao Sul Global revelam uma dinâmica menos homogênea.

Nesse estudo em específico, ainda que a maioria dos migrantes continue sendo composta por homens, sua mobilidade não é mais pautada exclusivamente pela fuga, mas sim por um movimento orientado à busca de qualificação. Além disso, trata-se, em grande parte, de homens negros, o que marca uma mudança importante no perfil dos migrantes. Embora em menor número, as mulheres também integram esse processo. Sobretudo, destacam-se mulheres negras oriundas do continente africano que migram em busca de suas primeiras formações acadêmicas, rompendo com a lógica excludente de mobilidades exclusivamente masculinas.

### **3.4. O CAMPUS DOS MALÊS**

A UNILAB possui sede na Bahia, na cidade de São Francisco do Conde. A expansão da Universidade ocorre sobre os mesmos princípios de interiorização e internacionalização. Sobre a finalidade da formação de recursos humanos para os países envolvidos e a capacitação acadêmica e profissional do Recôncavo Baiano.

A Universidade da Bahia possui como nome Campus Malês, em homenagem a Revolta dos Malês, uma das maiores revoltas de escravos, na história do Brasil, que ocorreu na cidade de Salvador, na Bahia, em 1835.

Dessa forma, seja no Ceará ou na Bahia, as Universidades foram construídas sobre o contexto de reconhecer e honrar a resistência histórica contra a escravidão. Seus nomes, suas datas de criação e os locais onde foram inseridas reforçam celebram os esforços abolicionistas dos negros escravizados ex-escravizados no Brasil.

As atividades acadêmicas no Campus dos Malês tiveram início em fevereiro de 2013, com a aula inaugural dos cursos de graduação e pós-graduação a distância. Em maio de 2014, os cursos presenciais foram introduzidos no campus, marcando o início do ensino, pesquisa e extensão de maneira presencial.

**Figura 6 - CAMPUS DOS MALÊS**



FONTE: Produzido pelo autor (2024).

Em termos estruturais, o Campus do Malês é uma extensão menor quando comparado aos demais campi. O prédio que abriga o campus foi doado pela prefeitura. Enquanto o prédio oficial em si, ainda não saiu das promessas de construções. Isto demonstra que possui uma estrutura menor do que a dos campi localizados no Ceará.

**Figura 7 – A RETOMADA DA CONSTRUÇÃO DO CAMPUS DO MALÊS**



**FONTE:** Produzido pelo autor (2024).

Assim, há 10 anos a UNILAB funciona no interior da Bahia sem um “campus propriamente seu”. Não o bastante, a ausência de um campus melhor estruturado resulta na em uma oferta muito menor de cursos<sup>4</sup>.

Enquanto a os campi do Ceará conseguiu expandir a quantidade de cursos ao longo desses anos e ofertam ao todo vinte e três cursos na modalidade presencial, o Campus Malês ofertam seis, tabela (6).

**Tabela 6 - OFERTA DE CURSOS E ALUNOS MATRICULADOS NOS CURSOS DO CAMPUS DOS MALÊS.**

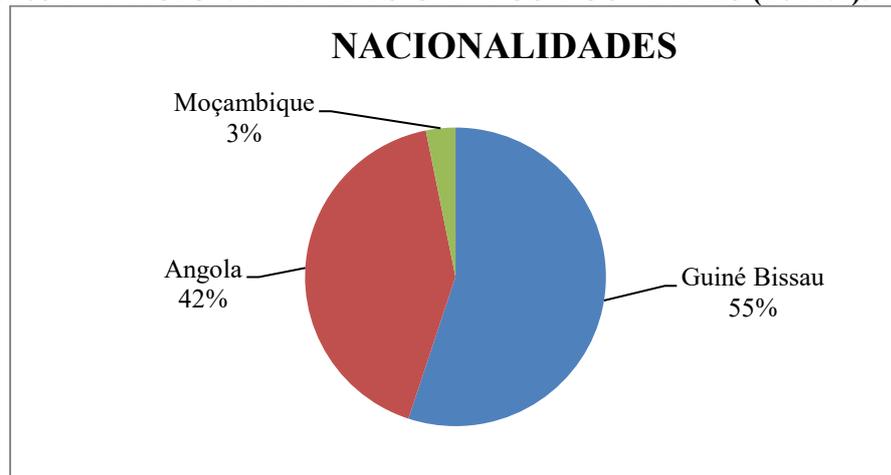
| <b>Cursos</b>           | <b>Alunos</b> | <b>%</b>      |
|-------------------------|---------------|---------------|
| Humanidades             | 167           | 52,8%         |
| Relações Internacionais | 46            | 14,6%         |
| Letras - Português      | 43            | 13,6%         |
| Ciências Sociais        | 38            | 12,0%         |
| Pedagogia               | 19            | 6,0%          |
| História                | 3             | 0,9%          |
| <b>Total</b>            | <b>316</b>    | <b>100,0%</b> |

**FONTE:** Produzido pelo autor, a partir dos dados da UNILAB em números 2022.2 (2023).

As maiorias dos estudantes que vão para a UNILAB na Bahia estão matriculadas no curso de Humanidades. Abaixo dos 50% existe uma maior adesão do estudante internacional para outras três disciplinas: Relações Internacionais, Letras – Português e Ciências Sociais. Os cursos com menor adesão são pedagogia e história.

A baixa oferta de cursos não é o único resultado que o Campus dos Malês apresenta. Quando comparados com a sua sede no Ceará, o campus também apresenta quantidade menor de estudantes internacionais, ver no gráfico 1.

<sup>4</sup> De acordo com a Assecom (2019), as obras de expansão retomadas no Campus dos Malês tem como objetivo a criação de novas salas de aula, laboratórios, salas de reunião, biblioteca e vários ambientes administrativos. Além disso, com a criação dos novos blocos, a expectativa é que a instituição tenha a infraestrutura necessária para receber novos cursos e amplie suas atividade de ensino, pesquisa e extensão. Disponível em: < <https://unilab.edu.br/2019/04/11/obras-de-expansao-sao-retomadas-no-campus-dos-males/>> Acesso em 18/01/2025.

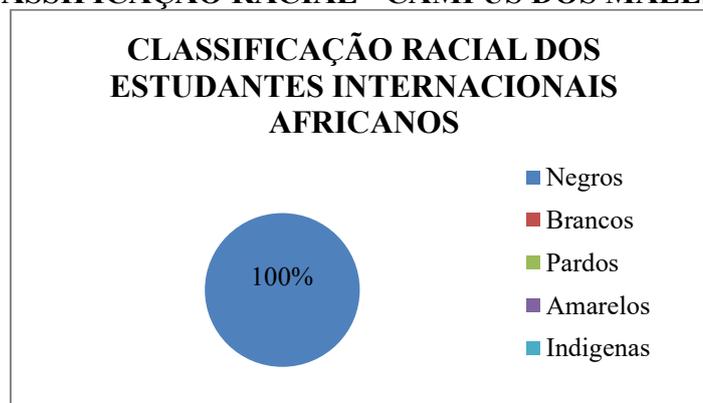
**Gráfico 1 - NACIONALIDADES CAMPUS DOS MALÊS (2022.2).**

**FONTE:** Produzido pelo autor, com base na UNILAB em números (2023).

Os estudantes internacionais em São Francisco do Conde representam aproximadamente 30,41% (316) do total de 1.039 estudantes no campus dos Malês, enquanto a maioria, 69,59% (723), é composta por brasileiros. Os alunos internacionais estão divididos entre três nacionalidades: Guiné Bissau, representando mais da metade dos estudantes; os estudantes Angolanos que por sua vez são 42% e uma presença mínima de estudantes moçambicanos.

No período de 2022.2, não houve registro de estudantes de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Dos 1.163 estudantes internacionais matriculados na UNILAB, aproximadamente 27,17% eram africanos residentes na Bahia.

No gráfico 2, apresentamos a distribuição dos estudantes internacionais africanos do campus dos Malês segundo seu pertencimento racial.

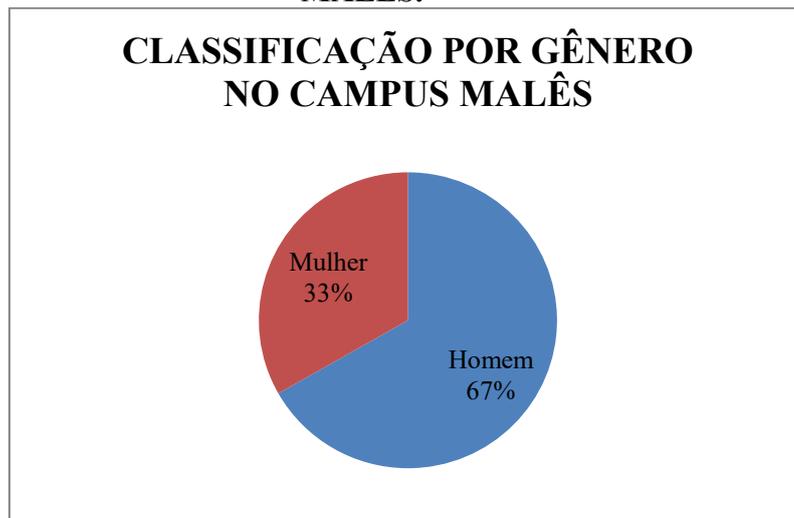
**Gráfico 2 - CLASSIFICAÇÃO RACIAL - CAMPUS DOS MALÊS (2022.2)**

**FONTE:** Produzido pelo autor- UNILAB em números (2022.2).

O perfil dessa mobilidade na Bahia diverge pouco dos estudantes que vão para o Ceará. A presença dos estudantes internacionais africanos é de 100% negra. Ainda que no Ceará, a amostra não chegue a sua totalidade negra, ela é superior a 98%.

Quanto ao gênero, no gráfico 3, apresentamos qual o gênero predominante dos estudantes internacionais no Campus dos Malês.

**Gráfico 3 – GÊNERO DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS - CAMPUS DOS MALÊS.**



**FONTE:** Gráfico produzido pelo autor – UNILAB em números (2022.2).

Apesar das diferenças, onde a presença masculina é superior a 50%. O Campus dos Malês consegue atrair as mulheres africanas no ato da migração em busca de formação acadêmica. Não a tornando homogeneamente masculina.

Dessa forma, ainda com a pouca oferta de cursos, e um campus em construção, o campus dos Malês consegue ser um polo de atração internacional para os estudantes africanos. Sendo homens e mulheres em sua maioria de Guiné Bissau e de Angola.

### **3.5. OS PROGRAMAS ASSISTÊNCIA DA UNILAB**

Para os estudantes internacionais que conseguem migrar, a instituição promove formas de assistências institucionais. Este é o caso das do Programa de Acolhimento e Integração de Estudantes Estrangeiros (PAIE). O estudante passa a fazer parte deste programa imediatamente após a confirmação do interesse de matrícula, antecipando-se à chegada do estudante ao seu país de origem. Ele proporciona orientação contínua, acompanhamento durante o processo de acomodação e regularização acadêmica. Esse programa institucional

demonstra o compromisso da universidade em garantir uma transição bem-sucedida para os estudantes estrangeiros desde o início de sua jornada acadêmica.

Outra via de assistência é por meio do Programa de Assistência ao Estudante (PAES), que fornece assistência administrativa e objetiva apoiar o acesso aos direitos de assistência estudantil para alunos matriculados em cursos de graduação presencial na UNILAB. Este programa é direcionado especialmente aos estudantes cujas condições socioeconômicas são insuficientes para uma permanência adequada no espaço universitário. Dessa maneira, o PAES atua como um suporte assegure que todos os alunos tenham oportunidades e condições adequadas para uma experiência acadêmica.

Diante do exposto, torna-se evidente que as políticas de cooperação desempenham como promotoras singulares de um sistema migratório. As semelhanças e conexões entre o Brasil e o continente africano são numerosas, sendo muitas delas decorrentes de uma interdependência histórica que perdura até os dias atuais, manifestando-se em aspectos culturais, sociais e econômicos.

A interdependência entre o Brasil e a África e a existência de laços culturais são destacadas como elementos fundamentais que moldam e fortalecem os sistemas migratórios, considerando entre os acordos e nas políticas uma consistência na promoção de fluxos e redes institucionais de migração, além de vínculos econômicos e políticos entre os países. Em suma, a mobilidade de africanos no Brasil, especialmente para fins de qualificação, pode ser contextualizada como parte de um quadro estrutural mais amplo. Essa dinâmica é influenciada e influencia as forças globais e locais, transcendendo os efeitos das "solidariedades humanitárias" entre os países.

Os efeitos do quadro estrutural político influenciam as mobilidades dos estudantes dos PALOP não apenas no âmbito macro-regional, mas também no institucional. Isso significa que os impactos das políticas externas não só estimulam a mobilidade, mas também fundamentam suas causas. Nesse contexto, afirmamos que as Instituições de Ensino Superior (IES) emergem na perspectiva de internacionalização, desempenhando também o papel de uma rede migratória que se reflete nos fluxos em cadeias.

Um ponto central na internacionalização da UNILAB reside na sua incorporação do internacional, intercultural e global. Essa abordagem reflete uma instituição que estabelece conexões nacionais e culturais entre os países envolvidos, posicionando-se como um elo entre modelos racionais, especialmente nas esferas cultural e política. A lógica subjacente à formação da Instituição de Ensino Superior (IES) é impulsionada por meio de acordos

solidários e cooperativos, com ênfase nos aspectos de interiorização que buscam reduzir as discriminações raciais no Brasil.

Assim, a criação de uma instituição voltada para a abrangência da comunidade PALOP e não-PALOP configura uma rede institucional que promove a mobilidade e integração. Entretanto, essa iniciativa não garante total "tranquilidade" nos processos de mobilidade e integração. Apesar de oferecer suporte, como orientação informacional e recursos acadêmicos, a efetiva mobilidade, ingresso e integração no âmbito acadêmico e social dependem de outras redes ou indivíduos que tenham participado do fluxo migratório. No entanto, é crucial destacar que a instituição representa uma porta de entrada no Brasil, tornando-se assim um ponto de conexão na formação de uma rede migratória.

O Brasil tem se destacado como um destino importante para a formação acadêmica de estudantes africanos, especialmente aqueles dos PALOP. A princípio informamos que a circulação da presença desses estudantes se deve a acordos realizados entre o Brasil e a África fundamentados entre princípios solidários, culturais e acadêmicos.

As primeiras redes a qual chamamos a atenção são aquelas entre os países inseridos na CPLP. Eles partilham de vínculos e elementos culturais durante os contextos históricos específicos, que conferiram aos países relações interdependentes entre os dias atuais - desde a partilha da língua até diplomacia e cooperação.

Na presença de conexões pré-existentes entre as nações, surgem chamados os sistemas migratórios que provocam a mobilidade e configuram fluxos, cadeias ou redes migratórias enquanto expressão de um sistema interdependente Salt (1989). Se, por um lado, as políticas educacionais brasileiras atuam na constituição de fluxos de nações africanas para o Brasil, por outro, as políticas de internacionalização ativas são atuantes na atração de estudantes acadêmicos internacionais (Subuhana; Impanta, 2016).

Em resumo, a UNILAB surge dentro das estratégias voltadas para a atração da comunidade internacional africana. Nesse contexto, a instituição também está assentada no projeto político-pedagógico que converge na constituição e integração de redes entre os países da CPLP, não se distanciando de um mecanismo de mobilidade entre seus pares.

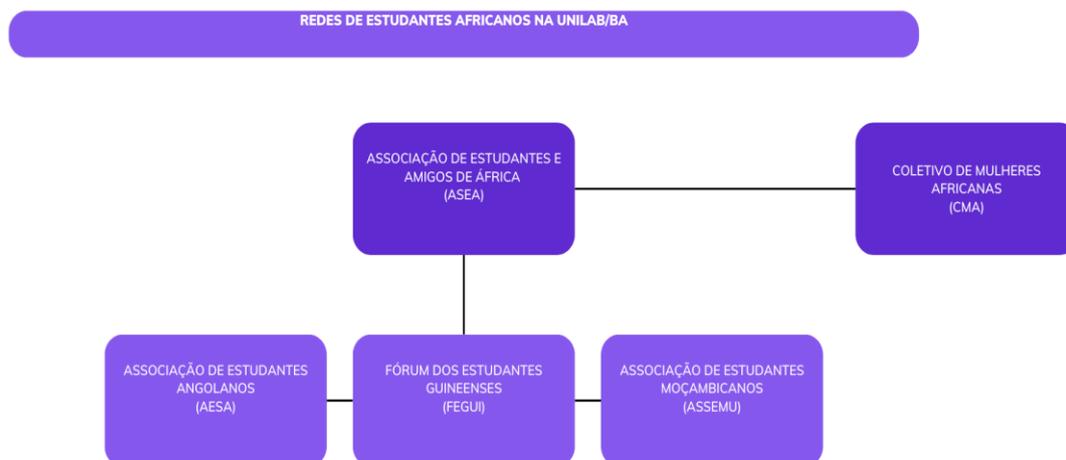
Entretanto, apesar dos esforços da instituição em prover formas de assistência aos estudantes internacionais, estes ainda enfrentam conflitos em São Francisco do Conde. No próximo capítulo, serão apresentadas as formas de atuação e as estratégias utilizadas pelos estudantes internacionais para lidar com os conflitos em seu cotidiano.

## CAPÍTULO IV: AS VIVÊNCIAS DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UNILAB E NA BAHIA

### 4. 1. A EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE PALOP NA UNILAB E NA BAHIA E AS ASSOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

O presente capítulo pretende retomar o cumprimento do objetivo específico que consiste em analisar como ocorrem as estratégias de atuação e resolução de conflitos da parte dos estudantes africanos da UNILAB/BA. Os estudantes internacionais da UNILAB/BA, no campus do Malês, são constituidores de redes relacionais e migratórias. A saber, as associações de estudantes por nacionalidade: Associação dos Estudantes Angolanos (AESA), Associação dos Estudantes Moçambicanos (ASSEMU) e o Fórum dos Estudantes Guineenses (FEGUI); além das redes nacionais, há entre elas uma associação geral e um coletivo constituído exclusivamente por mulheres: Associação de Estudantes e Amigos da África (ASEA) e o Coletivo de Mulheres Africanas (CMA) (figura: 8).

**Figura 8 - REDES DE ESTUDANTES AFRICANOS DA UNILAB/BA**



**FONTE:** Produzido pelo autor (2024).

Essas associações são constituídas sem fins lucrativos, e reúne a maioria dos seus membros nas dependências do Campus-Sede da Unilab e são regidas por estatutos. São em torno dos seus estatutos e critérios que Silva (2020) aponta que cada associação desempenha

papéis importantes na integração dos seus membros junto à universidade e a comunidade externa.

Em termos de hierarquia, a ASEA foi a primeira associação criada em 2014, sendo a associação mais antiga do campus do Malês. Além de ser uma rede que englobava os primeiros estudantes internacionais, ela contou com a participação de “amigos”, membros nacionais e externos na sua composição.

Em meu trabalho de campo, foram entrevistados (as) todos os representantes dessas associações<sup>5</sup> e com a finalidade de compreender as motivações e/ou objetivos que levaram a criação dessas redes. Sobre este tema, os estudantes responderam o seguinte:

Então... a ASEA nasceu no ano 2015 a 16, se não me engano. De 2015 a 16 e foram os primeiros estudantes que vieram aqui para a Bahia, porque a Comunidade Nacional do Ceará surge em 2010 e 2011, mas se atrasou aqui no campus da Bahia. E as regras surgiram logo um ano depois, para os primeiros estudantes daqui. O que pressionou mais no surgimento da Associação foi que, ao chegar aqui, se deparar com cultura e tudo diferente, tipo um choque cultural e estar num território totalmente... Que você não conhece você está totalmente vulnerável nesse território. E tem questões de coisas que os veteranos encontraram aqui, nós também encontramos, que é o fenômeno raça, né? Isso influenciou bastante para que os estudantes internacionais tivessem uma associação que os protegessem, que eles poderiam organizar bastante para saber como lidar com isso e como proteger também os que vão vir depois deles. Então isso surgiu basicamente para fortalecer também a laço de integração entre os PALOPS e não só, porque ele não prestigia apenas a comunidade de PALOPS, mas sim para todos os países caso se houvesse outros que agora têm Timor-Leste, Timor-Leste também faz parte de Unilab, não é só para a comunidade de PALOPS. E também porque os que chegaram aqui sofreram bastante com a xenofobia, a xenofobia era gritante. Então, era necessário criar uma associação que abrangesse todas essas dificuldades e também para que pudesse fazer frente à prefeitura, para conversar, porque se não ia ser meio que informal cada estudante ir lá anotar algumas coisas e tal, e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) não poderia dar conta disso tudo. Então, surgiu uma exceção que só visaria para os estudantes internacionais (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

Os primeiros estudantes africanos da UNILAB/BA que chegaram ao Brasil vivenciaram um choque cultural ao se encontrarem em um território desconhecido. Entre as diferenças e descobertas, duas questões se destacaram: a raça e a xenofobia. A vulnerabilidade experimentada nesse novo ambiente foi o principal fator para a criação da ASEA, com o objetivo de fortalecer os laços de integração entre os países africanos de língua portuguesa (PALOP) e outros países, como Timor-Leste.

É a partir dessas premissas que surge o chamado associativismo imigrante. Com o tempo de permanência em terras estrangeiras, desenvolvem-se formas organizadas de relacionamento (Rocha, 2010). No caso dos estudantes internacionais, essas formas de

---

<sup>5</sup> Com a finalidade de prezar pela identidade dos participantes, usaremos o termo representante ao invés de cargo para assim manter o anonimato e proteger a sua privacidade.

relacionamento evoluíram para práticas associativas, inicialmente por meio de uma associação geral e, posteriormente, com a formação de comunidades ou associações nacionais. O choque entre culturas, aliado às questões raciais e xenofóbicas, impulsiona essas organizações a rejeitarem posições individuais, desenvolvendo estatutos e programas de atuação coletiva em benefício dos associados (Rocha, 2010).

Nesse contexto, as associações de estudantes surgem para atender às necessidades sentidas pelos indivíduos, sejam elas de ordem material ou simbólica (Albuquerque, 2008, p. 100). No caso da primeira associação, as adversidades iniciais eram predominantemente simbólicas, envolvendo o choque cultural, questões raciais e xenofobia.

No caso do campus dos Malês, além de enfrentar os desafios iniciais dos associados, essa primeira associação, a ASEA, foi criada com o objetivo de facilitar as relações entre estudantes internacionais e os nacionais. Contudo, a ASEA não limitou sua atuação a essa integração local. Conforme relatado por uma de suas representantes, a associação também reconheceu a importância de manter laços de integração com outros países.

[...] a ASEA que surgiu antes para englobar tudo, como eu falei, ia ser meio que informal, cada estudante, cada cidade ia lá relatar algo que era comum para todos. Então surgiu a ASEA para fortalecer a integração entre os PALOPS também, e com a comunidade brasileira dentro da Unilab e fora, para ter uma associação meio que formal para cuidar dos problemas, interesses dos estudantes internacionais e afro-diaspóricos também (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

A noção de englobar a todos é fundamental, pois os laços de integração também se estendem aos nacionais, sejam estudantes ou não. O estudante africano busca se integrar não apenas no ambiente acadêmico, mas também na cidade em que reside como é o caso de São Francisco do Conde/BA. Sob essa perspectiva, a associação de estudantes internacionais se consolida como um instrumento estratégico para superar o isolamento que esses imigrantes poderiam enfrentar, além de promover ações em defesa dos interesses desses indivíduos (Rocha, 2010).

Para além da manifestação de laços com a comunidade local/nacional, a ASEA foi à primeira associação a lidar com os problemas dos estudantes de maneira coletiva e não estritamente individual. Inicialmente, foi criada uma associação para representar os estudantes internacionais, buscando formas de lidar com conflitos raciais e xenofóbicos, além de promover a integração desses estudantes no âmbito acadêmico e na cidade de São Francisco do Conde. No entanto, como essa mobilidade não se restringe exclusivamente ao deslocamento de homens, surgem outros problemas de ordem simbólica, como o assédio.

Diante desse novo desafio, a ASEA começou a passar por fragmentações, abrindo espaço para o surgimento de novas iniciativas. Além dos conflitos relacionados à raça,

xenofobia e assédio — que serão abordados ao longo do texto —, destaca-se a criação do Coletivo de Mulheres Africanas, em 2016. Esse coletivo foi formado com foco na questão de gênero e no objetivo de estabelecer uma rede exclusiva para mulheres africanas de diferentes nacionalidades.

O coletivo foi criado em março de 2016. Março de 2016, com o intuito ou com a necessidade de se reunir, de se juntar às mulheres porque precisava. Porque aqui tem um estereótipo que não só a xenofobia. Então o coletivo acabou surgindo nessa dinâmica de as mulheres se juntando e falar das conquistas, não são muitas mais também desabafam, porque cada um ao sair de casa já enfrenta uma série de problemas até chegar na universidade. E próprio dentro da universidade não tem um acolhimento, um preparo em termos ou em contexto de licenciamento.

O coletivo surgiu assim, para lidar com os assédios na sociedade local. Mas hoje temos outra dinâmica, porque não só assédio ou discriminação, mas a gente também estuda preconceito, racismo, escrita acadêmicas, estudamos também de emancipação política como as mulheres pretas africanas e afro-diaspóricas (REPRESENTANTE DA CMA, 2024)

Pouco tempo após a criação da ASEA, que se dedicava à integração dos estudantes tanto no âmbito acadêmico quanto fora dele, surgiu o Coletivo de Mulheres Africanas (CMA). A CMA foi criada para suprir a ausência de acolhimento institucional em relação a questões específicas enfrentadas pelas mulheres negras africanas, concentrando seus esforços no combate aos estereótipos de submissão e hipersexualização que as afetam.

De forma geral, a CMA lida com questões como assédio, racismo e xenofobia, dedicando-se à conscientização das mulheres sobre esses preconceitos e incentivando a busca pela emancipação política das mulheres pretas africanas e afro-diaspóricas. O coletivo tem como objetivo enfrentar os assédios na sociedade local, bem como outros preconceitos, promovendo ações que fortalecem a conscientização e a autonomia dessas mulheres.

Após a primeira fragmentação da ASEA, com o surgimento do Coletivo de Mulheres Africanas (CMA) para atender a necessidades mais específicas, outras associações começaram a surgir ao longo do tempo. Enquanto a ASEA se dedicava a questões mais amplas relacionadas ao continente africano e aos africanos no Nordeste brasileiro, essas novas associações passaram a focar em demandas menos homogêneas e mais específicas às suas respectivas nacionalidades. Assim, a partir dos princípios de integração e cuidado, as comunidades de estudantes internacionais evoluíram para responder a necessidades particulares de seus integrantes.

A FEGUI (Forum de Guineenses na UNILAB) a AESA (Associação de Estudantes Angolanos) são as duas primeiras associações que, em sua criação, incluíram o fator da nacionalidade. Em seguida, em 2023, surge a ASSEMU, que reúne os estudantes moçambicanos na UNILAB.

[...] apesar termos a associação de estudantes africanos, porém ainda existiam problemáticas que eram exclusivamente para a comunidade angolana, então era necessário resolvermos a nível de comunidade. Por isso que se formou essa questão da associação dos estudantes angolanos aqui em São Francisco do Conde.

Nós começamos por campanhas simples para termos a nossa associação. Começamos com o movimento da comunidade, vamos falar de nós, e foram campanhas que a gente fez para dialogarmos, entendermos a necessidade dos estudantes angolanos em São Francisco do Conde.

Por exemplo, quando as pessoas quisessem convidar os estudantes angolanos para uma atividade para um evento, não tinha um lugar para se dirigir. Vamos convidar aqui, vamos convidar alguém que tem muita influência dentro da comunidade.

Mas que cargo? O que ele representa? Uma simples influência que ele tem. Não é nenhum presidente, nenhum secretário, não tem uma organização, uma estrutura. Então precisava-se dessa estrutura, já colocamos aquela estrutura.

(REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

O FEGUI foi criado mais no sentido de que sabemos que depois de termos a ASEA associação máxima para além de DCE que responde para o nome de todos os estudantes africanos. Dentro de ASEA existe também a descentralização, em que cada nacionalidade tem a sua associação. Recentemente, por exemplo, os angolanos criaram associação e os moçambicanos criaram a associação.

Mas o fórum dos guineenses é mais antigo. Depois de tirar a ASEA, você vai encontrar o fórum dos guineenses. Por quê? porque aqui na UNILAB para além dos brasileiros, o grosso número de estudantes de registados são guineenses. É o maior número dos Guineenses. o fórum tem os principais objetivos que tem a ver com... pra lutar dentro do interesse de próprios associados Guineenses (REPRESENTANTE DA FEGUI, 2024).

A princípio a criação da associação aqui, a ASSEMU Associação de Estudantes Moçambicanos, aqui na Unilab, sobretudo no campus dos Malês. O que acontece... Já tínhamos uma associação que era a do Ceará. Assim, ela resolvia questões relacionadas também a estudantes daqui da Bahia. Só que devido a algumas questões e circunstâncias, a gente viu a necessidade de se articular também uma certa associação aqui na Bahia. Porque conseguir, quer dizer, resolver questões daqui na Bahia a partir do pensamento do Ceará era um pouco delicado. Porque simples era como a gente fosse uma parte daqui de estudantes. Então a gente também pensou em articular uma associação aqui que respondesse às questões dos estudantes moçambicanos na Bahia. Agora quanto à questão de regulação de problemas, devido a essa criação da nossa associação, tornou-se mais fácil a gente enfrentar algumas dificuldades, porque, sobretudo nas questões sociais que a gente tem enfrentado na Unilab, aqui no Campus dos Malês, por ser um campus que certamente é questionável em algumas circunstâncias, a criação da nossa comunidade nos ajuda em algum momento, porque tem vezes que a gente precisa de um certo apoio. Então em nome da comunidade, em nome da associação, já é fácil a gente conseguir resolver alguns problemas (REPRESENTANTE DA ASSEMU, 2024).

Embora existisse uma comunidade geral para tratar das questões dos estudantes internacionais, duas rupturas levaram à criação de novas associações. Inicialmente, os estudantes apontaram uma influência significativa dos estudantes internacionais do Ceará na tomada de decisões e na resolução de conflitos que envolviam estudantes na Bahia. No entanto, a falta de familiaridade desses representantes com as particularidades locais motivou o surgimento da ASEA (BA). Posteriormente, associações como a AESA (BA), a FEGUI (BA) e a ASSEMU (BA) decidiram estabelecer suas próprias conexões e influências com os

estudantes internacionais de São Francisco do Conde, na UNILAB, visando responder aos conflitos presentes na região. Essa decisão resultou no afastamento das associações e redes da UNILAB de São Francisco das comunidades internacionais e locais do Ceará.

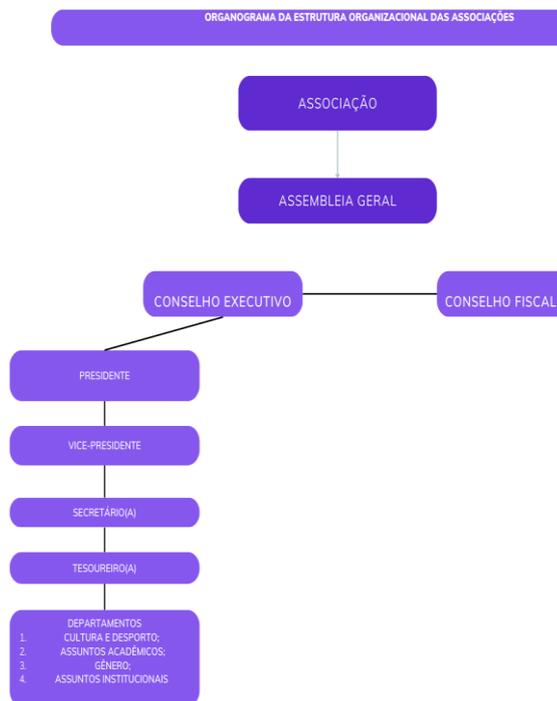
A segunda ruptura ocorreu devido à homogeneidade representada pela ASEA, que não conseguia atender às necessidades nacionais e étnicas específicas de cada estudante africano. A primeira associação a surgir foi a FEGUI, seguida pela AESA e, posteriormente, pela ASSEMU. Segundo Rocha (2010), as associações de imigrantes internacionais têm se consolidado como instrumentos essenciais para o fortalecimento das identidades das comunidades que vivem fora de seus países de origem.

A AESA, a FEGUI e a ASSEMU surgiram com o propósito inicial de fortalecer as identidades nacionais, mas também de abordar questões e defender os direitos específicos dos angolanos, guineenses e moçambicanos.

Embora fragmentadas, as associações desempenham um papel nas trajetórias dos migrantes. Inicialmente, com a ASEA, elas abordaram os preconceitos e os desafios da integração. Posteriormente, com a criação da AESA, FEGUI e ASSEMU, surgiu a necessidade de "fazer grupo", de encontrar um espaço onde fosse possível sentir-se em casa, caracterizado pela união com base nas particularidades nacionais. De acordo com Rossi (2012), o caráter associativo se manifesta em três aspectos: a afirmação dos valores tradicionais do grupo ao qual o indivíduo pertence, a oferta de assistência aos membros e a defesa dos interesses dos associados, especialmente em situações complexas na sociedade de chegada (Rossi, 2012, p. 37-38).

Apesar da diferenciação por nacionalidade, em termos de estrutura, lideranças e divisão de poderes, as associações, de modo geral, seguem a mesma padronização da primeira organização (ver figura 9).

**Figura 9 - ORGANOGRAMA DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL GERAL DAS ASSOCIAÇÕES**



**FONTE:** Criada pelo autor a partir dos estatutos das associações da UNILAB/BA.

Cada associação é composta por três órgãos: Assembleia Geral, Conselho Executivo e Conselho Fiscal. A Assembleia Geral, órgão máximo e soberano, tem a função de garantir o cumprimento do Estatuto da associação e é composta pelo presidente, vice-presidente e secretário.

O Conselho Executivo inclui os cargos da Assembleia Geral, adicionando o tesoureiro e os chefes dos departamentos de Cultura e Desporto, Assuntos Acadêmicos, Gênero e Assuntos Institucionais. Já o Conselho Fiscal é responsável por supervisionar os atos administrativos do Conselho Executivo e, em casos excepcionais de destituição ou renúncia coletiva, deve convocar novas eleições. Por fim, o mandato do corpo executivo das associações é de um ano, com possibilidade de reeleição no pleito subsequente, mas sem permissão para reeleição após o segundo mandato.

Cada uma dessas associações se organiza com o objetivo de promover e preservar vínculos afetivos com suas regiões de origem, buscando evocar e sustentar traços simbólicos de pertencimento regional e identitário. Isso é feito por meio de diversas iniciativas, incluindo departamentos voltados à cultura, esportes, assuntos acadêmicos, questões de gênero e relações institucionais.

Entre os estudantes internacionais e na UNILAB da Bahia, o Coletivo de Mulheres Africanas se destaca como uma rede que trará um diferencial em termos de organização.

O próprio nome já fala coletivo, porque pensamos na coletividade, é como uma roda de quilomba como fala aqui, vamos aquilombar. Quando você parar para pensar em uma Vila de Guiné, a gente fala em um círculo, uma roda de mandjuandade, que é um grupo composto pelas mulheres de Guiné-Bissau, Então essa roda não tem supremacia, não tem liderança, não tem chefe (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

Como sugere a representante, o próprio coletivo reforça a ideia de união e coletividade, onde todas são iguais e não há hierarquias. Ela menciona, para reforçar essa ideia, a "roda de mandjuandade", uma prática ligada às tradições de Guiné-Bissau, além das rodas quilombolas no Brasil. Essas rodas são apresentadas pela representante como uma forma de promover uma difusão cultural mais ampla, adotada pelas mulheres africanas.

Em relação às associações, embora existam diferenças entre as nacionalidades, os objetivos e as reivindicações das associações nacionais são convergentes.

Assim... Os principais objetivos da nossa associação, sobretudo, como princípio, aqui nós somos estudantes, mas existe uma coisa que é muito fundamental, antes de tudo, é manter a saúde mental. Já estamos aqui a viver, mas mesmo assim tem sido difícil enfrentar o cotidiano aqui no Brasil, sobretudo aqui na Bahia, e sobretudo no contexto de São Francisco do Conde.

Então, não tem sido fácil nenhuma questão que tem que se resolver individualmente. De fato, a gente precisa se concentrar, precisa sentar e conversar, debater algumas questões. Então assim, nós como comunidade, um dos objetivos é manter esse diálogo entre nós, manter unanimidade para resolver nossos problemas dentro da Unilab e aqui na Bahia (REPRESENTANTE DA ASSEMU, 2024).

Na fala do representante da ASSEMU, destacam-se os principais objetivos da associação, com ênfase na saúde mental e no diálogo coletivo como estratégias para enfrentar os desafios diários. Embora os estudantes cheguem por meio de processos seletivos internacionalizados e ingressem em uma instituição voltada à integração internacional, o bem-estar psicológico é uma prioridade, especialmente considerando as dificuldades que a vida cotidiana, particularmente no contexto da Bahia e de São Francisco do Conde, pode apresentar para esses estudantes.

De acordo com o representante, as questões individuais são facilmente resolvidas por meio do esforço comunitário da associação. A proposta é que a associação mantenha os membros em diálogo constante, buscando resolver de forma unificada as pautas e os problemas que surgem na UNILAB e em São Francisco do Conde.

Quanto ao objetivo do Fórum de Guineenses, o representante destacou suas responsabilidades, afirmando o compromisso de representar e defender os interesses dos guineenses.

O fórum tem como obrigação, estando autorizado a, primeiro, representar os Guineeses e defender os seus interesses, apoiando-os a nível acadêmico, cultural,

profissional, desportivo e recreativo. E prestar apoio social a todos os sócios ou promover a doação de ação de ajuda mútua e solidariedade entre os grandes, visando a sua sustentabilidade e convivência com digno. Por exemplo, quando tem um corte, por exemplo, de... Se tem um aluno que perdeu auxílio, a gente acaba entrando em contato com as gestões. a gente faz um processo também, orientando os que estão chegando, um processo de documentação, o Ministério, para o Ministério chegar até aqui no Brasil. A gente está fazendo também essa orientação. Inclusive, como passagem era um pouco alta demais, a gente estava conversando um ex estudante que agora está fazendo doutorado em São Paulo, para ver a possibilidade de conversar com a agência lá em São Paulo. para ver a possibilidade de comprar a partir daqui e enviar as passagens para lá, porque as passagens estão muito caras. A gente está fazendo esse trabalho porque é isso que nós lutamos para o interesse próprio dos alunos (REPRESENTANTE DA FEGUI, 2024).

O representante destaca que a principal responsabilidade do Fórum de Guineenses é representar e defender os interesses dos guineenses em diversas esferas, como acadêmica, cultural, profissional, esportiva e social. Além disso, o fórum se compromete a oferecer apoio social, promovendo a ajuda mútua e a solidariedade entre os membros, sempre buscando garantir sua dignidade e sustentabilidade.

Ele também ilustra, com exemplos práticos, como o fórum atua: intervindo quando um estudante perde algum auxílio, orientando novos alunos no processo de documentação e até facilitando a compra de passagens aéreas para que os estudantes possam chegar ao Brasil, lidando com os altos custos. Essa atuação demonstra o compromisso do fórum em buscar soluções concretas para os problemas enfrentados pelos alunos, defendendo seus interesses e garantindo o apoio necessário para sua permanência e bem-estar no país.

Quanto à AESA, ao mencionar seus objetivos, que visam manter o bem-estar e representar os estudantes em suas dificuldades, o representante da associação afirmou o seguinte.

Na realidade, os objetivos, as coisas que nós temos mais dificuldade aqui é lidar com o racismo e a xenofobia dentro da cidade. É um problema que afeta todos, até estudantes brasileiros que vêm de outra cidade. Porque normalmente quando a gente fala muito sobre xenofobia, sobre racismo, só nos remete ao pensamento dos estudantes africanos, mas há brasileiros negros e não só, também passam por isso. Então essa é a nossa maior dificuldade, porque a gente encontra dificuldade em como somos tratados (REPRESENTANTE AESA, 2024).

A AESA tem vários objetivos e desafios, mas o principal problema enfrentado pela comunidade é o racismo e a xenofobia na cidade. O representante destaca que esses problemas não afetam apenas os estudantes africanos, como geralmente se pensa, mas também os brasileiros que se deslocam de um estado para outro em busca de formação acadêmica na UNILAB. . Nesse contexto, o racismo e a xenofobia impactam a todos, influenciando diretamente a forma como esses indivíduos são tratados e integrados na sociedade.

O racismo e a xenofobia são fatores que geram problemas e instabilidades na presença dos estudantes internacionais em São Francisco do Conde. Nesse contexto, a ASEA, enquanto associação mais antiga aponta seus seguintes objetivos.

O nosso objetivo, apesar de a gente criar a integração entre a comunidade e a UNILAB, e não só, mas agora a gente está voltando o foco mais para fora, porque estão rolando já coisas que estão ultrapassando o limite de ser normal, é só uma coisa com o estrangeiro e tal, mas ultrapassaram, estão criando já discurso de ódio. E a gente está virando isso para ter mecanismos de lidar com isso junto à prefeitura, junto à NAMIR, que é o único grupo de apoio ao imigrante da UFBA, com a direção do campus, com as pró-reitorias também, porque podem estar conosco e com as associações também porque só a direção da ASEA não daria conta, então pode existir casos isolados de cada tipo no fórum guineense aconteceu isso, e tal, e ficar só no fórum. Então eles trazem pra nós, que maior, pra gente ver como lidar com isso. Então, nosso foco agora é isso, combater a xenofobia e não só, estarmos cientes também dos nossos direitos aqui como imigrantes, porque tem leis que nos protegem e também... e também, como é que eu posso dizer? Eu não posso dizer mudar o pensamento da população de São Francisco, mas... É Pra não criar aquele choque já, porque já tá muito tenso aqui. A gente tá indo... Normal, massageando os negócios aqui. Mas com ajuda também de pessoas maiores também. A gente está trabalhando agora com o SEPRONI, porque existe casos que já ultrapassou, já foi de um alarde espantoso. Então, estamos trabalhando, porque estamos aqui, migrantes, numa sociedade que a gente não conhece, uma sociedade muito, muito, muito, muito, muito violenta com pessoas pretas. Imagina pessoas pretas continental, né? Então, estamos trabalhando com instituições que vão nos proteger nesse caso (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

Como mencionado anteriormente, as associações foram criadas para lidar com o choque cultural. No entanto, a diferenciação cultural não é o único desafio enfrentado pelos estudantes da UNILAB, especialmente no âmbito externo ao ambiente acadêmico. Essas associações surgem para atender às necessidades de integração, e o objetivo comum entre elas é promover o bem-estar, a saúde mental e combater o racismo e a xenofobia.

#### **4.2. ESTUDANTES INTERNACIONAIS: ENTRE A PERCEPÇÃO DO FENÔMENO DE RAÇA E O RACISMO.**

As comunidades associativas são antes de tudo, representantes oficiais dos estudantes internacionais. Por compreender que a discriminação não afeta os estudantes de maneiras isoladas, mas sim de maneira coletiva. Além do objetivo comum em lidar com as discriminações, as associações, por sua vez, também utilizam dessas redes para as questões acadêmicas, culturais e sociais, lidando com manutenção dos vínculos como o de bolsistas e lidando com as documentações exigidas para a mobilidade ao Brasil e a permanência nele.

Contudo, muitos representantes mencionaram a existência do racismo e da xenofobia no seu cotidiano na Bahia, em específico em São Francisco do Conde que de acordo com o IBGE é considerado como um município de população majoritariamente negra (Unilab,

2011). Entretanto, antes de informar como o racismo é identificado por esses estudantes, apresentaremos como o fenômeno raça é apresentado por uma das representantes das associações.

A gente tem um fenômeno de raça muito diferente do que é tratado aqui no Brasil. Para nós, raça é o que o brasileiro chama de etnia. Para nós, raça não é a tonalidade da pele. Você é branco, eu sou preta. Não. Raça para mim, eu sou de uma etnia, você é de outra etnia, outro é de outra etnia. Isso que é raça aqui (REPRESENTANTE ASEA, 2024).

Para os estudantes, fora do Brasil, raça é o que o brasileiro chama de etnia. A etnia não envolve a cor da pele, mas reflete em especificidades socioculturais na língua, religião. Entretanto, ao chegar ao Brasil, a respondente aponta a cor da pele e os fenótipos como demarcadores da raça.

Porque, assim, numa sociedade onde todo mundo tem o mesmo fenótipo, o fenômeno do racismo pode manifestar-se por outros tipos, tipo, outro mecanismo, não de cor da pele. Então, além de tonalidade, cor da pele, o cabelo, o nariz, aqueles elementos que era a pessoa preta, porque era uma outra coisa que chamava a atenção. Aí chegamos aqui e vamos perceber que você tem que ter cuidado dobro porque você remete a um lugar que é tido como o atrasado, o feio, o sei lá, o ignorante, coisa que você, tipo assim né, em nosso país até nos dias atuais com 18 anos, 20 anos, você não falava sobre e agora você tem, você está aprendendo sobre e você está descobrindo por que que a população aqui idêntica a você, não só pela tonalidade idêntica a minha, mas também são pessoas pretas e diaspóricas que o idioma africano. Aí você percebe que essa pessoa cresceu numa bolha, aliás, você cresceu numa bolha de uma sociedade que é parecida com você. você chegou em outra parte do mundo, e a pessoa vai te classificar pela sua aparência. Então o fenômeno raça aqui, a gente se assustou, porque tem vezes você passa na rua, a pessoa fala, “e aí sua preta”. Eu não tomei aquilo como ofensa. Mas aqui, você vai perceber que essa pessoa também tenta me ofender, porque se você me chamar de preta, negra, preta pra mim, é elogio. Você tá me elogiando. Mas aqui é como uma ofensa (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

Além de o fenótipo demarcar a presença de uma raça ao invés de uma etnia, esses marcadores são manifestados juntamente com o racismo. Pelo fato de certos elementos estéticos, como o cabelo, cor de pele e o nariz remetê-los a um padrão de feiura. Se a raça se manifesta entre a diferenciação dos fenótipos e a marcação dos traços negroides, o fato de serem do continente africano os agregam em posições de ignorantes ou atrasados.

Como mencionado, ainda que São Francisco do Conde possua uma população majoritariamente negra, os franciscanos como informa a representante da ASEA demarcam suas diferenças pelo fato do estudante internacional estar fora das suas terras e pelo fato de possuírem um idioma próprio, que seria o “africano”.

Com a descoberta do fenômeno “raça” para os estudantes internacionais, ao fazer parte da trajetória de suas vidas no Brasil, surge à necessidade de um cuidado e vigilância nas relações entre os nacionais de dentro e fora da UNILAB. Os estudantes internacionais africanos que outrora não precisavam se preocupar com padrões de estéticas raciais ou de

serem chamados de pretos ou negros, agora passam a identificar a partir da entonação e o contexto da fala se as palavras surgem de forma elogiosa ou racista.

São a partir dessas percepções concebidas em suas trajetórias e permanência em São Francisco do Conde que busquei identificar as formas de discriminações no cotidiano e na região em que estão inseridos.

Assim, identificar o racismo na realidade é algo que você tem que estar um pouquinho atento. Alguns são muito visíveis, outros são muito disfarçados, porque são pessoas que vêm naquilo de ajudar, mas vêm com preconceito. Porque, primeiro, o que eles entendem sobre a África? O que é a África para eles? A África que muitos conhecem é aquela África onde nós habitamos com os leões, que a gente vive na miséria, que a gente passa fome. Mas não é a África que muito nós vivemos (REPRESENTANTE AESA, 2024).

As discriminações são percebidas inicialmente sobre as sutilezas, para começar o racismo é inserido sobre o contexto imagético em torno de todo um continente onde este é visualizado como um lugar miserável, selvagem e pobre.

Nós já recebemos comentários de brasileiros, nativos, que dizem que os africanos cheiram mal. “Nós vimos que os africanos, eles estavam cheirando a calor, então todos vocês cheiram mal”. Ainda que eu use perfume não vou estar todos os dias cheirando 100% bem. Se eu fizer uma corrida vou suar e vou ter aquele cheio de suor. Mas algumas pessoas acabam determinando que aquele é o cheiro normal do africano. Então a gente começa a ver que na realidade eles tem preconceito sobre nós (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

Por sua vez, a pobreza e a miséria não são as únicas imagens relacionadas aos estudantes. Eles também são estigmatizados pelo mau odor e a ausência de higiene pelos brasileiros, como relata o representante da AESA.

E tem um lugar que são as igrejas, que muitas das vezes, quando vejam africano, acham que é necessidade e querem lhe... Tudo que você precisar, é só comunicar pra gente, a gente vai ajudar. E se ele tiver que precisar, na realidade, até a ajuda não vem. Então, tem também essa questão. E, além disso, eles acham que a gente é muito pobre, que tudo o que eles nos darem nós vamos aceitar (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

O estigma da pobreza é agregado aos estudantes africanos pela população local. As instituições como a igreja veem a pessoa africana sobre presunções de necessidade e pobreza, oferecendo ajuda de forma condescendente, como se todos os africanos estivessem desesperados por qualquer tipo de auxílio. No entanto, ele também menciona que, na prática, essa ajuda muitas vezes nem se concretiza.

Em outros casos, os estudantes internacionais acabam gerando “surpresas” ao ocupar posições de destaques e apresentar palestras com excelência em português.

Nós já chegamos em algum lugar que a pessoa se surpreende. Nossa você fala português tão bem. Quanto tempo você vive aqui para aprender o português? Vocês esquecem que nós temos um colonizador em comum. Igual o Brasil foi colonizado pelos portugueses, nós também fomos colonizados pelos portugueses. Então eu vou falando português. A gente acaba se surpreendendo com isso. Quando eles vejam que nós temos domínio, somos pessoas acadêmicas, nos perguntam se estudamos

alguma vez em África. Enquanto muitos de nós abandonamos o ensino superior em África, eu estava em África, eu já fazia a faculdade em Angola. Chego aqui, alguns dos meus colegas também já faziam a faculdade em Angola. Tem pessoas que antes de vir para o UNILAB já se licenciaram em Angola. Então, muita gente, quando vê que você tem domínio sobre algum assunto, por serem africanos ficam surpreendido. Quando é que você estudou? Como é que você estudou? Como é que você sabe disso? E a ideia que algumas pessoas têm é que quando vão se deparar com africanos, vão se encontrar com aquele africano anêmico, sem saúde. Quando vejam que você é um africano que vem aqui, sabe se vestir, sabe falar, usa um tênis da Nike, uma roupa de marca, ficam surpreendidos e pensam que você aprendeu tudo aqui. (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

O domínio da língua portuguesa pelos estudantes causa espanto, revelando, ao mesmo tempo, a falta de conhecimento sobre o passado colonial compartilhado entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil, todos colonizados por Portugal. Além disso, ao perceberem o status acadêmico desses estudantes, muitos questionam se eles já estudaram na África, como se a possibilidade de uma educação de qualidade no continente fosse improvável.

O representante destaca que, antes de virem ao Brasil, alguns estudantes já estavam cursando o ensino superior em seus países de origem, enquanto outros chegaram a concluir sua formação acadêmica. Essas circunstâncias reforçam o estereótipo do africano negro e ignorante, bem como a visão reducionista de uma África exclusivamente pobre.

O racismo também se manifesta de outras formas, incluindo a criminalização dos estudantes africanos.

Recentemente durante o São João, um pessoal de uma página de comédia não colocou o “R” na seguinte palavra “FU-TAN-DO”, mas dá para compreender ao que eles estavam se referindo: “furto”. O post dizia assim: “Os africanos acabam FUTANDO nos comércios”. A forma que escreveu a palavra, não colocou R, mas há um provérbio que diz: “para bom entendedor, meia palavra, basta. Até quando dizem “mas não coloquei o R”. Só que no post colocou para não generalizar que o africano estava roubando o mercado. Mas desde que estou aqui, desconheço se teve um caso de um áfrico que foi pego no mercado, ter roubado. Porque as câmaras estão no mercado. Como é que eu vou roubar? Eu nem consigo ir. Aqui, ao entrar, a câmara está me filmando (Representante do FEGUI, 2024).

A escolha de escrever a palavra 'furtando' sem o 'r' não reduz a gravidade da insinuação de que os africanos estariam envolvidos em furtos. O representante, no entanto, questiona a veracidade dessa associação, destacando que nunca presenciou ou soube de um caso em que um africano tenha sido flagrado roubando em um mercado, especialmente considerando o monitoramento constante por câmeras de segurança. Ele não sugere que o monitoramento impeça furtos, mas ressalta que, caso um delito ocorresse, as câmeras forneceria provas legítimas para fundamentar uma acusação. Ainda assim, os estudantes

internacionais acabam sendo vítimas da disseminação de fake news pela população local, o que, por sua vez, torna sua integração na comunidade ainda mais difícil.

Não tem como. Mesmo a cidade, uma cidade que a maioria da população é preta, mas tem essa discriminação, do preto contra preto, fazendo discriminação contra o próprio seu. Por mais que eu venha da África, até hoje eu estava sendo inferiorizado pelo o próprio médico, a própria pessoa, também que é preta, por exemplo (REPRESENTANTE DA FEGUI, 2024).

Como forma de indignação as dificuldades a integração local, o estudante expressa perplexidade diante do fato de que, apesar de compartilharem a mesma cor de pele, ainda ocorre discriminação e inferiorização.

Mencionamos que a presença dessa mobilidade internacional para a UNILAB na Bahia ocorre entre os estudantes de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Contudo, em São Francisco do Conde, todos eles são generalizados.

Tem uma maneira que muita gente acaba observando generalizando. Vocês são parecidos. Você é angolano, você tem a noção de que, não, falando de África, em um continente como o Brasil, faz parte do continente americano. Existe essa questão de Dentro do continente tem países que compõem o continente. Dentro do continente existem diversos países que compõem o continente. E dentro de um país existem diversas etnias que compõem o país. Mas a gente acaba sendo enxergado e pensando “vocês são angolanos” ou sendo pensados como se a África é como se fosse um país ou que nós todos somos do mesmo país. Mas a diferença é que não. Mas agora algumas pessoas já têm a percepção de que não. Na África tem. Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé, Guiné Bissau (REPRESENTANTE DA FEGUI, 2024).

Muitas pessoas generalizam e simplificam a diversidade do continente africano. Ele destaca que, ao falar de África, algumas pessoas tratam o continente como se fosse um único país ou um lugar homogêneo, ignorando o fato de que a África é composta por muitos países, cada um com suas próprias etnias, culturas e nacionalidades distintas.

O representante utiliza o Brasil como paralelo, lembrando que, assim como o Brasil faz parte de um continente maior (a América), a África também é composta por diversos países. Ele observa que, na convivência com os estudantes internacionais, os nacionais frequentemente reduzem o continente africano a um único país.

A generalização dos africanos como uma única nacionalidade e da África como uma única nação foi um dos motivos que levaram à fragmentação da ASEA em outras associações nacionais. Com essa separação, cada associação pôde desenvolver formas de divulgação que representassem melhor suas especificidades e seus respectivos países.

Fora do âmbito acadêmico, a comunidade internacional de estudantes PALOP também é questionada sobre suas posses em seus países.

Teve pessoas que me falaram assim me chamando para perguntar se eu tinha cama? Se eu tinha casa? Se eu dormia nas árvores? Assim e era uma coisa tão de criança que a minha irmã não ia fazer essa pergunta. Até os meninos mesmo, brasileiros pequenos, não fazem essa pergunta (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

O questionamento que é levantado aos estudantes internacionais está associado às ideias preconcebidas que não encontram respaldo nem nas percepções das próprias crianças, sejam elas nacionais ou estrangeiras. Ainda assim, indica que essas perguntas são fundamentadas em estereótipos ou preconceitos relacionados à origem ou condição social.

De acordo com a representante da ASEA, no Brasil não existe uma educação sobre o continente africano e seus países. Como resultado, circulam ideias generalistas e imagens distorcidas alimentadas pela comunidade local, que também se refletem no âmbito acadêmico. Em uma sala de aula, a estudante relata o seguinte ocorrido.

Tem coisas que os nacionais aqui falam e fazem e ainda alimentam: “porque lá fora nós somos todos angolanos”. Tive aulas com uma aluna que começou a estudar sobre o continente africano, descobrindo que era um continente aqui, porque na escola foi apresentada para ela como um país (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

As diferenças entre um país e um continente só foram percebidas pela estudante nacional durante o ensino superior. Como informado pela própria estudante nacional, a escola cometeu o erro de apresentar o continente como se fosse um país. Isso revela uma deficiência no conteúdo educacional oferecido em sala de aula, resultando em uma compreensão inadequada e generalista.

Em meio à convivência com o preconceito racial, os estudantes internacionais adquiriram duas percepções sobre os nacionais, sejam da UNILAB ou não. As partir das perguntas que são feitas ou sobre os comentários ofensivos. As duas percepções vista sobre a ótica da não saber/inocência e intenção de ser ofensivo.

Acima, foi apresentado que a deficiência nas instituições de ensino básico brasileiro corrobora com a ideia do não saber/inocência. Entretanto, existem aqueles que são ofensivos mesmo sabendo que não é conivente com a realidade.

[...] teve casos assim que aconteceu bagunça de fila de RU, e uma nacional que estuda aqui que falou que vai ver que na sua terra você pegava comida com uma pedra. Então, significa que, não só porque o cara que tá lá fora não estudou, não sabe sobre, é muito inocente, como também tem os que sabem e fazem de propósito para tentar ofender a outra pessoa. Porque eles sabem mesmo. E essa pessoa não vai ficar só aqui. Com certeza essa pessoa vai levar sua opinião fora e aumentar ainda mais a lenha na fogueira com os de fora. Porque se o nacional da cidade daqui acha que a gente está sendo, como posso dizer, mimado pela UNILAB, considerando que vai ficar só a ideia dele dentro dos grupos do Campus dos Malês ou na roda de conversas, ele vai levar essa ideia também pra fora. Dizer que sim, eles são isso mesmo assim. Aumenta mesmo o caso que eles fazem isso e isso (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

Quando esses preconceitos surgem no ambiente acadêmico, nem sempre são fruto de ignorância; muitas vezes, são atitudes deliberadamente ofensivas. No incidente ocorrido na fila do Restaurante Universitário (RU), uma estudante nacional menosprezou a confusão na fila e, de forma preconceituosa, insinuou que aquilo seria um hábito no país do estudante estrangeiro da UNILAB, dizendo: 'Vai ver que na sua terra você pegava comida com uma pedra'.

O relato da estudante internacional apresenta conflitos nas relações entre nacionais e internacionais. Nesse em específico, foi apresentado que mesmo estando na UNILAB, ainda pode existir preconceito com a presença de estudantes do continente africano.

Com isso, os estudantes internacionais reforçam suas vigilâncias por acreditarem que o resultado dessa ação preconceituosa não se limita a Instituição, mas que atravessa os muros da UNILAB e chega aos ouvidos nos franciscanos. Essas informações são usadas para alimentar estigmas da própria sociedade local contra os estudantes africanos.

Outra forma de identificar a forma ofensiva nas falas preconceituosas são que estas surgem em formas de piadas e comparações.

Aconteceu com uma menina, ela tinha uma amiga brasileira, e ela fez um jeitinho e deixou o afro dela, fez aí um corte, e deixou o cabelo afro, e ela disse, parece um Bombril, na brincadeira. Aquilo foi brincadeira para a brasileira, mas não foi brincadeira para africana, só ofensiva. Mas são amigas, e ela sabe disso (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

No relato do representante da AESA, uma aluna brasileira comparou o cabelo afro de uma colega à lã de aço da marca Bombril, em tom de brincadeira. Embora a estudante brasileira tenha visto como uma piada inofensiva, o comentário foi ofensivo para a aluna africana, pois toca em questões sensíveis relacionadas à estética e ao racismo, já que o cabelo afro historicamente tem sido alvo de estigmatização e piadas preconceituosas.

Esses relatos mostram como o racismo se manifesta no cotidiano dos estudantes internacionais dos países PALOP, tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele. Ele se expressa na generalização do continente africano, na associação constante com miséria e pobreza, na desvalorização da estética, em ofensas relacionadas ao cheiro e em associações criminosas.

### **4.3. O ESTUDANTE É AFRICANO E INTERNACIONAL**

Se tratando de discriminação, os estudantes não sofrem apenas por serem pretos, mas também por serem internacionais. O ser imigrante também dificulta a integração no interior da Bahia.

O baiano aqui em São Francisco, o São Franciscano sobretudo, quando ele vê um africano, ele vê alguém diferente. Essa questão de interseccionalidade que o indivíduo acaba passando. Eu, por exemplo, eu de estar aqui não sou simplesmente por ser preto. Primeira coisa, sou preto. Segunda coisa, sou africano. E o que está na construção da sociedade sobre a África? É um país pobre. E logo, sua sociedade dá uma pessoa pobre. Tá vendo? Então, assim, é difícil. A socialização aqui, às vezes, é difícil. Direi eu, por exemplo, não tenho amigo brasileiro. Já estou aqui mais que 10 meses. Até então, não tenho amigo brasileiro. É triste isso, né? Em uma cidade onde tem pessoas pretas, onde a gente deveria se unir cada vez mais. Mas tem essa questão, que de fato aparece o povo aqui. Essa é a preparação mental. O povo aqui não está instruído. E vê o africano como estranho mesmo. Então é complicado, essa questão aí é complicada mesmo (REPRESENTANTE DA ASSEMU, 2024)

Os moradores de São Francisco do Conde costumam perceber os estudantes internacionais como "alguém diferente" ou "estranho". Essa diferenciação impacta diretamente a socialização, muitas vezes resultando na ausência de relações entre esses estudantes e os brasileiros, como exemplifica o relato: "não tenho amigo brasileiro". Nesse contexto, a associação surge como um importante princípio socializador, com o objetivo de evitar o isolamento que se estabelece entre nacionais e internacionais. O estranhamento não é o único desafio. Se, por um lado, a diferença gera desconforto, por outro, há um reconhecimento atribuído à presença dos imigrantes provenientes de países africanos.

Aqui é São Francisco do Conde, que é uma cidade preta, apesar de ser preta, é muito... A xenofobia é muito gritante aqui. E também é uma cidade pequena, não tem muito comércio, assim, podemos dizer. E meio que... Você sabe, né? Todos os estrangeiros, quando chegar num local, você é visto como concorrente, porque o nacional acha que você está tomando o espaço dele. Então, isso que está acontecendo com a gente agora (REPRESENTANTE ASEA, 2024).

Embora a maioria da população de São Francisco do Conde seja preta, alguns moradores adotam discursos xenofóbicos que associam os imigrantes a ações pejorativas. Para esses nacionais, os estudantes africanos não estão na cidade apenas para estudar, mas também para competir no mercado local e ocupar espaços que, em sua visão, deveriam ser reservados aos franciscanos. Além do estranhamento e da imagem negativa atribuída aos imigrantes, a presença de estudantes internacionais enfrenta dois desafios principais que comprometem tanto seu cotidiano quanto sua permanência. O primeiro está relacionado a questões socioeconômicas, enquanto o segundo envolve o tratamento inadequado por parte das instituições.

Algumas instituições podem elevar o preço porque sabem que você é africano. Quando pretendemos alugar uma casa ao preço para africanos e brasileiros é diferente. E há muita falha naquilo que cumpriu o contrato da casa, porque o dono da casa não resolve os problemas que a gente pede para resolver, mas que a gente paga o valor ao tempo certo. Então a gente acaba cumprindo com a nossa obrigação, o dono da casa acaba não cumprindo com a obrigação dela. Então isso é uma das maiores dificuldades. E quando a gente vai para a cidade, a pessoa pensa que a gente

recebe mil e pouco real da prefeitura, então nos tratam mal. (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

Alguns segmentos ou setores da sociedade local, especialmente no caso de residências, aumentam os preços ao identificar que o cliente é estrangeiro. Na UNILAB, por exemplo, a ausência de alojamentos para estudantes obriga muitos, após o período inicial de acolhimento, a buscar moradia por conta própria ao longo da formação. Além da dificuldade em encontrar um local adequado, há casos em que os locadores não cumprem os contratos, mesmo quando os locatários mantêm os pagamentos em dia, o que acaba gerando conflitos entre as partes. Além disso, Circulam boatos de que os estudantes estrangeiros recebem valores elevados, seja da prefeitura ou da própria UNILAB, o que não condiz com a realidade. Contudo, esses rumores acabam influenciando o aumento dos aluguéis na região.

Nós recebemos um valor de R\$530 reais, e nem sabemos que se for para calcular, a cesta básica vai custar em média de R\$575, que é superior ao nosso auxílio, e as casas são em torno de R\$400 a R\$600, até R\$ 1.000. Então, para nós conseguirmos viver aqui, temos que nos amontoar em um grupo, que é algo que dificulta muito a nossa vivência, que são de intimidade e de privacidade também. Temos que nos sacrificar nisso (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

O valor do aluguel, que varia entre R\$500 e R\$1000 em algumas residências, muitas vezes supera o auxílio real recebido por muitos estudantes, que é de apenas R\$530,00. As despesas acabam excedendo os recursos disponíveis, especialmente quando somadas aos custos de energia, água e alimentação. Como resultado, muitos são obrigados a compartilhar moradias, o que agrava as dificuldades de convivência devido à perda de intimidade e privacidade.

Os estudantes de países africanos frequentemente se sentem menosprezados em alguns ambientes, atribuindo essa situação à condição de serem “estrangeiros”. Como afirma um representante da ASSEMU (2024): “Tem essa questão mesmo de, em algum momento, a gente sentir-se não bem num certo ambiente aqui, há um certo desdém, há uma certa... como é que eu diria... Há um certo menosprezo sobre o estrangeiro”.

Esse sentimento de menosprezo é perceptível quando esses estudantes precisam acessar serviços públicos.

Eu sou uma das pessoas que não frequenta o hospital. Eu só vou ao hospital quando estou para morrer. Mas tem umas coisas a mais que eu não vou, porque o tratamento é precário. Você só chega ao falar boa tarde, ele já sabe que você é não é daqui. O tratamento muda e a pessoa nem vai levantar a cara para te falar ou te perguntar. E vai fazer a receita já para te dar a injeção de dipirona, acabou e ir pra casa, dependendo. Pode falar que é dor de olho, tudo é dipirona. Então eu sou uma das pessoas que não frequenta. (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

No relato, o serviço público é criticado por não oferecer atendimento adequado aos estudantes, que são rapidamente identificados como estrangeiros pela maneira como falam.

Esse contexto leva alguns a evitarem buscar atendimento médico, mesmo em casos mais graves, agravando o estado de saúde por medo de discriminação ou tratamento inadequado.

Outro conflito identificado pelas mulheres refere-se à falta de sigilo.

Nós também não temos sigilo médico, você não consegue ir ao ginecologista que amanhã o outro fulano vai saber que você foi e tal. Não existe isso conosco. Sempre que você for ao ginecologista, ele vai e as meninas vão falar a fulana foi aqui, deve ser uma de vocês que não fez depilação. E nós não nos conhecemos todos aqui. Não é porque sou de um país de fora, nem todos os do país de fora que eu conheço. Eles acham que todo mundo se conhece e estão no direito de falar de todo mundo pra você como se fosse uma coisa normal. Que não existe esse sigilo médico e que sabe lá que eles vão fazer ou falar mais com você para os nacionais. Você tem ser como eu. Marquei a minha consulta lá no Salvador, porque aqui é uma porcaria, você fica na fila. Eles ficam, acho que, não sei como é que fazem, você fica na fila meses e depois pra ouvir todo mundo que fica grávida aqui e quer ficar em silêncio, não tá no tempo de ele falar, amanhã você vai saber todo mundo na universidade vai saber que você tá grávida porque o seu médico, a sua médica é a médica do fulano, que falou pro fulano, fulano, fulano. Não tem sigilo aqui (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

Há um sentimento de profunda insatisfação e frustração com a falta de confidencialidade no sistema de saúde e o preconceito enfrentado pelos estudantes estrangeiros. A representante da ASEA critica a ausência de sigilo médico, destacando que informações pessoais, como consultas, são facilmente compartilhadas entre profissionais e membros da comunidade, comprometendo a privacidade. Diante disso, muitos estudantes preferem evitar consultas médicas ou buscam atendimento em outras cidades, como é o caso daqueles que saem de São Francisco do Conde para Salvador.

Além do aumento dos aluguéis, da falta de profissionalismo dos servidores públicos e da imagem negativa associada à presença de africanos e imigrantes, esses estudantes ainda são acusados de serem apropriadores culturais.

Teve uma outra discussão, que não podemos conviver aqui. Se houver alguma discussão dizendo que os africanos estão apropriando da nossa cultura. Os africanos estão apropriando da nossa cultura, chegando aqui para fazer o São João, estão apropriando da nossa cultura (REPRESENTANTE DA FEGUI, 2024).

O uso das comemorações culturais no Brasil, especialmente durante o São João, pelos estudantes internacionais gerou a percepção de apropriação cultural, segundo o representante da FEGUI. Essa ideia causou ressentimentos e tensões com os nacionais, a ponto de ouvirem que "eles não podem conviver aqui".

#### **4.4. AS ESTUDANTES INTERNACIONAIS E OS OLHARES HIPERSEXUALIZADORES**

Inicialmente, destacamos o racismo e, posteriormente, a xenofobia como formas de opressão e marginalização dos estudantes internacionais no Brasil. No entanto, as dificuldades sociais vão, além disso. Tanto homens quanto mulheres enfrentam o sofrimento causado pela sua raça e pela condição de serem vistos como “estranhos” na terra do outro. Além disso, as mulheres sofrem com a violência do assédio, tanto na UNILAB quanto na cidade de São Francisco do Conde.

Quando perguntei sobre a experiência das mulheres originárias dos países africanos, tanto no âmbito acadêmico quanto fora dele, a primeira resposta foi sobre a forma como elas são vistas.

Porque aqui tem um estereótipo que não só a xenofobia, e esse olhar das mulheres africanas como submissão, um corpo que todo mundo quer ter acesso. Imagina, no Brasil, que as mulheres pretas não estão sendo fáceis. E para a gente que é mulher preta, e ainda africana. Então Já tem esse estereótipo que a mídia mostra que são submissas. Todo mundo quer a provar esse corpo e acham que tem direito de prová-la (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

Ser mulher negra no Brasil já é desafiador, mas ser mulher, negra e africana torna a experiência ainda mais complexa. A mulher negra africana é frequentemente vista de maneira submissa, e seu corpo é objetificado, moldado pelos desejos possessivos de outros. Nesse contexto, um dos principais fatores que reforçam esses estereótipos, segundo a representante da CMA, é a influência da mídia.

Após sua chegada, a estudante relata ter precisado entrar em contato com a polícia e com a Secretaria dos Direitos Humanos.

Quando eu cheguei, antes de eu chegar já tinha caso de assédio, quando eu cheguei já fomos na polícia com a Secretaria do Direito Humano, se não me engano, delegacia e o próprios Campus , porque houve um problema com a menina, a menina foi assediada e aí mandou o menino “tomar no cu”. Aí o menino foi lá, foi ao lado da casa esperando a menina sair, e depois a menina não saiu e ele ficou lá, falando: “vou te matar, não sei o que”. Então foi um caso aí que ficamos com medo, porque muitas vezes a gente não acaba denunciando pelo medo de que todo mundo aqui tenha arma e a própria violência que a gente já se encontra (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

A mobilização da polícia e da Secretaria dos Direitos Humanos da UNILAB/BA foi motivada por um episódio de violência. Após ser assediada, uma estudante, como forma de reação, disse ao agressor para "tomar no cu". Insatisfeito com a ofensa, o homem decidiu esperar a vítima ao lado de sua residência, fazendo ameaças de morte.

O caso gerou medo entre os estudantes originários dos países africanos. Além disso, as denúncias não são comuns devido à crença de que todos possuem alguma arma ou temem sofrer algum tipo de violência.

Nessas circunstâncias, as mulheres vivem em um limbo entre o medo e o constante assédio, pois não encontram soluções imediatas para essas violências. Sem o suporte adequado, elas enfrentam um ciclo de opressão e insegurança, onde a falta de proteção e a ausência de resposta efetiva das instituições perpetuam o sofrimento, deixando-as vulneráveis e sem alternativas para romper com essa realidade.

Então, não aconteceu comigo, aconteceu com várias em São Francisco. Eu acho um povo masculino muito, muito, muito, muito mal educado. Coisas que não fazem com as mulheres deles, tentam fazer com a gente. E não adianta você reclamar, que zomba de você. Não adianta você ir lá explicar a uma autoridade que parece que você tem que comprovar realmente o que está acontecendo com você. Porque eu estou falando a questão de assédio. Eu já sou vista como uma pessoa, como alguém, como é que eu posso dizer? De fetiche, assim. Mulher preta, africana ainda por cima. Então, acho que eu não dei direitos de alguém me passar no moto e não me conhecer, nem tocar assim, passar e conversar comigo, de eu falar que eu preciso de carona, mas ele diz, eu só vou dar carona se você for sozinha comigo.

Então são coisas que acontecem no nosso dia a dia. Os meninos são assim, mas pode ter pior ainda. Eu não vou reclamar que fizeram isso ou aquilo, justamente pelo castigo da comunidade local e também pelo castigo policial. Porque você não sabe se o policial mesmo vai te proteger ou se vai proteger a comunidade local... Porque não sabemos, estamos no Brasil (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

O fetichismo em relação às mulheres negras e africanas é frequentemente relatado nas respostas das entrevistas. A falta de educação por parte da comunidade masculina local e as zombarias em relação aos casos de assédio são apontadas pela representante da ASEA como ocorrências que já afetaram várias estudantes. No entanto, o medo gera insegurança e, conseqüentemente, silêncio, pois, em casos de denúncias, é necessário comprovar o que está acontecendo. A incerteza quanto à ação policial e à receptividade da comunidade local leva as vítimas a temer ou evitar fazer denúncias, perpetuando o medo e a vulnerabilidade.

Em alguns casos, as meninas já sofreram ameaças por tentarem enfrentar a situação. Como afirma a representante da ASEA (2024): “Tem casos de meninas que já foram transferidas daqui para o Ceará do dia para noite porque estavam recebendo ameaças”.

Até mesmo nos lugares onde as mulheres deveriam se sentir seguras, como o ambiente doméstico, elas também se tornam vítimas de assédio, como relata a representante da ASEA.

Mas a coisa é bastante com a comunidade de fora. Eu tenho o meu vizinho, ele tem uma casa, em frente comigo. E só quando a gente tá sentado na sala pra ver a televisão, que a nossa porta é de vidro, ele abre a janela dele e coloca pornô. E é todo santo dia. Se a gente for todo santo dia e você, tipo tenta encarar ele nos olhos pra ver se ele fecha ou foi descuido, ele fica olhando pra você também. E tem vezes até que ele fica se tocando, colocando pornografia pra nós. O dele tá mais... O quarto dele, aliás, tá mais em cima. E ele é casado, mora com mulher e tudo. Não sei se aquele quarto é só o particular dele ou sei lá. Mas ele só liga aquela televisão quando a gente tá sentado na sala. E era só quando a gente tava sentado na sala, menina. Porque chamamos o menino, eu falei, é sério, ele faz isso? E o menino fala, não, ele não faz. Eu falei sim. E o menino ficou sentando. Aquele dia tudo ele não fez. Ele

fez num outro dia. Aí eu chamei pra ele, eu falei, vem, você vai ficar lá pra gente ver se ele ficou conosco ou ele faz descuido. Ele esperou só quando a gente ficou lá na sala. Eu chamei, ele veio tipo devagarinho pra ver. Ele viu. Quando ele viu que tinha um homem na casa, ele fechou a janela e desligou tudo (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

Na situação, a representante da ASEA relata um caso de assédio sexual que ocorrem com as estudantes africanas. Nessa circunstância a vítima é a própria representante e as colegas com quem divide o apartamento por parte do vizinho. Ele, deliberadamente, exhibe conteúdo pornográfico em sua televisão, em horários específicos, quando percebe que as estudantes estão na sala. A intenção é de ser visto se masturbando.

Quando as estudantes chamam por amigos para averiguar a situação é o único momento de cessar a pornografia e as masturbações. Essa situação ilustra a invasão de privacidade enfrentada pelas mulheres africanas, além de evidenciar a impunidade e o medo de denunciar que elas vivenciam.

Situações de violência já existiam antes de sua chegada, como foi mencionado por algumas veteranas. As meninas da primeira entrada passaram com um processo bem doloroso, né? De que as pessoas iam lá na pousada para falar: “vamos, vem aqui, não sei o que”. E até chegou o momento de começar a abordar elas e pegar. Quando a gente já chegou não nos pegava, né? Porque já tinham caminho percorrido. Eu cheguei aqui em dezembro de 2018, uma semana, duas semanas, fomos convidadas para participar de uma reunião do Coletivo das Mulheres Africanas Então nos apresentaram e também nos falaram sobre a intuição e o objetivo do coletivo. [...] Então era mais só aquele assédio mesmo, olhar, falar. onde eu morava, onde eu morava na rua, a gente era afetada assim mesmo, todo dia; Parece que sabiam quando eu estava saindo para ir a aula e assim. Aí quando eu estava com meninos que estavam morando aí, não, ninguém me falava até. Às vezes eu acabei mudando a rua, né? e nessa aí acabei me entregando no coletivo para entender (REPRESENTANTE DO CMA, 2024).

Nos primeiros anos de existência da UNILAB, como relata a estudante, as pessoas iam até as pousadas onde as alunas estavam hospedadas e começavam a assediá-las. Em situações mais extremas, o diálogo era interrompido e abordagens violentas, como toques indesejados, tornaram-se frequentes. Após sua chegada em 2018, o Coletivo de Mulheres Africanas, já existente, foi mencionado como uma rede criada para enfrentar essas violências. Com o apoio do coletivo, o assédio físico, como pegar e tocar, deixou de ser tão insistente. Contudo, a estudante não nega que ainda persistiam olhares e comentários indesejados.

Quando algumas das estudantes saíam de casa em direção ao campus, "os homens pareciam saber que elas estavam indo à aula", e era nesse momento que a perturbavam com olhares e comentários.

O assédio era "reduzido" pela presença de outros homens internacionais. No entanto, a insistência, a perturbação e a violência foram fatores decisivos para que a estudante se mudasse de uma casa para outra.

Mesmo afirmando "não" ou informando que estão em um relacionamento, às mulheres internacionais dos países africanos continuam a sofrer investidas por parte dos brasileiros.

Muitos dos homens acabam não respeitando que algumas mulheres afirmaram que elas têm seu namorado. E acabam tentando insistir mesmo assim. Tanto é que teve um relato de alguém, tudo isso, que é para ela mandar para o brasileiro mandar uma mensagem quando você estiver solteira, "não esqueça de me avisar, porque eu quero ficar com você". Mesmo ele sabendo que a menina tem um relacionamento já de muito tempo. Então ele vai insistindo sempre, a menina sempre dando esforço, ele vai insistindo sempre (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

Esse comportamento evidencia a objetificação das mulheres, desvalorizando suas relações e decisões pessoais. Os homens que agem dessa forma insistem continuamente, mesmo diante da resistência e do desconforto da mulher, reforçando a ideia de que o desejo masculino prevalece sobre a autonomia feminina.

A presença da mulher está em constante conflito devido à condição de imigrante, aliada às questões de raça e gênero, mas ela não está sozinha. Em menor escala, os homens originários do continente africano, ingressos na UNILAB, também enfrentam constrangimentos.

E quando alguém olha para nós e nos olha como objetos sexuais por sermos pretos, isso é um racismo, isso é um preconceito que a pessoa tem. E nós conseguimos encontrar isso dentro da própria instituição, na qual os homens africanos são mais cobiçados (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

A experiência do racismo e da objetificação do corpo negro, seja masculino ou feminino, anda lado a lado dentro da instituição em que estão inseridos. O representante explica que, por serem negros, muitas vezes são vistos como objetos sexuais, o que caracteriza um preconceito racial. Essa visão desumanizadora não reconhece a complexidade ou a individualidade das pessoas, reduzindo-as a estereótipos baseados em sua cor de pele.

Esse tipo de objetificação se manifesta de forma específica em relação aos homens africanos, que são considerados "mais cobiçados". Isso sugere que eles são vistos de maneira fetichizada, como se sua etnia fosse um atrativo sexual exótico. A crítica está no fato de que essa cobiça não representa um reconhecimento positivo, mas sim uma forma de racismo que reforça estereótipos e desumaniza as pessoas negras, tratando-as como objetos de desejo.

Além dos desafios de serem objetificados, os homens africanos também enfrentam situações em que, ao expressarem interesse por uma mulher brasileira, são imediatamente acusados de assédio, como explica o representante.

Mas acontece que se um homem africano demonstrar um interesse por uma mulher brasileira, automaticamente elas recorrem à concessão do assédio, ainda que não sejam pro assédio. Porque algumas dizem que se sentem incomodadas, que alguns homens africanos são brutos, que não reconhecem o lugar deles aqui. E algumas até

simulam questões de assédio, porque o homem africano não aceitou ter um caso com ela. Então ela simula essa questão de assédio para poder difamar o cara (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

O representante descreve uma situação de preconceito e manipulação envolvendo homens africanos e mulheres brasileiras. Ele aponta que, quando um homem africano demonstra interesse por uma mulher brasileira, algumas tendem a interpretar esse interesse como assédio, mesmo que o comportamento do homem não seja, de fato, assediante.

Além disso, a representante destaca que algumas mulheres se sentem incomodadas por percepções estereotipadas de que os homens africanos seriam "brutos" ou não saberiam "seu lugar" no contexto social brasileiro. Esse preconceito pode levar algumas mulheres a simular acusações de assédio, especialmente quando seus avanços ou desejos por um relacionamento com o homem africano não são correspondidos. Assim, em vez de lidar de forma justa com a rejeição, algumas recorrem à difamação, fazendo falsas acusações de assédio para prejudicar a reputação dos homens.

Não foram apenas com mulheres nacionais que ocorreram conflitos; também houve casos entre os homens africanos. Mas houve casos assim, não só de meninas como de meninos também, porque eles também sofrem assédio de você não querer ficar comigo e tal. Eu vi esse caso de um menino, uma pessoa, não sei como dizer se é homossexual, ou uma pessoa da comunidade LGBTQIA+, mas tentou falar que quer ficar com o menino, o rapaz falou que não quis e tal, eram bastante amigos. Então o menino falou que ele tentou estuprar e foi dar queixa com Justiça da cidade, não a policial, fora da cidade, e falou sobre o menino (REPRESENTANTE DA ASEA).

Em outro caso específico, um rapaz que rejeitou o avanço de uma pessoa da comunidade LGBTQIA+ acabou sendo acusado sobre a tentativa de abuso sexual. A situação se agravou quando a acusação foi levada diretamente à Justiça da cidade, fora da jurisdição policial local. A autora sugere que a acusação pode ter sido uma forma de represália. A gravidade do caso escalou a ponto de obrigar o estudante acusado a se mudar da cidade, temendo sofrer um linchamento.

#### **4.5. O ASSOCIATIVISMO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO**

Ser africano, preto, homem ou mulher na UNILAB/BA e em São Francisco do Conde gera conflitos relacionados à presença, raça e corpo. A migração qualificada dos estudantes africanos não garante bem-estar ou plena integração na sociedade local. No entanto, esse processo os insere em um espaço acadêmico que oferece a possibilidade de lutar contra o racismo, a xenofobia e o assédio. Surge, então, a questão: como associações, fóruns ou coletivos lidam com o preconceito no cotidiano?

A luta dos estudantes e das associações da UNILAB/BA contra o racismo, a xenofobia e o assédio não é uma iniciativa isolada, mas sim fruto de parcerias entre a universidade e as próprias associações. No debate interno da instituição, há uma colaboração contínua para a concessão de espaços destinados às atividades. Além disso, em conjunto com o corpo docente, são desenvolvidos ações e projetos que buscam entender e combater o preconceito presente no cotidiano dos estudantes.

A UNILAB enquanto uma universidade internacionalizada auxilia não somente enquanto uma rede institucional que formaliza o trânsito do estudante internacional. Essa rede institucional fornece trocas de recursos entre os estudantes que estão inseridos no contexto da UNILAB ou no contexto de São Francisco do Conde.

O processo inicial consolidado nessa parceria visa estimular os estudantes a compreenderem o que é o racismo, xenofobia e assédio, e, em seguida, identificar como esses fenômenos se manifestam em seu cotidiano. Após essa identificação e a implementação de uma abordagem pedagógica contrária ao preconceito, o próximo passo é envolver os agentes que apoiarão a pauta anti-xenofobia, antirracista e antimachista. Nesse estágio, colaboradores nacionais são convidados a se unir aos estudantes internacionais e às associações na luta contra essas formas de discriminação.

Como ação para combater o preconceito direcionado ao público externo da UNILAB, o representante da AESA informa o seguinte:

Dentro da minha associação, a gente tem um projeto que é baseado na Lei (10.639), dando palestras nas escolas, aproveitar os estudantes de ensino médio, de ensino fundamental para falar sobre a África, a similaridade entre a África e o Brasil, falando sobre a educação também afro-brasileira. A gente entende que com esse trabalho nós estamos acabando, limpando aquela imagem preconceituosa que os estudantes têm sobre a África. Muitas das vezes a gente leva música e dança, né, para poder mostrar um pouco da África, mas também falamos também de questões inerentes ao racismo, à xenofobia vivida por negros brasileiros e pretos africanos também (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

A Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino médio e fundamental, é utilizada como um mecanismo para a realização de palestras voltadas ao público externo, abordando temas como as semelhanças entre o Brasil e a África e a educação afro-brasileira. O representante da AESA acredita que, por meio desse trabalho, há uma contribuição significativa na desconstrução da imagem preconceituosa que muitas pessoas têm sobre o continente africano. Simultaneamente, as palestras discutem questões relacionadas ao racismo e à xenofobia enfrentados tanto por negros brasileiros quanto por africanos.

As associações, sob a forma de uma entidade maior que represente o estudante internacional possui no centro do seu desenvolvimento o caráter transmigrante. É a partir da perspectiva de que o imigrante contemporâneo não pode ser desenraizado que ao se estabelecer em um novo país que há uma preservação múltipla dos laços com sua terra natal Schiller, Basch e Blanc (2019, p. 349).

No caso das associações nacionais, uma das formas que os estudantes encontraram de reagir aos desafios provocados pelo preconceito no cotidiano, foram amparados sobre leis e projetos de abordagem pedagógica.

O estudante internacional detentor de laços não rompidos com a sua terra natal utiliza de elementos simbólicos, cultural/nacional para desconstruir as imagens pejorativas a respeito da África. Em suas apresentações e palestras são utilizados elementos da sua cultura africana, como danças e músicas de diversos países, para promover não apenas o conhecimento cultural, mas também a conscientização sobre os desafios por eles e pela por parte da população local.

São a partir de projetos fora do âmbito acadêmico que a UNILAB e as associações desenvolvem iniciativas que orientação sobre a presença de homens e mulheres africanos em São Francisco do Conde.

Entretanto, há dificuldades em manter as atividades fora da instituição, pois os projetos nem sempre recebem o apoio necessário.

É um trabalho que a gente tem feito, que não tem sido muito fácil, porque primeiro, é um trabalho criado por estudantes, não temos apoio financeiro nenhum, são nossos recursos, aí onde a gente vai para algum lugar, nós exigimos um transporte, por causa da distância, porque nós recebemos R\$530,00 e não dá para sair de Salvador duas vezes por mês, então a gente exige isso. Então, damos as nossas palestras, falamos sobre a África. Algumas vezes a gente encontra assim, uma resistência por parte de algumas pessoas (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

As parcerias externas a UNILAB são difíceis visto que a maioria dos projetos são criados pelas próprias associações de estudantes. Pela ausência de recursos econômicos, as viagens ficam a dependência de recursos dos próprios alunos. Uma vez que os estudantes internacionais recebem apenas R\$530,00, fica inviável o desenvolvimento e a realização frequente desses projetos.

Além disso, fora do âmbito escolar, à comunicação com a comunidade local não é fácil. Uma vez que há resistência por parte do público local em abordar debates sobre a África, sobre o preconceito racial de gênero e a xenofobia que é feita em São Francisco do Conde.

Apesar das dificuldades para o desenvolvimento de projetos externos ao campus, em casos de parcerias, como foi o caso do apoio da Secretaria da Cultura, as associações ocupam espaços para chegar à população local.

Um evento que aconteceu por causa desse apoio em específico foi chamado de “Feira Africana”

A feira africana trás alguns objetivos. O primeiro objetivo da atividade é falar um pouco do racismo, xenofobia dentro da cidade. Por isso que a atividade não poderia ser dentro da instituição. Muita gente perguntou por que nós queremos fazer atividade fora. Porque na realidade nós queríamos encher o público fora da instituição. Muitas vezes os projetos de extensão não tem cumprido o objetivo que é ligar a comunidade unilabiana e a comunidade franciscana. Então nós tiramos o pessoal de dentro da UNILAB para fora. Para a feira africana, a gente trás a música, a dança, a poesia, a caracterização das vestimentas pinturas também, pinturas corporais e assim, a gastronomia, a gente faz pratos típicos dos países PALOPS que vão participar dela e deixa a exposição para quem quer comer, quem quer usufruir daquilo, que possa usufruir e provar um pouco daquilo que é nosso, a partir da gastronomia. Levamos as danças por meio dos nossos grupos daqui e a música também. Os estudantes aí que vão fazendo todas as atividades e a música que vai ser tocada lá, é para o pessoal ouvir, vão ser músicas angolanas, guineenses, caboverdianas, moçambicanas, santomenses e brasileiras, porque também tem grandes brasileiros que participam e é necessário que a gente visa pela inclusão das pessoas. Então é através disso que a gente vai olhando a questão do combate ao racismo e a xenofobia. A Universidade fora das quatro paredes (REPRESETANTE DA AESA, 2024).

A “feira africana” teve o envolvimento de todas as associações. O caráter do estudante internacional transmigrantes reforçam o argumento de Glick Schiller et al (1994) quando as autoras apontam que não são hóspedes temporários ou residentes de curta duração. Visto que se estabelecem e se integram à economia, às instituições políticas, as localidades e aos padrões do país em que vivem. No entanto, ao mesmo tempo, as associações e os estudantes mantêm vínculos com os seus países de origem. Mantendo conexões, criando instituições e influenciando eventos nos locais de onde emigraram.

No caso do uso de projeto para palestras em escolas e na feira africana, vemos uma influência local da presença dos estudantes internacionais. Em forma de associação nacional, os estudantes levam músicas e hinos nacionais dos países PALOPs, danças e apresentações como o tina, gumbe, djambdon, kussundé, poesias de autores como Agostinho Neto, Pepetela, apresentação de as roupas e caracterização das vestimentas como o samakaka e o uso pinturas corporais e a variedade de comidas.

Além disso, esse tipo de associação que promove o reforço transnacional une sua sociedade de origem com a sociedade de adoção. Não é atoa que existe a presença de estudantes nacional nos eventos.

A Feira Africana é um dos poucos eventos realizados fora da UNILAB/BA voltados para a sociedade local. A maioria das atividades ocorre dentro da universidade devido à falta de recursos financeiros e ao apoio limitado das secretarias municipais e da própria instituição, o que restringe a organização de eventos que promovam a cultura dos estudantes ou debatam as discriminações e violências que os afetam.

O CMA e as associações, por vezes, recebem convites para eventos fora da UNILAB/BA, mas a participação depende de recursos para mobilidade e hospedagem. Sem esse suporte, os estudantes permanecem restritos aos gastos de sua própria vivência em São Francisco do Conde.

Por causa da falta de recursos, os meios para fomentar as suas ações estão interligados juntamente com os espaços que são cedidos pela UNILAB. As datas de comemoração de independência são os seus principais eventos. Começando pela ASEA, sendo a associação mais antiga, realiza seu principal evento no dia 15 de maio, em celebração ao Dia da África.

A gente faz roda de conversa, palestras e principalmente a nossa atividade máxima que a gente faz é o Dia da África, de 15 de maio. É a atividade máxima de ASEA. Fazendo uma grande conversa, assuntos sobre a África, sua diáspora no que é ser um afro diáspora aqui, quais são as demandas, as dificuldades e também as coisas boas também que a diáspora pode nos oferecer (REPRESENTANTE DA ASEA, 2024).

No evento, a ASEA promove debates sobre o continente africano e a mobilidade dos estudantes afro-diaspóricos, destacando suas demandas, além das dificuldades e benefícios que essa experiência pode trazer. Em seguida, o CMA estabeleceu compromissos anuais no dia 31 de julho para abordar a questão do assédio. A principal atividade, por exemplo, que já tivemos compromisso de fazer anualmente, que é a Jornada das Mulheres Africanas, no dia 31 de julho, que é o dia das mulheres africanas, a gente faz jornadas. Trabalhamos em colaboração com as Associações de Moçambique, Angola e Guiné Bissau. Fazemos conferências virtuais, que é uma coisa mais dentro da universidade, mas também o público alvo é externo como interno. Já pensando nessa política de ampliação, porque é necessário fora da universidade [...] Temos a participação de docência, quilombolas, que sempre nos ajudam, seja nos criticando ou nos motivando. Então o Coletivo acaba sendo mais composto para chegar nas mulheres, só que a causa não é só das mulheres, a causa é uma causa quando é coletiva. Porque precisamos também reeducar os nossos meninos. Porque todo mundo já passou por esse processo do patriarcado, esse processo do machismo, sexista. Então não adianta que fizemos trabalho e eles não estão incluídos, eles precisam estar incluídos para repensar o modo de viver, o modo de pensar e ver as mulheres pretas, africanas e diaspóricas. Então a gente sempre tenta fazer filiar com eles para emancipação. Porque acredito que se a gente está no mesmo barco sem deixar outro para trás, vamos conseguir a emancipação mesmo, porque a gente crê em uma agenda (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

Embora essas conferências ocorram no contexto universitário, seu público-alvo inclui tanto a comunidade interna quanto a externa, buscando ampliar a discussão para além do âmbito acadêmico.

O CMA busca envolver diversos grupos, como quilombolas, que contribuem com críticas e motivação. Sua luta vai além das mulheres, sendo uma causa coletiva que inclui a

reeducação dos homens. O coletivo critica o patriarcado e o machismo, defendendo a inclusão dos homens no processo de conscientização para transformar a visão e o tratamento das mulheres pretas, africanas e diaspóricas. A proposta é um trabalho colaborativo, sem deixar ninguém para trás, com uma agenda conjunta para promover mudanças reais.

Além de promover eventos para conscientizar o público local sobre machismo e emancipação, o CMA adota outras estratégias para lidar com o assédio. Uma delas é reunir-se com mulheres locais para dialogar diretamente com o agressor, exigindo mudanças em seu comportamento. Caso o assédio se repita, são realizadas denúncias formais à instituição e, em situações extremas, à polícia, embora essa última medida não seja a preferência das estudantes.

O FEGUI adota o dia 24 de setembro, data da independência de Guiné-Bissau, como um marco simbólico e organiza festas comemorativas. As atividades incluem palestras sobre o país, debates sobre a presença de guineenses no Brasil, além de apresentações teatrais e exibição de filmes.

As festas realizadas em espaços não acadêmicos são marcadas por músicas guineenses e danças típicas. “Temos o estilo Tina, voltado à realidade de Guiné-Bissau, um estilo musical voltado à realidade de Guiné-Bissau” (Representante do FEGUI, 2024). Além disso, o grupo Cabaz Garandi apresenta manifestações artísticas da Guiné-Bissau durante as celebrações de independência e festas. O grupo também desenvolve atividades culturais de extensão tanto na UNILAB quanto em eventos externos, quando convidado.

A AESA promove debates na UNILAB/BA em referência ao dia 11 de novembro de 1975, culminando em seminários e celebrações pelo aniversário da independência de Angola. No espaço acadêmico, a associação utiliza essa data para discutir questões relacionadas aos países, enquanto fora do ambiente acadêmico organiza festas comemorativas.

Começamos falando sobre temáticas referentes ao nosso país, refletindo a economia, a nossa sociedade, e terminamos com uma comemoração no dia 11, que é o próprio dia da independência, que foi no sábado, com uma festa. A festa teve aproximadamente 200 pessoas, das quais a maior parte nem foi angolana, foi a comunidade guineense, que abarrotou o local todo. E conseguimos falar da África, a importância da nossa luta, e que a luta não terminou, né, quando nós tiramos os portugueses, né, porque nós podemos tirar a presença portuguesa, mas a influência que vem em nossas mentes é nula (REPRESENTANTE DA AESA, 2024)

Segundo o representante da AESA, nos dias que antecedem a celebração da independência, são realizadas discussões sobre a sociedade e a economia angolanas. A festa da associação reuniu cerca de 200 participantes, incluindo angolanos, moçambicanos, guineenses e brasileiros. Além de promover descontração, o evento é um espaço para

reflexões sobre a luta pela liberdade, sua continuidade no continente e a conscientização sobre preconceitos e desafios no recôncavo baiano.

A ASSEMU celebra o dia 25 de junho, data da independência de Moçambique, com manifestações acadêmicas, palestras e eventos festivos relacionados ao tema.

A partir desses relatos, é possível observar que as redes desempenham um papel de resistência ativa, especialmente durante as semanas de independência na UNILAB/BA, na feira africana e nos projetos de conscientização nas escolas. No entanto, o alcance do público externo é limitado, principalmente em relação aos estudantes da cidade de São Francisco do Conde.

Ainda assim, o estudante internacional PALOP por ser um transmigrante e está imerso em atividades que reforcem a valorização entre a sua relação com seu Estado-Nação após a mobilidade fortalece os laços com sua terra natal, mesmo que construam múltiplas conexões entre o país de origem e o país de emigração.

Um dos principais fatores que motiva o fortalecimento dos laços entre os estudantes é a disparidade nas condições em que estão inseridos, uma vez que não há garantias de plena integração e aceitação na sociedade anfitriã. A reivindicação pela preservação de suas tradições surge como uma forma de delimitar, revitalizar, reconstruir ou até reinventar não apenas essas tradições, mas também suas demandas políticas, ligadas aos territórios e histórias de onde foram deslocados. Nesse contexto, a mobilidade do transmigrante forma redes transnacionais, funcionando como uma estratégia para garantir que os migrantes mantenham suas posições sociais e adquiram recursos na sociedade de acolhimento.

As festas e seminários são organizados para promover a cultura nacional e resgatar a identidade angolana, moçambicana e guineense, celebrando elementos da terra natal por meio da dança, música e comida. Além disso, são vistas como uma forma de unir a comunidade internacional.

Durante essas comemorações, os estudantes têm a oportunidade de, por um breve momento, deixar de lado as questões relacionadas à raça, à condição de estrangeiro e às dificuldades socioeconômicas enfrentadas no Brasil.

#### **4.6. OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS E AS QUESTÕES ECONÔMICAS**

Não serão apenas os preconceitos que dificultam a integração desses estudantes à sociedade brasileira, especialmente em São Francisco do Conde. Os representantes das associações destacaram, com base em suas vivências, os principais desafios enfrentados nesse

processo de inserção no Brasil: falta de acolhimento, dificuldades econômicas relacionadas ao valor do auxílio, problemas com alimentação e obstáculos na busca por moradia.

Então, eu acho que essa dificuldade é primeiramente dificuldade financeira, porque tudo hoje em termos da economia, né? Pra se manter, pra se estar, é tudo. Então imagina uma sociedade que a pessoa tem que sobrar R\$530 reais. Você chega no mercado, um quilo de arroz está a oito reais. E vai pagar aluguel, tem pessoas que moram três em uma casa, R\$600 reais, R\$650, paga energia, paga água com R\$530, e depois precisa recargar um valor de R\$1,30 na universidade. Um dos piores desafios que acredito, às vezes tem pessoas que nem têm dinheiro para almoçar na UNILAB, mas é proibido de comer. Então a gente está lutando pelos mínimos à comida, e nós mulheres sempre temos contas adicionais, tem das coisas básicas. Então não tem esse diálogo de mapeamento, de tentar saber quais são as nossas dificuldades. (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

As dificuldades econômicas são apontadas como os principais obstáculos para a permanência. O auxílio de R\$530,00 que é oferecido pela Universidade é insuficiente, segundo a representante, para cobrir aluguel, energia, água, alimentação e os gastos adicionais que as mulheres enfrentam.

A UNILAB oferece alimentação no R.U pelo valor de R\$1,30, mas na ausência de saldo na carteira do estudante, o estudante não consegue almoçar.

A gente sempre fala do racismo, de emancipação, mas somos nós pretos ao fazer os mesmos processos colonizadores, proibindo as pessoas de acesso à comida, proibindo as pessoas de acesso aos mínimos dentro da universidade. Quais são os acolhimentos? Não. Porque com o auxílio de R\$530 não dá para ninguém sobreviver hoje em dia. Principalmente as necessidades que são bem caras, como o aluguel. Não estão fazendo um mapeamento, o coletivo já mandou ofício para a diretora do Campus tentar chamar a reunião aqui com a prefeitura para fazer um planejamento e tentar a sensibilização a partir dos moradores, ajudar nesse sentido, mas não muda (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

Ação da UNILAB de não permitir que os estudantes almocem quando estão sem saldo na carteira estudantil é interpretado como um processo colonizador. A proibição do acesso à alimentação e a falta de condições mínimas dentro da universidade levam a representante e outros estudantes a refletirem: onde estão as políticas de acolhimento? Afinal, o auxílio de R\$530,00 não apenas se mostra insuficiente, como compromete até mesmo a sobrevivência dos estudantes.

Segundo a representante, embora haja diálogo com a Universidade e a prefeitura para sensibilizar os locadores a oferecerem aluguéis compatíveis com o auxílio dos estudantes internacionais, não foi observada mudanças.

O aumento dos aluguéis é atribuído à crença de que os estudantes internacionais possuem boas condições financeiras ou que recebem auxílios no valor de um salário mínimo,

ou até R\$ 3.000,00, provenientes da prefeitura, da UNILAB ou de seus países de origem. No entanto, como já mencionado, essa percepção não corresponde à realidade.

Assim, nós estamos aqui por conta própria. Nós não recebemos nada do nosso país, nada, absolutamente nada. A partir do momento que a gente consegue um valor, a bolsa, nesse caso, a gente tem que lutar para ter o nosso passaporte, o nosso visto, a nossa viagem, tudo é nossa responsabilidade (REPRESETANTE DA AESA, 2024).

Após serem aprovados no Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PISEI), os estudantes ficam por conta própria. Além disso, a maioria dos países de origem desses estudantes não oferece qualquer auxílio financeiro para a compra das passagens.

Os estudantes precisam arcar com os custos para emitir o passaporte, utilizando suas economias individuais e familiares, já que a instituição não oferece qualquer suporte financeiro para a mobilidade ou obtenção do passaporte. Essa condição de estar "por conta própria" é mantida mesmo após a chegada ao Brasil, onde não recebem nenhum auxílio além do fornecido pela própria instituição.

Não tem ninguém aqui que vai falar "aí eu cheguei aqui porque meu pai comprou". Mentira. É vaquinha para família se juntar. A passagem de Guiné agora, ontem estava uma menina de madrugada que iria desistir porque não têm R\$12 mil reais. E quem vai ter esse dinheiro? e quem tem esse dinheiro? (REPRESETANTE DA CMA. 2024).

Desse modo, não se podem ignorar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para garantir sua mobilidade. Essa mobilidade ocorre principalmente por meio de redes familiares e de amigas, sendo as "vaquinhas" o principal recurso que viabiliza a chegada desses estudantes ao Brasil. Antes mesmo do deslocamento, a existência dessas redes desempenha um papel fundamental nas decisões iniciais sobre a mobilidade. O estudante africano da UNILAB, na Bahia, não age de forma isolada; para percorrer as trajetórias reais da mobilidade, é imprescindível que existam redes que facilitem seu trânsito e ofereçam formas de integração no novo local de imigração (Peixoto, 2004).

Entretanto, a existência de redes migratórias não garante todas as mobilidades internacionais dos estudantes para a UNILAB. Quando as metas de arrecadação não são alcançadas, muitos acabam desistindo. A representante da CMA relata que uma aluna contemplada com a bolsa de estudos desistiu de vir para a UNILAB devido à falta de recursos para a passagem.

De acordo com Peixoto (2004), as redes desempenham um papel no incentivo à mobilidade, seja ela nacional ou internacional. Essas redes migratórias fornecem informações, apresentam opções disponíveis e oferecem suporte e orientação para uma estadia temporária ou permanente.

Soares (2002) afirma que as redes sociais não se limitam a indivíduos, mas também envolvem organizações e instituições. No caso da UNILAB, a universidade, por meio de suas políticas de internacionalização, oferece informações sobre o processo seletivo, disponibiliza opções de cursos para os interessados, e fornece suporte, como auxílios, alimentação e transporte para a instituição. No entanto, o suporte que é fornecido acaba sendo insuficiente em algumas situações.

A gente não tem outra saída a não ser o auxílio. Por isso é que alguns estudantes também acabam abandonando a própria universidade em busca de outros recursos, vão para outros lugares que lhe possibilitam trabalhar, porque assim a interiorização da própria universidade dificulta até o próprio estudante ter uma outra segunda fonte de renda. Então, alguns vejam isso como solução, abandonar o UNILAB e ir para outro estado para poder estudar e trabalhar (REPRESETANTE DA AESA, 2024).

O auxílio é a única solução; na sua insuficiência ou ausência, há o risco de abandono da universidade em busca de outros recursos. Mesmo entre os desistentes da UNILAB, aqueles que saem não deixam de buscar oportunidades para estudar e trabalhar.

Além disso, responsabilidade da universidade começa apenas após a aprovação do estudante no processo seletivo e sua entrada na instituição.

A gente só é responsabilidade da instituição a partir do momento que chega no território brasileiro e faz a própria matrícula também. Por exemplo, a estudante que está chegando agora, não é obrigação minha ele pegar no aeroporto, mas por ser angolana, automaticamente as responsabilidades cai sobre nós (REPRESETANTE DA AESA, 2024).

Os estudantes internacionais passam a ser responsabilidade da instituição somente após sua chegada ao Brasil e a realização da matrícula. Até esse momento, são os próprios estudantes, por meio das associações, que se mobilizam para garantir as condições necessárias para que a integração institucional ocorra durante o processo de matrícula.

Quando os programas de assistência social da instituição não são suficientes para atender às necessidades dos estudantes internacionais, pode-se afirmar que esses estudantes enfrentam dificuldades para uma integração tranquila. Por isso, são os próprios estudantes, por meio das associações, que funcionam como uma rede de apoio, mitigando os riscos associados à migração. No caso específico, as associações nacionais atuam como organizações orientadoras, desde o aeroporto até a instituição e, posteriormente, até a nova residência do imigrante.

As associações são redes que, embora possam não estar totalmente conectadas por laços de amizade ou parentesco, são unidas por laços nacionais. Para os estudantes angolanos, guineenses e moçambicanos, a prioridade é agir em favor de seus compatriotas.

No âmbito das responsabilidades da instituição para o estudante permanecer na cidade de São Francisco do Conde e na UNILAB, como apresentado no capítulo anterior, foi desenvolvido uma política de acolhimento. Entretanto, como apontam os representantes, ela acaba não sendo eficaz.

Quais as ações políticas da UNILAB? Você chega e tem que ficar em acolhimento quase seis meses. Na casa de uma pessoa que já teve um processo de casa precária. Imagina, vocês e três moram numa casa bem precária, dois quartos, chovendo e tudo apertado. E aí tem pessoas que estão sete pessoas numa casa. Sete pessoas. Mas a UNILAB não tá nem aí (REPRESETANTE DA CMA, 2024).

Ao ser aprovado, o novo estudante é inserido em uma política de acolhimento, na qual um estudante veterano recebe um auxílio de R\$ 300,00 caso decida "adotar" o recém-chegado em sua residência. No entanto, o estudante novo logo descobrirá que, durante esse período de acolhimento, dividirá a casa com outros estudantes e, muitas vezes, essas moradias podem ser precárias, pequenas e desconfortáveis.

Com a chegada de novos estudantes, a dinâmica da política de acolhimento da UNILAB sofre alterações, o que obriga os estudantes que, antes calouros, se tornaram veteranos recém-chegados a buscar novas moradias. O relato do representante da FEGUI destaca as dificuldades enfrentadas nesse processo.

Nesses dias já começaram a chegar novos estudantes. Os que estão no processo de acolhimento, precisam sair, para nós receber para outras pessoas. Mas o grande problema é a questão de moradia. Eles estão procurando a casa para alugar, mas está sendo difícil. Alugar está sendo difícil. Mas a dificuldade é encontrar as casas. Estão procurando casas (REPRESETANTE DA FEGUI, 2024).

Ele menciona que, no processo de acolhimento, os estudantes precisam desocupar os espaços para abrir lugar aos novos, mas o grande desafio é encontrar moradias disponíveis a preços acessíveis. Apesar de estarem em busca de casas para alugar, a procura tem sido difícil devido à escassez de imóveis, aos altos preços e à preferência de alguns locadores por não alugarem para imigrantes.

Só pra dar um exemplo. Um dia eu tava conversando com um amigo. Ele me disse que conseguiu uma casa. Era pra ter pagado fiança. Sabe o que a dona casa disse? Não, eu vou dar prioridade ainda para o brasileiro. Vou dar prioridade. Mas você pode esperar um prazo. O proprietário da casa entrou. Para esperar esse caso, não conseguiram. Veja aí. Mas o menino está com dinheiro na altura para dar avanço. Mas mostrou a possibilidade de que a prioridade é para o brasileiro, a prioridade é para o Brasileiro, só para você ter uma noção. (REPRESETANTE DA FEGUI, 2024).

Os locadores priorizam alugar as moradias para brasileiros. Devido à falta de controle da instituição sobre essas circunstâncias e à xenofobia enfrentada pelos estudantes africanos, os programas de acolhimento e residência da UNILAB precisam ser renovados.

Entretanto, existe um processo até que o programa seja renovado. Ao questionar os representantes sobre o que ocorre com o estudante internacional que não consegue alugar uma casa, a dúvida é como ele se sustenta enquanto aguarda a renovação da bolsa de acolhimento e como as associações lidam com essa situação.

É algo muito complicado. É algo muito complicado, porque nós como associação temos as nossas limitações. O fato de eu ser presidente não determina que eu tenha capacidade para resolver tudo. Não tenho, e eu reconheço as minhas limitações. Então eu acho até onde é a minha obrigação. Por exemplo, sobre a habitação, muitas das vezes, quando nós notamos que um estudante está sem recursos, ele junta-se a mais dois, se calhar um, que tenham como pagar o aluguel, ele fica lá por um tempo, até ver se é aprovado de novo o sistema de acolhimento, para não ter que passar necessidade. Porque eu não admitiria e nem ficaria feliz em saber que eu estou numa casa coberta e um irmão meu está fora na rua. Então a gente vai usando esse sistema. Algumas vezes as pessoas mais próximas se disponibilizam logo, nas outras vezes, vai lá com alguém que ele se sinta à vontade, também para não gerar aquele clima de desconforto. Então ele vai para a casa da pessoa e passa lá um tempo para ser acolhido. Teve mesmo o caso do estudante que tiver perdido o auxílio. Ele ficou na casa em que ele estava com os outros de boa, né? Não tem auxílio emergencial nem nada. Então os outros colegas ajudaram ele, tanto é que ele tem assim alguns valores que pagavam para ele ter acesso ao RU, ao restaurante universitário, por parte desses mesmos colegas. E a associação quando nota isso, se mobiliza a fim de fazer uma vaquinha, fornecer ao próprio estudante (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

A estratégia mencionada pelos representantes consiste em uma rede de apoio organizada pelas associações, onde estudantes sem recursos para pagar aluguel moram temporariamente com colegas que têm condições de arcar com os custos. Isso acontece até que o sistema de acolhimento seja reativado ou até que o estudante consiga uma solução alternativa, evitando situações de vulnerabilidade, como ficar na rua. A preocupação com o bem-estar dos colegas e a solidariedade entre os estudantes são essenciais nesse processo.

Como aponta Truzzi (2008) os indivíduos em redes possuem habilidades não apenas de fornecer informações, mas também recursos financeiros. As associações em termos de recursos possuem suas limitações, ainda assim, essa rede se mobiliza para ajudar sempre que possível, seja por meio de campanhas de arrecadação (como "vaquinhas") ou pelo apoio coletivo dos colegas. Mesmo quando um estudante perde os auxílios da UNILAB, ele pode contar com a ajuda de outros alunos dispostos a contribuir para garantir seu acesso à alimentação básica, como o restaurante universitário.

Após esses relatos, que evidenciam a vulnerabilidade dos estudantes em aspectos como moradia e alimentação passaram a focar na relação entre o estudante internacional e a UNILAB/BA, começando por questionar os representantes sobre como a universidade se mobiliza para atender às suas necessidades.

Para iniciar, as primeiras respostas dos representantes indicam a falta de atendimento das necessidades.

Não. Eu afirmaria que não. Porque é assim, a UNILAB tem 14 anos de existência. O Campus do Malês vai fazer agora 10 anos de existência. Diz-se há muito tempo que a universidade é algo novo. 10 anos é uma década. Tempo suficiente para resolver certos problemas. É simples resolver algumas questões. Então eu afirmaria que a UNILAB não atende às nossas necessidades. Por exemplo, nós temos a questão do racismo e xenofobia. Quem começa a resolver esse problema são as associações. Nós começamos a ter contato com superintendência dos direitos humanos por causa da AESA porque nós fomos à Comigrar, na Conferência de Migração, e eu estava na mesma mesa que o superintendente, e ele disse que nós temos africanos, que são bem tratados, a gente lida muito bem, e ele não sabia que tinha um africano na sala. Até eu começar a falar, ele disse, não, nós temos que reunir, temos que ver essas situações todas com você, porque eu não estava sabendo. Que eu não acreditei no momento, porque ele é superintendente, nós estamos aqui há muito tempo, eu não acreditei. E sempre que ele tentava falar, eu rebatia, então ele disse, não, então temos que marcar reunião. Vimos da Comigrar, duas semanas depois, ou uma semana, a gente se reuniu e falamos sobre os nossos problemas, eles ficaram atentos a essas questões. Mas quando tentamos levar a própria direção do campus, afirmou não ter tempo para resolução desse problema (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

O campus do Malês em seus 10 anos de existência, ainda não adotou estratégias eficazes para resolver os problemas dos estudantes internacionais e, até hoje, não possui um campus próprio. A estrutura do Campus do Malês é cedido pela prefeitura. Os estudantes reclamam não apenas da ausência física da instituição, mas também da falta de ações concretas para, junto aos estudantes internacionais, resolver os seus conflitos. O racismo e a xenofobia são dois problemas que são enfrentados e mitigados pelas associações, assim como as questões relacionadas à moradia e ao acolhimento. No entanto, há uma imagem vendida de que os africanos estão sendo bem tratado na Bahia, o que não corresponde à realidade. Sobre isso, a representante da CMA faz a seguinte observação sobre a UNILAB.

Primeiramente, a UNILAB é uma política que precisa ser revisada e pensada. Porque não adianta pensar numa cooperação histórica, porque a UNILAB foi criada a partir de uma reparação histórica do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Então, quando fizeram esse projeto, foram pensadas em dois estados, no Ceará e aqui na Bahia. Então, começaram a luta política, ficou na redenção, e aqui na Bahia, em São Francisco do Conde, pensando numa maioria das populações negras, pretas que se identificam com a causa, mas que é uma farsa. Porque não adianta a reparação política trazendo estudante de uma forma, e hoje em dia, eles estão reproduzindo o mesmo conceito da colonização. Apesar de que hoje, você se inscreve e vem, mas antes foram tirados bruscamente aqui mão de obra para trabalhar numa situação precária as pessoas morrem. E hoje está fazendo isso de uma forma mais civilizada. Porque essas pessoas que tão recebendo o dinheiro deles, tem vida e a diretora tá fazendo... Imagina, você tem uma Unilab que não tá dando conta. E tá pensando em criação de outra universidade. E você nem tá dando conta dessa universidade, nem que nem tem campus, estruturado. Nunca saiu pra fazer uma visita, desde 10 anos da Unilab, 14 anos, pra ver onde esse estudante mesmo mora. Qual são as vidas desse estudante? Quais são as políticas? Porque as políticas se fazem pra ser implementadas, pra ser votadas, mas você não tem de braço aberto. [...] Ok, porque se você morrer, vamos enterrar aqui. Desumanização. Porque os nossos que vieram foram mortos e ficaram aqui. Então a gente tá pagando esse mesmo dilema desse processo escravocrata que hoje em dia está em no modelo mais atual. Então estão reproduzindo dentro da Universidade que falam que é para o estudante negro, que

tem uma entrada em mente que são para pessoas negras. Mas é uma mentira, uma farsa, porque não estão fazendo nada. Fazendo depois dos africanos. Está trazendo as pessoas para passar miséria. Passaram até fome aqui, fizemos ocupação por causa da comida. Ocupação de 20 dias na Universidade, eu era protagonista lá mesmo. Fazendo comida, mas porque é necessário lutar? Vamos continuar a lutar. Não é fácil ser mulher na universidade, acredite. Não é, porque às vezes ali mesmo na luta. Você tem vontade mesmo de sumir daqui. Mas você lembra. Mas você lembra que terão as pessoas que virão, ainda tem pessoas. Então precisamos dar continuidade, porque se estamos aqui é porque tem pessoas que lutaram pra a gente estar aqui. Então precisamos, mas não é fácil, não é fácil a UNILAB (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

É urgente revisar as políticas internas da UNILAB/BA, especialmente considerando que a criação do campus dos Malês foi motivada pela importância histórica de São Francisco do Conde, uma das primeiras cidades a lutar pela abolição da escravatura. No entanto, a representante da CMA aponta que a causa da reparação histórica não tem sido adequadamente reconhecida. As comunidades de São Francisco do Conde parecem mais preocupadas com uma reparação interna do que com questões externas, refletindo-se em uma recepção pouco acolhedora à comunidade africana internacional, que enfrenta relatos frequentes de racismo, xenofobia e machismo.

Além disso, não há mapeamento adequado das moradias dos estudantes africanos nem esforços para entender suas condições de vida no Brasil. Sem políticas institucionais que os amparem, os estudantes se veem obrigados a ocupar os espaços e lutar por seus direitos. Apesar das dificuldades, continuam a se organizar para receber os novos ingressantes, seguindo o exemplo de seus veteranos, embora essa tarefa seja desafiadora e árdua.

Representantes da AESA, FEGUI e ASSEMU criticam as políticas de auxílio e acolhimento, apontando a necessidade de revisão. No entanto, mantêm uma visão positiva sobre o ensino na UNILAB e as boas relações com os servidores públicos e docentes, tema que, pelos objetivos dessa dissertação, não foi abordado.

#### **4.7. O ASSOCIATIVISMO COMO REDE MIGRATÓRIA.**

No tópico anterior, foram discutidos outros tipos desafios e dificuldades da convivência dos estudantes internacionais fora do âmbito acadêmico além do preconceito racial, migratório e de gênero. A sua principal dificuldade reflete em problemas socioeconômicos e baixa assistência da UNILAB sobre esse cenário.

A UNILAB apresenta-se enquanto uma rede migratória na medida em que disponibiliza em suas políticas institucionais e internacionalizadoras informações, opções de cursos, suporte e orientação para uma estadia temporária e permanente.

A UNILAB é uma universidade materializada na interiorização e internacionalização e tem como objetivo a formação de quadros qualificados dos estudantes PALOP. As associações servem inicialmente de redes sociais para mitigar os danos da mobilidade e da convivência no contexto de São Francisco do Conde. Além disso, em momentos de falhas das políticas da instituição, são as associações que servem na assistência da mitigação de danos.

Soares (2002) aponta que uma rede migratória é uma variante particular de uma rede social. Possuindo características únicas, e é determinada pelos ambientes sociais que conecta, é de fato, uma variante por possuir várias redes sociais ou mecanismos de mobilidades internacionais ao seu redor.

Sobre essa afirmação, busca-se compreender se as associações tornam-se redes migratórias, influentes na decisão de novos migrantes para a UNILAB.

Segundo os representantes, algumas associações destacaram positivamente a influência dessas redes. No entanto, nem todas consideram a UNILAB/BA o melhor lugar para estudar, não devido à qualidade do ensino, mas em razão dos conflitos com os nacionais citadinos e da insuficiência de auxílios adequados. [...] a associação contribui sim. Por exemplo, nós não começamos a ter contato com os estudantes internacionais quando eles chegam. É quando eles estão lá. Nós temos um grupo do WhatsApp, na verdade eles criam um monte de grupos para interagir. A gente identifica alguém que vai vir e pede para nos adicionar no grupo, nos apresentamos e criamos o plantão que era dúvida. Esse plantão que era dúvida é para esclarecer que documentos que eles devem tratar e fazer essa ponte entre a própria instituição e os estudantes que vão chegar. Por exemplo, eles têm que chegar até o dia 22. Mandou um e-mail para o Inter pedindo que se alargasse o tempo, que foi negado na primeira instância, mas a gente pediu que os estudantes também invadissem o correio eletrônico deles em massa.

Pensa que os estudantes fizeram tanto que eles até dia 5, né, para chegarem aqui, dia 5 de agosto. Então, automaticamente a gente começou a ter uma influência sobre os estudantes internacionais. Outrossim, também, alguns nos perguntam se vale a pena vir na UNILAB. E a minha opinião tem muita influência sobre eles, porque eu já tô aqui, eu vivo aqui, eu sei o que passa. E normalmente eu não costumo mentir nas pessoas, né? Eu se me perguntassem, você incentivaria um familiar teu a vir aqui? Não incentivaria.

Tanto é que eu não incentivo nenhum dos meus familiares a virem pra aqui. Tenho irmãos agora emigrando pra Europa, e eu digo, é melhor nisso que pensar em vir aqui. Porque muita gente que vem aqui abandona o emprego em Angola. Você que já estava acostumado a ter um valor mensal, conseguir resolver os seus problemas, e aqui tem que se adaptar na dependência que a UNILAB te gera, é muito complicado. Então a opinião que eu vou dar sobre a UNILAB nos estudantes que ainda estão em Angola vai pesar muito.

Muito mesmo, a conta de alguns chegarem aqui, se calhar irem embora. Por que que muita gente chega aqui e vai embora para Santa Catarina, para São Paulo. Porque os estudantes que estão aqui dizem que são os estados mais fáceis deles se adaptarem depois. Porque eles vão conseguir encontrar um emprego para além dos estudos. Então muitos estudantes que vêm já vêm para a com a ideia de ir embora, porque os que estão aqui acaba, influenciado extremamente a opinião deles, na decisão deles. E essa decisão de vir pra cá (REPRESENTANTE DA AESA, 2024).

As redes exercem influência na decisão de imigrar, reforçando seu papel como auxiliares e fontes de informação para os estudantes. Elas apresentam os documentos

necessários tanto para a regularização no Brasil quanto para a efetivação da matrícula. Por meio de "plantões" em grupos de WhatsApp, os estudantes internacionais da UNILAB esclarecem dúvidas dos novos migrantes e promovem ações que facilitam o ingresso desses estudantes.

Os agentes em contatos com essas comunidades que já passaram pela mobilidade internacional recebem um conjunto de conhecimentos migratórios, sejam eles simbólicos ou materiais. Oliveira e Kulaitis, (2017) chamam esses elementos de capital de mobilidade, por se manifestar aos futuros imigrantes em diversos aspectos, como formalidades administrativas, procedimentos de viagem, língua, costumes e documentos.

No âmbito do desenvolvimento do capital de mobilidade por essas redes associativas, as informações sobre a realidade local são fornecidas com tal veracidade que, muitas vezes, desencorajam a mobilidade de familiares dos estudantes. Assim, os estudantes internacionais que chegam ao Brasil e ingressam na UNILAB estão cientes dos riscos que podem enfrentar no dia a dia. Como resultado, muitos acabam migrando com a intenção de se estabelecer em outras regiões.

Essas experiências vividas pelos estudantes internacionais, juntamente com as informações acumuladas, ampliam suas possibilidades de migração. Oliveira e Kulaitis (2017) afirmam que o acesso a essas informações e experiências contribui para a formação do habitus imigrante<sup>6</sup>.

Em caso da mobilidade ser bem sucedida, a UNILAB torna-se uma ponte para o ingresso inicial, e posteriormente os novos estudantes internacionais migram com a partir das suas experiências e informações para outros estados e/ou outras universidades.

Enquanto existem as associações sobre a perspectiva de ser uma rede migratória que são AESA, FEGUI e ASSEMU, que reforçam quais são os pontos positivos e negativos de estudarem no Brasil, e prestam suporte para aqueles que desejam ingressar.

Outras associações serão geradoras de capital de não mobilidade ou redes não migratórias em específico para a UNILAB, como o caso das Associações ASEA e a CMA.

No caso da ASEA, a preferência é deixar a divulgação a cargo da própria universidade. Já a CMA adota uma postura de desestímulo, reforçando a não vinda.

Na verdade o coletivo não faz isso, tipo de entrar em contato, porque é muito vergonhoso no meu caso, né? Tentar, eu mesmo não vou escolher ninguém da minha família para vir na UNILAB.

---

<sup>6</sup> O habitus imigrante refere-se ao conjunto de disposições, atitudes e comportamentos que os migrantes desenvolvem ao longo do tempo, a partir de suas experiências e informações acumuladas. Ele é moldado por práticas sociais e experiências passadas, como migrações de familiares ou conhecidos, influenciando as decisões dos migrantes, incluindo a escolha de migrar (Oliveira e Kulaitis, 2017, p. 39).

Se fizer um outro processo eu vou ajudar, mas a UNILAB não. Aí, porque não adianta ficarmos incentivando as pessoas a vir para cá sem mostrar a realidade, porque é necessário, a pessoa está consciente de tudo que vai encontrar. Porque aqui não é fácil, a própria cidade não permite, o campus não permite, a estadia aqui é precária. Então, eu como pessoa não incentivo ninguém, mas em nome do coletivo o que fazemos quando as pessoas chegarem fizemos rodas de conversas com as meninas, apresentar o coletivo, se aproximar. Porque precisa desse acolhimento, é necessário, a gente precisa.

Porque, pelo menos, se você tem uma rede de acolhimento com a precariedade do que você encontra, você acaba se sentindo contemplada (REPRESENTANTE DA CMA, 2024).

A CMA opta por não divulgar ações que incentivem a mobilidade internacional de mulheres para a UNILAB, considerando como vergonhosas as situações em que muitas acabam inseridas. No entanto, para aquelas que insistem em migrar, o Coletivo das Mulheres Africanas oferece acolhimento às novas estudantes.

Nas redes sociais e migratórias, identificam-se três fatores principais: estímulo, desestímulo e impulso. A gratuidade da educação e a qualidade do ensino atuam como estímulos à vinda de estudantes. Contudo, a realidade administrativa da UNILAB desmotiva a mobilidade de alguns. Paralelamente, essas redes fornecem informações que incentivam os estudantes a buscar alternativas fora da universidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre o Brasil e a África, fortalecidas pelas cooperações Sul-Sul, contribuíram para o desenvolvimento de um sistema migratório coeso, sustentado por vínculos históricos, culturais e diplomáticos. Esse sistema posiciona o Brasil como uma rota estratégica dentro da CPLP, com especial destaque para a comunidade dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). A afinidade cultural e linguística, associada aos acordos de cooperação, fortalece as trocas acadêmicas e a mobilidade entre essas nações.

Um marco importante nesse contexto foi à criação da UNILAB, instituída em 2010 pela Lei nº 12.289. Como Universidade Pública Federal, a UNILAB foi concebida com o princípio de cooperação solidária entre os povos, buscando estreitar os laços com o continente africano por meio de projetos educacionais, científicos e culturais. A universidade se tornou um símbolo das relações Sul-Sul, consolidando o papel do Brasil como destino central para estudantes africanos.

Para fortalecer esse sistema migratório, os países africanos têm demonstrado interesse em aprofundar a relação com o Brasil, priorizando o envio de estudantes como fator central dessa parceria. Essa mobilidade acadêmica não apenas sustenta a cooperação bilateral, mas também promove o intercâmbio de conhecimentos e experiências, reforçando os laços históricos e culturais que conectam o Brasil aos PALOP.

A mobilidade da comunidade PALOP pode ser enquadrada em duas categorias principais: migração qualificada e migração transmigrante. A migração qualificada refere-se à saída de indivíduos em busca de formação acadêmica, com o objetivo central de contribuir para o desenvolvimento de quadros técnicos e intelectuais em seus países de origem. Esses estudantes são frequentemente selecionados e apoiados por iniciativas que visam promover o progresso socioeconômico e institucional nas nações africanas de língua oficial portuguesa.

Por outro lado, a migração transmigrante ressalta que a presença de estudantes internacionais não deve ser entendida como um processo de desenraizamento. Esses estudantes mantêm múltiplas interconexões, sejam culturais, sociais ou econômicas, tanto com seus países de origem quanto com o país de destino.

Na primeira categoria, com base no desenvolvimento da dissertação, destacam-se dois aspectos considerados "qualificados" na mobilidade dos estudantes da comunidade PALOP. O primeiro é a possibilidade de ocupar um espaço universitário e utilizá-lo estrategicamente em seu benefício. O segundo é a formação acadêmica, que contribui para a geração de capital humano voltado ao desenvolvimento de seus Estados-nação.

Entretanto, ao analisar os relatos dos representantes das associações, percebe-se que a trajetória, convivência e insistente permanência desses estudantes no contexto do Recôncavo Baiano estão longe de ser qualificadas. A experiência do estudante africano extramuros acadêmico revela um cenário desafiador, marcado pela persistência de problemas estruturais. Apesar de a UNILAB existir há mais de 10 anos em São Francisco do Conde, questões como racismo, machismo e xenofobia ainda permeiam o cotidiano desses indivíduos, comprometendo a qualidade de sua vivência no país de acolhimento.

Os desafios enfrentados pelos estudantes africanos manifestam-se de diversas formas. Eles são frequentemente estigmatizados pela associação do negro africano à pobreza e à inferiorização, além de lidarem com o reducionismo que trata o continente africano como se fosse um único país. Em alguns casos, são acusados de apropriação cultural; em outros, são generalizados sob a designação de "o africano".

A xenofobia também impacta suas experiências, limitando suas possibilidades de socialização a interações com outros estudantes internacionais ou nacionais do meio acadêmico. Muitos são vistos como ocupantes indevidos de espaços que, supostamente, deveriam ser reservados aos estudantes brasileiros.

Além disso, sua presença internacional frequentemente gera tensões socioeconômicas. Por serem identificados como estudantes acadêmicos, sua chegada é associada ao aumento dos aluguéis nas comunidades locais. Nesse contexto, enfrentam desafios relacionados à perda de privacidade e à luta por moradia digna. Muitas vezes, acabam sendo obrigados a dividir espaços com outros estudantes em condições precárias, reforçando a vulnerabilidade de suas trajetórias no país de acolhimento.

Ser estudante do continente africano e negro não garante uma permanência segura e tranquila. Para as mulheres africanas, essa realidade é ainda mais desafiadora, pois os relatos indicam a prevalência de assédio e o constante medo em relação à população masculina local, ampliando as inseguranças enfrentadas no cotidiano.

Embora a mobilidade dos estudantes africanos seja considerada qualificada pela oportunidade de formação acadêmica, os desafios mencionados anteriormente comprometem essa qualificação, tornando sua experiência marcada por adversidades.

Defendemos a categoria do estudante internacional como um indivíduo transmigrante, pois ele não está completamente desenraizado, mantendo conexões tanto com seu país de origem quanto com o novo contexto em que está inserido. Esse estudante carrega consigo práticas transnacionais que vão além dos lares e redes familiares, manifestando-se por meio de associações voluntárias. Essas associações desempenham um papel fundamental,

auxiliando na adaptação dos recém-chegados ao novo ambiente e preservando práticas e valores das nações de origem.

O caráter transmigrante, que conecta o estudante à sua pátria, impulsiona a criação de associações. Essas associações, por sua vez, reivindicam a preservação de tradições culturais e lutam por políticas que assegurem os direitos dos imigrantes, promovendo espaços de resistência e fortalecimento identitário.

A atuação das associações fora dos espaços acadêmicos, embora ainda mínima, tem como objetivo combater o preconceito relacionado ao continente africano, à presença internacional dos estudantes e à necessidade de respeitar as mulheres africanas em São Francisco do Conde.

Quando impossibilitados de ocupar esses espaços de fala, seja pela falta de apoio institucional ou de recursos pessoais, as associações, fóruns e coletivos utilizam os espaços acadêmicos para manifestar suas tradições nacionais e questionar o tratamento que recebem na cidade.

Embora o público principal seja composto por outros estudantes internacionais e estudantes nacionais, e existam associações distintas, os estudantes internacionais participam ativamente dos eventos organizados por seus colegas como uma forma de manifestar apoio e respeito às atividades, sejam nos eventos acadêmicos ou nas festas.

Além disso, as associações, fóruns e coletivos funcionam como redes sociais e migratórias, oferecendo um espaço crucial para evitar o isolamento do estudante internacional e mitigar os desafios enfrentados ao longo de sua trajetória e convivência no Brasil.

Como redes migratórias, são os próprios estudantes que organizam plantões para tirar dúvidas dos recém-chegados. Essas informações ajudam a facilitar a adaptação dos novos estudantes, oferecendo suporte prático e emocional durante sua chegada e permanência.

Assim, compreendemos que as associações, assim como outras redes como o fórum e o coletivo, são as principais vias de resistência, sobrevivência e permanência dos estudantes. Elas são os principais espaços de apoio e fortalecimento coletivo e democrático, onde os estudantes podem se articular para enfrentar os desafios que surgem. Na ausência dessas redes, as atuações dos estudantes teriam significativamente menos impacto, dificultando sua adaptação, mobilização e luta por direitos, reconhecimento e valorização da sua presença na UNILAB e, especialmente, da cidade de São Francisco do Conde/BA.

Por fim, esta dissertação contribui ao abordar as contradições nos fluxos migratórios qualificados de estudantes internacionais africanos, sem desconsiderar o caráter subjetivo de suas vivências cotidianas no Nordeste. Além disso, oferece articulações interseccionais sobre

raça, gênero, classe e xenofobia no cotidiano desses estudantes, ao identificar formas de atuação por meio de associações e os desafios e estratégias que fortalecem sua coesão.

No entanto, o trabalho apresenta limitações, pois se restringe teoricamente somente ao uso de conceitos da sociologia das migrações para analisar o fenômeno da mobilidade de estudantes internacionais. No campo empírico, a dissertação concentra-se apenas nas contribuições dos representantes das associações, do fórum e do coletivo, deixando de incluir outros estudantes internacionais, o que reduz seu potencial de coleta de dados sobre a classe desses estudantes. Os relatos sobre a classe ficaram limitados às dificuldades financeiras relacionadas às altas taxas de aluguel em São Francisco do Conde, sem aprofundar as especificidades sobre a renda dos estudantes.

As lacunas do trabalho não se limitam às especificidades de renda, mas também incluem a ausência de um debate mais aprofundado sobre as identidades nacionais, costumes e religiosidade dos estudantes. Além disso, a falta de aplicação de questionários direcionou o estudo para um enfoque predominantemente associativo da vida do estudante internacional, fundamentado nos relatos dos representantes das associações. Entretanto, o debate sobre as migrações de estudantes internacionais continuará na tese de doutorado, que visa investigar as lacunas deixadas na dissertação e compreender o que há de qualificado na mobilidade dos estudantes africanos no interior do Nordeste brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOITES, Hugo. La educación superior latinoamericana y el proceso de Bolonia: de la comercialización al proyecto tuning de competencias. *Cultura y representaciones sociales*, [s. l.], ano 5, n. 9, p. 122-144, Setembro 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/crs/v5n9/v5n9a3.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Albuquerque, R. D. L. D. S. Associativismo, capital social e mobilidade contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal. Tese de Doutoramento em Sociologia Universidade Aberta. Lisboa. 2008.

Altbach, Philip (2003) “Foreign Study: Changing Patterns and Competitive Challenges”, Boston College, *International Higher Education*, N° 30, Winter 2003.

Altbach, PG e Knight, J. (2007). A Internacionalização do Ensino Superior: Motivações e Realidades. *Revista de Estudos em Educação Internacional*, 11 (3-4), 290-305. <https://doi.org/10.1177/1028315307303542>.

Altbach, Hans (2007) “European Integration in Higher Education: The Bologna Process Towards a European Higher Education Area”, in Forest, James, and Altbach, Philip *International Handbook of Higher Education*, Dordrecht, Springer, 2007, p. 461-482.

Baganha, Maria I. *The Lusophone Migratory System: Patterns and Trends*. *International Migration*, [s. l.], v. 47, 2009.

Bauman, Zygmunt; *Modernidade Líquida*. 1. ed. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 1999. p. 1-258.

BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina; SZANTON-BLANC, Cristina. *Nations unbound: Transnational projects and the deterritorialized nation-state*. New York: Gordon and Breach, 1994.

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112289.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112289.htm). Acesso em: 5 de nov. 2024.

Brumes. *Redes em espaços migratórios: Uberlândia – MG*. 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2010.

Carneiro, Cynthia Soares. Discriminação e preconceito em migração qualificada para o Brasil: restrições relatadas por estudantes na Universidade de São Paulo. *PERIPLOS | GT CLACSO - Migración Sur-Sur | Volume 02 - Número 01*. 2018.

CÓ, J.P.P. (2011). *Filhos da independência: etnografando os estudantes Bissau-guineenses do PEC-G em Fortaleza-CE e Natal-RN*. Dissertação de mestrado, Programa de pós graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

CRESWELL, Tim (2006), *On the move: Mobility in the modern Western World*, New York, Routledge.

De Wit, Hans (2007) Internationalization of higher education in the United States of America and Europe. Thesis (PhD in Humanities). University of Amsterdam, 2001. Disponível em: <https://dare.uva.nl/search?identifier=7f8def8d-699c-4812-ac69-0ab486926488>.

DIÓGENES, Camila Gomes; AGUIAR, José Reginaldo (Org.). *UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul*. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2013. 120 p.

Djaló, Mamadú. Relações Sul-Sul: A cooperação Brasil-Guiné-Bissau na educação superior no período de 1990-2011. Orientador: Elizabeth Farias da Silva. 2014. 279 p. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123195?show=full>. Acesso em: 21 fev. 2024.

Ennes, Marcelo Alario et al. Mobilidade estudantil internacional brasileiros para Portugal: algumas considerações a partir da ideia do corpo-migrante. In: II Congresso Internacional sobre Migração e Diáspora Acadêmica Brasileira - Braga, Portugal, 2023. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/iicimdab/trabalho/291745>. Acesso em: 03/03/2024 às 23:11.

FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO DA ABEP, XIII, 2002, Ouro Preto/MG. Anais da ABEP. Ouro Preto-MG: UFOP, 2002.

Fazito, D., & Soares, W. (2010). Capital social, análise de redes e os mecanismos intermediários do sistema migratório Brasil/EUA. *Revista Geografias*, 6(1), 27–41. <https://doi.org/10.35699/2237-549X.13280>.

FRANCO, M. C. Quando nós somos o outro: Questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 72, Agosto, 2000.

Fiori, José Luís. “O Brasil e seu ‘entorno estratégico’ na primeira década do século XXI”. In Sader, Emir. (org.). *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013, p. 31-51.

Fusco, Wilson. Editorial - Dossiê "Migrações em Países Lusófonos". *Cadernos de Estudos Sociais*, Espírito Santo, v. 33, n. 2, p. 1-6, jun./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1812>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FONSECA, Dagoberto. A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 23-44, jan. /abr., 2009.

Glick Schiller, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration. In: *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*, et. Nina Glick Schiller, Linda Basch and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

Glick SCHILLER; GLICK, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. *Cadernos Ceru*, série 2, v. 30, n. 1, jun. 2019.

Goes, A; Souza, Marcelo; Ennes Marcelo. Mecanismos de solidariedade étnica/nacional e imigração: Chineses e sul coreanos em Aracaju, Brazil. *Plural*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 90–113, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.peso.2020.171530. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/171530>.. Acesso em: 15 mar. 2024.

GOMES, Nilma L.; VIEIRA, Sofia L. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso-Afrobrasileira (UNILAB). *Revista Lusófona de Educação*, [s. l.], ed. 24, p. 81-95, 2013

Gusmão, N. M. M. de. (2012). AFRICANOS NO BRASIL, HOJE: IMIGRANTES, REFUGIADOS E ESTUDANTES. *Revista TOMO*, (21), 13–36. <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i21.895>.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. *A Política Externa do Governo Lula para a África: A experiência da Unilab*. Ceará: EdUECE, 2018. 229 p. ISBN 978-85-7826-659-2.

HIRSCH, O.N. (2007). “Hoje eu me sinto africana”: processos de (re)construção de identidades em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Iorio, Juliana; Fonseca, Maria Lucinda. Estudantes brasileiros no ensino superior português: Construção do projeto migratório e intenções de mobilidade futura. *Finisterra*, Portugal, v. 8, n. 19, p. 3-20, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/14556>. Acesso em: 7 fev. 2024.

Kabunda; Fonseca, Dagoberto José. *Diáspora africana e a imigração da era da globalização: experiências de refúgio, estudo e trabalho*. Curitiba: CRV, 2015, pp. 107-123.

KELLY, P. F. (1995), “Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration”. In: PORTES, A. (org.). *The economic sociology of immigration*. Nova York, Russell Sage.

Knight, Jane. *Higher Education in Turmoil: The Changing World of Internationalization*. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. 253 p. ISBN 978-90-8790-522-4.

Knight, Jane. Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. *Journal of Studies in International Education*, Estados Unidos, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2008. DOI 10.1177/1028315303260832. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315303260832>. Acesso em: 14 nov. 2023.

KRITZ, Mary M., Lin L. LIM e Hania ZLOTNIK (Ed.) (1992), *International Migration Systems. A Global Approach*, Oxford, Clarendon Press.

KRITZ, Mary M. e Hania ZLOTNIK (1992), “Global interactions: migration systems, processes, and policies”, in M.M. Kritz et al. (Ed.), *International Migration Systems. A Global Approach*, Oxford, Clarendon Press, pp. 1-16.

Lima, Manolita Correia. Mobilidade mundial de estudantes. *Muralpesquisa*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 66-69, ago/dez 2009. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/23837>. Acesso em: 19 mar. 2024.

LAIER, A. C. ; LAMAS, F. G. . Identidades em Fluxo: a diáspora universitária, acadêmica e profissional de cabo-verdianos e guineenses no Brasil.. In: 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2020, Rio de Janeiro. *Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Rio de Janeiro: ABA, 2020. v. único. p. 1-14.

Lavor, Ana Ariane Araújo de. Transmigrantes estudantis e as “redes de camaradagem” como estratégia na mobilidade de moçambicanos no Brasil. *Boletim Gaúcho de Geografia, Espírito Santo*, v. 48, n. 1, p. 273-287, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/118648>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Langa, Ercilio Neves Brandão. Associativismo estudantil africano no Brasil: diáspora, raça, gênero e luta por reconhecimento (2010-2017). *O Público e o Privado, Ceará*, n. 41, p. 279-311, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/5456>. Acesso em: 26 fev. 2024.

Langa, Ercílio Neves Brandão . (2016). *Diáspora Africana no Ceará no Século XXI: ressignificações identitárias de estudantes imigrantes*. 563 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza.

LUCHILO, L. (2013) “ESTUDIANTES EN MOVIMIENTO: PERSPECTIVAS GLOBALES Y TENDENCIAS LATINOAMERICANAS”, EN PELLEGRINO, ADELA (COORDINADORA) *LA MIGRACIÓN CALIFICADA DESDE AMÉRICA LATINA: TENDENCIAS Y CONSECUENCIAS*, MONTEVIDEO, EDICIONES TRILCE, ISBN 978-9974-32-626-2, P. 63 A 90.

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*: subtítulo da revista, v. 29, n. 85, p. 160-226, 2014.

MABOGUNJE, A.L. 1970 SYSTEMS APPROACH TO A THEORY OF RURAL-URBAN MIGRATION”, *GEOGRAPHICAL ANALYSIS*, 2(1): 1–17.

Malomalo, Bas´Ilele. A integração Brasil-África: uso e sentido da cooperação solidária nos discursos de Luiz Inácio Lula da Silva. In: Freitas, Raquel Coelho de; Machado Segundo, Hugo de Brito (Org.). *Democracia, equidade e cidadania*. Curitiba: CRV, 2015. p. 70-91.

BEZERRA HELENO, M. G.; MARTINS, M. D. Cooperação ou dominação? A política externa do governo Lula para a África. *Tensões Mundiais, [S. l.]*, v. 10, n. 18,19, p. 125–143, 2018.

Marteletto, Regina M. Análise de Redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

Massey, Douglas S. et al. *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. Oxford: Clarendon, 1998. Cap.2. Contemporary theories of international migration. p.17-59.

Ministério das Relações Exteriores. MRE. Ministério das Relações Exteriores: Sobre o Programa. In: Ministério das Relações Exteriores. MRE. Sobre o Programa PEC-G. [S. l.], 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre>. Acesso em: 26 out. 2023.

Mungoi, D. M. D. C. J. (2006). “O Mito Atlântico”: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Ngomane, Yara Neusa. (2010). *Estudantes moçambicanos em Belo Horizonte: uma discussão sobre a construção identitária e de redes de sociabilidade*. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

OLIVEIRA, Márcio De; KULAITIS, Fernando. (2017) *Habitus Imigrante e Capital de Mobilidade: a Teoria de Pierre Bourdieu Aplicada aos Estudos Migratórios*. *Revista Brasileira de Sociologia*, p. 15-47.

Padilla. B. França, T. “Mobilidade científica e imigração : situando o debate” , *Fórum Sociológico* , 27 | 2015, 7-10.

Patarra, Neide Lopes. (Org). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP. 2 ed. 2006.

Peixoto, J. *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. *Socius Working Papers* n.11. Centro de Investigação em Sociologia Económica das Organizações (SOCIUS), Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2004.

Pedone, C., & Alfaro, Y. (2018). Editorial - Migração qualificada na América Latina.: Uma revisão das abordagens teórico metodológicas e seus desafios. *Périplos: Revista De Estudos Sobre Migrações*, 2(1).

PINTO, Marialva Moog; LARRECHEA, Enrique Martínez. *Internacionalização da educação superior: uma análise das tendências de mobilidade dos estudantes entre países do norte e do sul global*. *Avaliação*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 718-735, nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/NY74QGj4jxqxJPzKV6Zxtzj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2024.

Portes, Alejandro 1999 *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta Editora.

PORTES, Alejandro e József BÖRÖCZ (1989), "Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation", *International Migration Review*, Vol. 28, Nº 3, pp. 606-630.

Reis, Leodineia C. Estudantes PALOP/UNILAB: encantos e desencantos além do Atlântico na UNILAB. 2020. Dissertação (Obtenção do Título de Mestre) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, [S. l.], 2020.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2010), "Associativismo em contexto migratório", in HORTA, Ana Paula Beja (org.), *Revista Migrações - Número Temático Associativismo Imigrante*, Abril 2010, n.o 6, Lisboa: ACIDI, pp. 39-5.

Rossi, Maria. Associativismo migrante: Participação e representação. *Revista Ágora*, Espírito Santo, n. 16, p. 37-51, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5014>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Salt, John (1989), "A comparative overview of international trends and types, 1950-80", *International Migration Review*, Vol. 23, Nº 3, pp. 431-456.

SANTOS, Bruno de Menezes. ASSOCIATIVISMO EM CONTEXTO MIGRATÓRIO: REDES DE SOLIDARIEDADE ÉTNICAS DE ESTUDANTES AFRICANOS NO BRASIL. Orientador: Marcelo Alário Ennes. 2024. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR. *Início das atividades da Unilab é festejado*. 1 jun. 2011. Disponível em: <https://www.sct.ce.gov.br/2011/06/01/inicio-das-atividades-da-unilab-e-festejado/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros. A trajetória de uma categoria incomoda no campo político, Porto Seguro, p. 1-20, 2008. 26º Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro.

Silva, Alberto da Costa e. Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Silva, Antonio G. D. A política externa do Governo Lula com a África Lusófona: dimensão política, cooperativa, educacional e econômica. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, [s. l.], v. 15, ed. 22, 2019.

SILVA, A. G. D. D. "O LÁ E O AQUI": A presença de estudantes africanos/as na UNILAB e suas redes de sociabilidades, integração e representatividade de cultura(s). *Kwanissa*, São Luís, n. 5, p. 100-117, 2020.

Soares, Weber. DA METÁFORA À SUBSTÂNCIA: REDES SOCIAIS, REDES MIGRATÓRIAS E MIGRAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL EM VALADARES E IPATINGA. 2002. Tese (Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) - Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG, [S. l.], 2002.

SUBUHANA, Carlos; IMPANTA, Iadira Antonio. Cooperação Solidária: a presença de estudantes da África Lusófona no Brasil. 30a Reunião Brasileira de Antropologia, p. 1-14, 2016.

Staevie, Pedro M. O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE GAÚCHOS EM RORAIMA. 2012. Tese (Obtenção do grau de Doutor em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade Federal do Pará, [S. l.], 2012.

SHELLER, Mimi e Urry, John (2006), “The New Mobilityparadigm”, *Environment And Planning*, A 38, pp.207-226.

Tcham, Ismael. Estar, ficar e retornar: Estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração. 2016. Tese (Obtenção do título de doutor em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2016.

Tilly, Charles. (1990), “Transplanted networks”. In: Yans-McLaughlin, Virginia (org.), *Immigration reconsidered: history, sociology and politics*. Oxford, Oxford University Press, pp. 79-95.

Truzzi, Oswaldo. Redes em Processos Migratórios. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, [s. l.], v. 20, n. 1, Jun 2008.

Truzzi, O.; Monsma, K. Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente. *Sociologias* [online], v.20, n.49, p.18-23, 2018.

Truzzi, Oswaldo; Taniguti, Gustavo T. Migrações internacionais na agenda sociológica contemporânea. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v. 27, n. 1, p. 5-8, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/171523/161908>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Unilab em Números (2011.1 - 2022.1). Graduação, 2023. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiN2UzODAwYzctMTkxOC00NzkwLWE5YWVtYWJmZDI5MWYyODY2IiwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVkMSJ9> Acesso: 23/10/2023.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Unilab em Números (2022.2). Graduação, 2023. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiN2UzODAwYzctMTkxOC00NzkwLWE5YWVtYWJmZDI5MWYyODY2IiwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVkMSJ9> Acesso: 01/11/2023.

UNILAB. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Sobre a Unilab. In: *Sobre a Unilab*. [S. l.], 2010. Disponível em: [https://unilab.edu.br/sobre-a-unilab/?\\_gl=1\\*1w2401g\\*\\_ga\\*MjA1NjAzMzcyMi4xNjk4MTUwMDQz\\*\\_ga\\_622E2NCDRK\\*MTY5OTQ3NTU5Ni44LjEuMTY5OTQ3NjE2Mi4wLjAuMA..&\\_ga=2.175063077.686427064.1699475596-2056033722.1698150043](https://unilab.edu.br/sobre-a-unilab/?_gl=1*1w2401g*_ga*MjA1NjAzMzcyMi4xNjk4MTUwMDQz*_ga_622E2NCDRK*MTY5OTQ3NTU5Ni44LjEuMTY5OTQ3NjE2Mi4wLjAuMA..&_ga=2.175063077.686427064.1699475596-2056033722.1698150043). Acesso em: 8 nov. 2023.

UNILAB. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Onde estamos. [S. l.], 25 maio 2011. Disponível em: <https://unilab.edu.br/nossos-campi/>. Acesso em: 31 out. 2023.

UNILAB. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Campus dos Malês. [S. l.], 15 abr. 2021. Disponível em: <https://unilab.edu.br/campus-dos-males/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Vargem, Alex; Malomalo, Bas'Ílele. A imigração africana contemporânea para o Brasil: entre a violência e o desrespeito aos direitos humanos. In: Malomalo, Bas'Ílele; Badi, Mbuyi Visentini, Paulo Fagundes. A projeção internacional do Brasil: 1930-2012: diplomacia, segurança e inserção na economia mundial. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.